

## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objecto as frases fixas intransitivas do Português Europeu, mais precisamente as construções verbais fixas com um ou mais complementos preposicionais e sem complementos directos, tais como, por exemplo:

- (1) *O João foi para os anjinhos*
- (2) *A Maria não chega aos calcanhares da Ana*
- (3) *O Pedro passou de cavalo para burro*

Como primeira aproximação a uma definição, podemos dizer que se trata de expressões em que o verbo e um ou mais complementos, e eventualmente o sujeito, são fixos entre si, ou seja, não apresentam variação distribucional; além disso, o significado global ou as propriedades sintácticas da construção não podem, em geral, ser calculadas a partir do significado e das propriedades que cada um dos elementos da expressão apresenta quando empregue separadamente.

Assim, por exemplo: a expressão *ir para os anjinhos* ('morrer')<sup>1</sup> apresenta-se obrigatoriamente com o complemento no diminutivo (*\*O João foi para os anjos*); na construção *não chegar aos calcanhares de* ('ser incomparavelmente inferior a alguém em dado aspecto') não é possível substituir o nome parte-do-corpo por outro (*\*A Maria não chega aos tornozelos / joelhos / canelas /... da Ana*); e, finalmente, na frase *ir de cavalo para burro* ('piorar de condição') não é possível permutar os dois complementos (*\*O Pedro passou para burro de cavalo*) nem colocar qualquer desses nomes no plural (*\*O Pedro passou de*

---

<sup>1</sup> De um modo geral, os exemplos que apresentamos são de uso corrente e não carecem de definição. Sempre que julgarmos necessário, apresentamos definições retiradas (e eventualmente adaptando-as) dos dicionários consultados e que nos pareceram descrever de forma mais clara o significado global (e por vezes até aspectos pragmáticos ou relacionados com o uso) da expressão.

*cavalos para burros*), nem sequer empregar o verbo numa construção transitiva (\**A Maria passou o Pedro de cavalo para burro*). Como é evidente, todas estas restrições decorrem da combinatoria particular que constitui cada uma destas frases fixas.

O objectivo principal deste estudo consiste, pois, no recenseamento sistemático destas construções, a sua classificação formal e a descrição das suas propriedades sintácticas. Restringimo-nos, neste estudo, às construções intransitivas, isto é, sem complementos directos, na medida em que, por um lado, elas constituem um conjunto de dimensões já apreciáveis, e, por outro lado, porque está em curso um trabalho complementar de descrição de construções transitivas directas (Correia, em preparação).

A classificação das construções fixas intransitivas foi feita na perspectiva da elaboração de um Léxico-Gramática da língua portuguesa, isto é, com o objectivo de alistar de forma sistemática e, tanto quanto possível, exaustiva este tipo de construções, descrevendo formal e explicitamente as suas principais propriedades sintácticas, com referência ao Português Europeu. Seguimos, pois, o quadro teórico-metodológico do Léxico-Gramática, desenvolvido por M. Gross (1975, 1982a, 1989, 1996), e baseado nos princípios da gramática transformacional de operadores de Z. S. Harris (1976, 1988, 1991).

O Léxico-Gramática pode ser definido como um modelo da sintaxe limitado às frases elementares das línguas naturais. Uma *frase elementar* pode ser

definida como a expressão sintáctica de um predicado semântico (M. Gross 1996: 244), ou seja, trata-se da construção de base desse elemento predicativo com todos os seus argumentos (sujeito e complementos essenciais) expressos. Neste sentido, na frase:

(4) *O Mário leu um livro*

diz-se que o elemento predicativo (neste caso, o verbo *ler*) selecciona os seus dois argumentos (*Mário* e *livro*) e que a estrutura sintáctica da construção pode ser representada pela fórmula:  $N_0 \text{ ler } N_1$ .

O princípio estruturante desta visão da gramática é o de que o significado das expressões linguísticas só pode ser localizado ao nível sintáctico – ao nível da frase – ou seja, o de que só integrando-os numa construção sintáctica adequada é possível determinar com rigor o significado e as propriedades dos elementos lexicais.

Neste sentido, as frases elementares podem ser construções distribucionalmente livres ou construções fixas. No caso das frases elementares constituídas por construções livres, o elemento predicativo (ou predicador ou elemento nuclear) da construção selecciona os elementos lexicais que podem ocupar as respectivas posições argumentais. No exemplo acima, o verbo *ler*, enquanto verbo pleno (ou distribucional) determina a construção (número e tipo de complementos, regência preposicional, etc.) e as restrições de selecção que impõe ao preenchimento lexical das diversas posições argumentais (no caso, um sujeito humano e um complemento que designa um **texto**). Há uma relação directa entre o significado global da construção e o conjunto de restrições de selecção que se

observam quanto ao preenchimento lexical das várias posições argumentais de um predicador (Harris 1991:5; 61-79).

Ora, as frases fixas podem igualmente ser consideradas frases elementares, na medida em que também são a expressão sintáctica de um predicado semântico. Contudo, nestas construções, um ou mais grupos nominais são distribucionalmente fixos com o verbo e o significado global da expressão não corresponde à soma do significado dos seus elementos constituintes, como é o caso da frase:

(5) *O Pedro emprenha pelos ouvidos*

em que o complemento *pelos ouvidos* é fixo com o verbo *emprenhar* e o significado global da expressão (aproximadamente equivalente a ‘deixar-se levar’, ‘ser facilmente enganado/influenciável por’, etc.), não pode ser calculado a partir do significado que *emprenhar* ou *ouvidos* apresentam quando empregues independentemente<sup>2</sup>. A presença de um nome próprio masculino na posição de sujeito não corresponde a uma distribuição normal do verbo *emprenhar* quando empregue no seu sentido literal (‘ficar grávida’/‘conceber’), numa construção intransitiva. Apesar da ‘aparência’ de complemento locativo, *pelos ouvidos* não responde adequadamente às interrogativas com (*Prep*) *onde?* (P: *Por onde é que o Pedro emprenha* / R: *\*pelos ouvidos*).

De facto, para M. Gross (1988b: 10), uma diferença entre as frases livres e as frases fixas baseia-se no facto de que, em geral, a combinação

---

<sup>2</sup> No *corpus* de trabalho (v. adiante), apenas se encontrou *emprenhar pelos ouvidos* (3 ocorrências); no motor de busca Google, a par desta forma, encontramos as variantes (*emprenhar + engravidar*) (*pelas orelhas + pelos ouvidos*).

verbo-complemento <sup>3</sup> é semanticamente equivalente a um verbo morfologicamente simples, razão por que, num primeiro momento, sugeriu até chamar a estas expressões *verbos compostos*. Este termo, porém, viria a ser posteriormente abandonado a favor do termo *frase fixa*, que aqui adoptamos.

De facto, este último termo recupera, de forma mais explícita (e reforçando-o), o princípio teórico de base do Léxico-Gramática, nomeadamente o conceito de *frase elementar*, confirmando que só ao nível da frase elementar é possível descrever adequadamente o significado e as propriedades sintácticas dos elementos lexicais. Assim, no caso das frases fixas, só é possível localizar o significado global da expressão na combinatória particular, sintacticamente estruturada, dos elementos lexicais que constituem a frase fixa; do mesmo modo, só ao nível da construção sintáctica determinada por um verbo ordinário (ou verbo simples, isto é, numa expressão livre) é possível aferir adequadamente e com algum rigor o seu significado e propriedades sintácticas.

A importância teórica das frases fixas não se esgota, porém, neste único aspecto. Na medida em que, como iremos ver, as frases fixas podem ser sujeitas às mesmas operações transformacionais que observamos nas frases ‘livres’, verifica-se que a aplicação destas operações é essencialmente um processo sintáctico (estritamente formal), na medida em que o significado da construção *não* parece determinar a sua aplicabilidade.

---

<sup>3</sup> Eventualmente, esta combinação pode envolver o sujeito, se este também for fixo com o verbo. Contudo, e pelo que podemos observar das recolhas efectuadas bem como dos dados disponíveis para outras línguas, os casos de construções com sujeito fixo são claramente em número mais reduzido, predominando as construções com complementos fixos.

De facto, note-se que as transformações — aqui entendidas na perspectiva harrissiana (Harris 1964, 1991) de relações de equivalência, não-orientadas, entre frases <sup>4</sup> — dependem não só das condições formais (as formas de frase envolvidas), mas sobretudo, e de forma crucial para a sua aplicação, do material lexical em jogo, como claramente o demonstraram, entre outros, os trabalhos de M. Gross (1975, 1986) e de muitos outros autores ligados ao Léxico-Gramática.

Neste sentido, a definição do domínio de aplicação de uma transformação é essencialmente uma questão de determinação empírica do léxico que a autoriza (ou, inversamente, do léxico que não a admite). Ora, na continuação deste trabalho, tornar-se-á evidente que, pese embora o conjunto das frases fixas apresente importantes restrições, a aplicação de algumas transformações de natureza muito geral também se verifica em várias expressões fixas deste estudo, sendo necessário — tal como nas construções ditas ‘livres’ — descrever *caso a caso* a sua extensão lexical.

Apesar de já terem sido anteriormente objecto de vários estudos <sup>5</sup>, e de dispormos de várias recolhas lexicográficas, em que muitas destas expressões podem ser encontradas <sup>6</sup>, não está ainda disponível (tanto quanto sabemos) um estudo descritivo sistemático das propriedades sintácticas destas construções em Português Europeu como o que aqui nos propomos apresentar. É, pois, também,

---

<sup>4</sup> Para uma discussão das condições necessárias ao estabelecimento de uma relação transformacional entre frases, veja-se, entre outros, M. Gross (1975, 1982, 1986, 1988, 1990).

<sup>5</sup> Baptista *et al.*(2005), Guilhermina Jorge (1991, 1993, 2005), Ranchhod (1999), entre outros (ver bibliografia).

<sup>6</sup> Jorge & Jorge (1997), Almeida & Henriques (1999), Moura (1995), entre outros (ver bibliografia).

nosso objectivo fornecer uma base empírica sólida e estruturada para o estudo aprofundado deste tipo de expressões idiomáticas.

De facto, uma rápida leitura das principais gramáticas escolares e universitárias disponíveis para o Português Europeu<sup>7</sup> confirma o carácter marginal e claramente secundário que os diversos autores parecem atribuir a este tipo de expressões. Englobadas, em geral sem qualquer diferenciação, no grande conjunto das expressões idiomáticas; frequentemente, apenas referidas de forma muito passageira a propósito das locuções (prepositivas, adverbiais ou conjuncionais) e/ou dos nomes compostos<sup>8</sup>; eventualmente apresentadas como casos desviantes, irregulares (senão mesmo anedóticos) das línguas naturais; e, sobretudo, praticamente ignoradas pelas gramáticas escolares, incluindo as de nível universitário; as expressões fixas não terão ainda merecido a atenção que suscita o conjunto de problemas (teóricos e metodológicos) colocados pela sua integração na gramática da língua.

Praticamente só no domínio da tradução (e dos estudos de tradução)<sup>9</sup> é que as expressões idiomáticas receberam um tratamento relevante – justamente porque, por o seu significado não ser composicional, por terem um valor

---

<sup>7</sup> Nas anteriores edições de Mateus *et al.* (1989, 1992, 1994:302), há uma secção dedicada à *composição*, na qual se descrevem as estruturas de várias categorias gramaticais. Nesta secção dedicada às palavras compostas, há uma breve menção no texto a “sequências cristalizadas, ou mesmos expressões idiomáticas”, mas nenhuma corresponde às construções fixas verbais que aqui tratamos. Na última edição da obra (Mateus *et al.* 2003: 971-983) já não se verifica na secção correspondente, qualquer referência às expressões idiomáticas.

<sup>8</sup> Cunha & Cintra (1996: 152; 187-189), Bechara (2001: 89-91).

<sup>9</sup> Mogórron-Huerta (1994, 2002). Refira-se também os dicionários de Santos (1990) e Schemann & Schemann-Dias (s/d).

pragmático particular e por estarem frequentemente ligadas a valores culturais idiomáticos <sup>10</sup>, levantarem numerosos problemas à sua tradução noutros idiomas.

Apesar do carácter marcadamente oral/coloquial de muitas das expressões que recolhemos, podemos verificar que muitas ocorrem efectivamente em *corpora* textuais da mais variada natureza. Por outro lado, uma rápida pesquisa nos motores de busca (*google, yahoo, altavista, tumba, sapo*, entre outros) confirma a sua utilização generalizada. A frequência <sup>11</sup> com que estas expressões ocorrem nos textos parece, além disso, não ser irrelevante, pelo que deverão ser levadas em conta não só do ponto de vista estritamente linguístico, como também numa perspectiva de ensino de língua (materna e, sobretudo, estrangeira) e, ainda, no âmbito do processamento computacional de linguagem natural.

---

<sup>10</sup> Que empregamos aqui no sentido de ‘próprios às culturas veiculadas numa dada língua’.

<sup>11</sup> A frequência das expressões fixas em *corpora* é um assunto controverso, dado que a sua aferição depende não só da forma como são contados os elementos lexicais (palavra gráfica por milhão de palavras gráficas ou, no caso das expressões deste estudo a razão frases fixas por frases com verbos simples), mas também da natureza textual (género e conteúdo) do *corpus*. Efectivamente, Senellart (1998: 124) indica que uma em cada três frases em Francês deverá apresentar uma expressão fixa; já o *Collins Cobuild Dictionary of Idioms* (2003: vi), construído sobre o *Bank of English*, avança a informação de que as expressões fixas (*idioms*) são, em geral, relativamente pouco frequentes apontando valores inferiores a 10 ocorrências por milhão de palavras para um terço das expressões nele registadas.

Conquanto a *frequência* real das frases fixas em textos possa constituir razão para alguma controvérsia, dependendo das medidas adoptadas, dos textos seleccionados, etc., parece hoje cada mais certo que a *dimensão lexical* do fenómeno não é, de facto, despicienda, como o atestam os estudos sistemáticos já realizados para outras línguas<sup>12</sup>, inclusive a variante do Português do Brasil (Vale 2001). Pela nossa parte, e apesar da sistematicidade com que recolhemos em diversas fontes (ver adiante) a frases que constituem o objecto deste estudo, estamos persuadida de que ainda não alcançámos uma cobertura lexical comparável à dos estudos a que acima aludimos. Salientamos, porém, que, a fim de garantir a reprodutibilidade das análises por nós propostas para estas expressões, nos restringimos às que eram de uso mais frequente e cujo significado e condições de emprego conhecíamos de facto. Esta prudência metodológica fez-nos proceder a uma selecção cuidadosa das expressões a reter.

A falta de composicionalidade semântica das frases fixas e de outras expressões idiomáticas, a sua extensão lexical, a sua variabilidade formal e os

---

<sup>12</sup> No caso do Francês, M. Gross (1996) recolheu mais de 40.000 frases, o que constitui até ao momento, tanto quanto sabemos, a mais extensa recolha de expressões fixas feita para uma língua natural (v. Leclère 2002 para uma apresentação sucinta do estado actual da classificação das construções verbais). Na sequência dos trabalhos de M. Gross (especialmente M. Gross 1982, 1989; G. Gross 1996; v. bibliografia), vários autores realizaram estudos semelhantes para as suas respectivas línguas, desenvolvidos no mesmo quadro teórico-metodológico e visando não apenas a descrição sistemática e formalizada das construções fixas mas também a possibilidade de desenvolver estudos comparativos. Refiramos apenas alguns: para o Espanhol foram alistadas 3500 frases por Mogórron Huerta (1994), mas este trabalho tem sido continuado dispondo-se hoje de mais de 20.000 expressões fixas (comunicação pessoal); para o Grego Moderno dispomos da descrição de cerca de 4.500 frases (Fotopoulou 1993); recentemente, Vale (2001) recenseou para o Português do Brasil cerca de 3.500 frases; a estes estudos acrescentam-se os trabalhos de Lamiroy, Leclère, Klein e Labelle, integrados no projecto BFQS, de descrição comparativa das variantes geográficas do Francês da Bélgica, França, Québec (Canadá) e Suíça (2003). Mais recentemente ainda, e passada esta fase de recenseamento de cada uma destas línguas, tem vindo a desenvolver-se um conjunto de reflexões sobre a metodologia e os instrumentos necessários para o estudo comparativo e a construção de léxicos bilingues de expressões fixas. Refira-se, por exemplo, Blanco (1995), Catalá-Guitart (2003), Camugli-Gallardo (2005) e Baptista (2006).

problemas que tais aspectos levantam no âmbito do processamento computacional das línguas naturais, desde os sistemas de sumarização e de diálogo, até à tradução automática, tem resultado num interesse cada vez maior por parte da comunidade científica ligada à vasta área da engenharia da linguagem<sup>13</sup> pelo recenseamento (automático, semi-automático ou manual), pelo seu estudo, pela construção de recursos linguístico-informáticos a partir de *corpora* e de dicionários deste tipo de expressões. A recolha sistemática, a estruturação e a formalização de dados linguísticos constitui, de facto, um passo fundamental para diversos tipos de processamento computacional e é, pois, para este objectivo geral que este estudo pretende contribuir.

De seguida, faremos uma breve apresentação da estrutura deste trabalho.

Esta dissertação está organizada do seguinte modo: na continuação deste capítulo, iremos apresentar sucintamente as propriedades essenciais das frases fixas aqui estudadas por forma a melhor distingui-las das expressões que não foram abrangidas neste estudo (§1.1); procuraremos ainda determinar alguns critérios formais que permitam estabelecer de forma tão clara quanto possível as diferenças entre as propriedades das frases fixas e as que apresentam as frases livres formalmente semelhantes, distinguindo ainda as construções aqui estudadas das expressões proverbiais (§1.2.), que aqui não tratamos.

---

<sup>13</sup> Disso são exemplo, para citar os eventos mais recentes, a realização de diversos *workshops* no âmbito das conferências internacionais promovidas pela ACL - Association for Computational Linguistics (Barcelona 2004 e Sapporo 2005; a próxima, em Praga, em Junho de 2007); a *Language Resource Evaluation Conference* (LREC), promovida pela ELRA – European Language Resource Association (Lisboa, 2004); a conferência *InterSpeech* (Lisboa, 2005), entre outras.

Apresentaremos, então (§1.3.), a metodologia seguida no recenseamento das construções fixas que serão objecto deste estudo, as principais fontes utilizadas e os critérios de selecção adoptados, para, de seguida (§1.4.) enunciar os critérios de classificação formal que estruturam os dados que iremos descrever.

Terminaremos este capítulo, apresentando (§1.5) os principais problemas de classificação encontrados e as dificuldades que certas expressões levantam à sua representação formal, procurando justificar as soluções descritivas adoptadas para os resolver.

O capítulo 2 consiste na descrição das principais propriedades sintácticas das frases fixas deste estudo. Trataremos primeiro (§2.1.) das propriedades distribucionais relativas ao preenchimento lexical dos grupos nominais livres. Depois, tratamos das propriedades estruturais e transformacionais das frases fixas: descrevemos as construções intrinsecamente pronominais (§2.2.) e as construções intrinsecamente negativas (§2.3.). Analisaremos as restrições à aplicação de propriedades transformacionais (§2.4), algumas muito gerais, como por exemplo a pronominalização (§2.4.1.), outras nem tanto, como, por exemplo, a reestruturação dativa (Leclère 1995) de grupos nominais (§2.4.2.), uma transformação a que chamámos *Pseudo-conversão* (§2.4.3) <sup>14</sup>, e, finalmente, o comportamento sintáctico das construções simétricas (§2.4.4.). Ao longo desta secção, procuraremos, com base em dados retirados de *corpora*, dar conta da extensão lexical dos vários fenómenos e da sua expressão em textos reais.

---

<sup>14</sup> Adoptámos esta designação dadas as analogias que a *Pseudo-conversão* apresenta com a operação de *Conversão* tal como a define G. Gross (1989).

Finalmente, nas secções seguintes, procuraremos determinar a natureza de algumas relações que se observam entre a estrutura das frases fixas e as construções verbais livres, bem como algumas construções adverbiais (§2.5). O capítulo terminará com uma apresentação sucinta (§2.6) das convenções adoptadas na representação matricial do fragmento do Léxico-Gramática das frases fixas que aqui elaborámos.

No capítulo seguinte (§3) descreveremos a metodologia que seguimos de forma a poder aplicar a um *corpus* a informação linguística formalizada nas matrizes. Esta metodologia consiste, essencialmente, na construção de transdutores de estados finitos que são construídos de forma semi-automática e que resultam da intersecção de grafos de referência, que descrevem as estruturas fráscas em que os elementos das expressões ocorrem, com as informações lexicais codificadas nas matrizes. Em seguida, ilustraremos a sua aplicação em algumas experiências num *corpus* de texto jornalístico de grandes dimensões (CETEMPúblico<sup>15</sup>), apresentaremos os resultados obtidos, cujas limitações discutiremos, tendo em mente futuros desenvolvimentos deste trabalho.

Concluiremos (§4) com uma síntese dos resultados desta investigação, procurando assim definir as prioridades que se levantam quanto aos desenvolvimentos futuros deste trabalho.

Em anexo, apresentamos as matrizes léxico-sintácticas que serviram de suporte empírico a todo este estudo, bem como um conjunto de índices lexicais.

---

<sup>15</sup> [www.linguateca.pt/cetempublico](http://www.linguateca.pt/cetempublico).

## 1.1. AS PRINCIPAIS PROPRIEDADES DAS FRASES FIXAS

Neste estudo, seguimos a definição de frase fixa formulada por M. Gross (1982a, 1989, 1990, 1994, 1996) que se baseia sobretudo em dois critérios. O primeiro é de natureza semântica – o carácter não composicional do significado global da expressão - e o segundo de natureza sintáctica – basicamente, as restrições distribucionais e as limitações à variação formal da expressão.

As construções fixas seguem, de um modo geral, as regras gerais de boa formação sintáctica das frases da língua. Porém, nas frases fixas, observam-se restrições sintácticas e distribucionais que não podem ser calculadas ou previstas a partir das propriedades formais que os elementos componentes da expressão apresentam quando construídos separadamente. Numa frase livre, o significado é determinado a partir do significado individual dos elementos na construção. As variações distribucionais estão relacionadas em grande medida com o significado que o verbo apresenta nessa construção (Harris 1991).

As restrições distribucionais que ocorrem nas frases fixas, relativamente ao preenchimento lexical das diversas posições estruturais livres da construção, são determinadas pela combinação fixa do verbo com um ou mais grupos nominais. Assim, por exemplo, na frase:

*O Mário fechou-se em copas*

estamos perante uma combinação única verbo-complemento. Esta combinação particular apresenta um significado global que não se pode derivar do significado individual (potencial) de *fechar* e de *copas*. Tal pode ser verificado através de propriedades formais. Por um lado, não é possível fazer variar o nome *copas* por

outros elementos dos paradigmas distribucionais em que seria possível integrar este nome, como por exemplo:

a) naipe de cartas:

*O Mário fechou-se em (copas + \*paus + \*ouros + \*espadas)*

b) recipiente para beber <sup>16</sup>:

*O Mário fechou-se em (copas + \*copos + \*cálices + \*canecas + \*chávenas)*

Além destes significados (e dos respectivos paradigmas distribucionais que se poderiam constituir em torno deles), o nome *copa* pode ainda designar ‘uma parte de uma árvore’ ou ‘divisão de uma casa’ (aproximadamente o mesmo que *cozinha*), etc. Em qualquer destes casos, nenhum dos outros elementos lexicais que constituem os paradigmas distribucionais correspondentes a cada uma das acepções de ‘copa’ pode substituir a palavra *copas* na construção fixa *fechar-se em copas*. Por essa razão, consideramos *copas* como uma constante lexical (que é notada *C*), ou seja, *C* designa um nome (ou um grupo nominal) que é fixo com o verbo.

Por outro lado, apesar de a construção *fechar-se em* poder ser, noutras situações, interpretada como um ‘verbo de movimento’ e surgir, então, acompanhada de um complemento locativo:

*O Mário fechou-se (no escritório + na loja + no armário + ...)*

o complemento *em copas* não parece, nesta construção fixa, funcionar como um complemento locativo, na medida em que não responde adequadamente à inter-

---

<sup>16</sup> Esta acepção de *copas* é, no entanto, de emprego raro.

rogativa com *onde?*, como demonstra a inaceitabilidade do par pergunta (P) - resposta (R):

*O Mário fechou-se em copas*

\* P: *Onde é que o Mário se fechou?*

R: *em copas.*

Observam-se igualmente restrições à variação do determinante da constante lexical:

*O Mário fechou-se em (\*umas + \*as + \*estas + \*várias + \*três) copas*

A combinação verbo-complemento também não admite que o verbo seja substituído por outros verbos que, noutras situações, com ele poderiam comutar:

*O Mário (fechou-se + \*trancou-se + \*enfiou-se + \*meteu-se) em copas*

como sucede na construção livre, em que *fechar* pode ser substituído por estes verbos que funcionam aproximadamente como seus parónimos:

*O Mário (fechou-se + trancou-se + enfiou-se + meteu-se) no armário*<sup>17</sup>

Por vezes, porém, observa-se que numa frase fixa pode ocorrer alguma variação formal, podendo formar-se um pequeno paradigma tanto do verbo como dos elementos que ocupam a posição de constante lexical. Frequentemente, essa variação é semanticamente imprevisível, como acontece na frase:

*O Mário (vai + nada + rema + luta) contra a corrente*

em que dificilmente se poderiam inserir o verbo *lutar* no mesmo paradigma distribucional que *remar*, *ir* e *nadar*. Nesta construção, contudo, a variação do

---

<sup>17</sup> A expressão *N<sub>0</sub> sair do armário* formalmente decalcada do Inglês, é ambígua, tendo valor literal e outro, idiomático ('assumir publicamente a sua preferência sexual'). Sobre expressões ambíguas, *vide infra*.

verbo, apesar de semanticamente imprevisível, não altera o significado global da expressão.

Também na posição de constante lexical pode, por vezes, ocorrer uma variação semanticamente imprevisível:

*O Mário não se aguenta nas (canetas + pernas + canelas)*

em que os nomes parte-do-corpo (*Npc*) *canelas* e *pernas* não pertencem, pelo menos de forma evidente, ao mesmo paradigma distribucional em que se incluiria o nome *canetas*. Apesar disso, o significado global não se altera, podendo dizer-se que a interpretação de *canetas* como *Npc* resulta, provavelmente, do seu emprego nesta construção particular: se estes nomes ocorressem numa construção livre, *canetas* não poderia, *a priori*, ser inserido no mesmo paradigma distribucional.

Apesar da designação de *frase fixa* por nós adoptada, a maioria das frases deste estudo apresenta diversos tipos de variação numa ou mais das suas posições estruturais. Assim, por exemplo, nos casos anteriores, o sujeito é distribucionalmente livre, mas o preenchimento lexical dessa posição sintáctica depende não apenas do verbo mas da combinação fixa com o complemento. De facto, o preenchimento lexical das posições livres do verbo de uma frase fixa (do sujeito, por exemplo) pode divergir daquele que se observa naquelas posições sintácticas nas construções livres desse mesmo verbo. Por exemplo, numa das suas construções livres, o verbo *amarinhar* aceita um sujeito humano ou não-humano animado:

*(O João + o macaco) amarinhou pela árvore acima*

Porém, na construção fixa de *amarinhar pelas paredes* ('enfurecer-se') apenas podemos encontrar um sujeito estritamente humano:

*(O João + °o macaco) amarinhou pelas paredes (acima + E)*

porque a frase com sujeito não-humano, apesar de aceitável, perde a sua idiomaticidade (o que é indicado no exemplo acima pelo símbolo '°'). Do mesmo modo, ao variarmos o nome do grupo nominal fixo (C), a frase perde o seu significado idiomático:

*°O João amarinhou por (as árvores + as muralhas + os mastros) acima*

Por outro lado, a variação em número do nome C encontra-se bloqueada na frase fixa:

*O João amarinhou (pelas paredes + °pela parede) (acima + E)*

Naturalmente, a construção livre admite o sujeito não-humano animado, bem como a variação do complemento:

*O macaco amarinhou por (as árvores + as muralhas + os mastros) acima*

*O macaco amarinhou por (as paredes + a parede) acima*

Portanto, nas frases fixas, o comportamento dos constituintes livres é determinado pela combinatória fixa verbo-complemento(s).

A fixidez da combinatória verbo-complemento(s) pode ainda manifestar-se em restrições à variação formal da estrutura frásica. Assim, na frase:

*O Mário foi de Caifás para Pilatos*

a construção fixa não admite a permuta dos complementos preposicionais:

*\*O Mário foi para Pilatos de Caifás*

Os nomes na posição *C* são dois nomes próprios, o que não é uma distribuição característica para uma posição sintáctica de complemento locativo<sup>18</sup>. Contudo, numa construção livre, com o mesmo verbo e com dois complementos locativos, estes podem comutar naturalmente:

*O Mário foi de Lisboa para o Porto*

= ? *O Mário foi para o Porto de Lisboa*

---

<sup>18</sup> No entanto, mesmo nas frases livres, tal pode ocorrer por um fenómeno de metonímia: *O Mário foi da Ana para a Joana* (= do lugar onde estava a Ana para o lugar onde estava a Joana).

As frases fixas também apresentam restrições em relação às transformações que sobre elas se podem aplicar. Por exemplo, nas frases seguintes:

*O Rui foi ao focinho do Pedro*

= *\*?O Rui foi ao focinho dele*

a redução do grupo nominal livre a pronome oblíquo é bloqueada, o que não sucede noutros contextos com os complementos determinativos de *Npc*:

*O Rui bateu na perna do Pedro*

= *O Rui bateu na perna dele*

No caso das construções que aqui estudamos, o sujeito é sempre livre. Há, porém, frases fixas com sujeito fixo, como é o caso da construção:

*Saiu-lhe a sorte grande*

em que a fixidez ocorre entre o sujeito e o verbo. Nesta construção, a inversão do sujeito parece obrigatória:

*\*/? A sorte grande saiu(-lhe + à Ana)*

Pelo contrário, o complemento preposicional (dativo) é distribucionalmente livre.

Casos como:

Ext **219924** (nd, 95b): Ainda a **procissão vai no adro** .

Ext **1260702** (clt, 91b): Mas a **exceção confirma a regra**, o limite que constitui a submissão à verbalidade moralizante .

em que nenhum dos elementos da construção varia <sup>19</sup>, são relativamente raros e o seu estatuto não é claro, já que se aproximam bastante de expressões de natureza proverbial. Note-se, porém, que não apresentam nenhuma das outras marcas características das frases proverbiais (rima interna, paralelismo, valor normativo).

De facto, as expressões proverbiais também apresentam uma grande fixidez interna mas, dada a sua diferente natureza, comportamento sintáctico e emprego discursivo, não foram aqui estudadas. Na secção que se segue apresentamos os critérios que seguimos para distinguirmos, neste estudo, as frases fixas dos provérbios.

## 1.2. FRASES FIXAS E PROVÉRBIOS

Tal como as frases fixas, os provérbios são também expressões cujo significado não é, em geral, composicional e que apresentam uma forte fixidez interna <sup>20</sup>. No entanto, parece ser possível distingui-los das frases fixas na medida em que, em geral:

---

<sup>19</sup> Após uma verificação no *corpus* do *CETEMPÚBLICO*, observámos que no caso de *procissão* e *adro* não há variação distribucional; há sim variação formal quanto à posição do advérbio (que pode ocorrer em várias posições), e não põe em causa a combinação *procissão*, *<ir>* e *adro*. Já em *excepção* *<confirmar>* *a regra*, há uma maior variação formal, mas há uma restrição combinatória entre *excepção*, *confirmar* e *regra*.

<sup>20</sup> Para um estudo formal das expressões fixas proverbiais, veja-se, entre outros, Conenna (1988), Chacoto (1994).

a) apresentam, frequentemente, uma estrutura rítmica, com paralelismo interno, rima e outros aspectos prosódicos e sintáticos que funcionam como mecanismo mnemónico, visando a sua fácil memorização, como por exemplo:

*Lé com Lé, Cré com Cré*

*Cá se fazem cá se pagam*

b) tem um carácter normativo, exprimindo verdades atemporais; tal característica manifesta-se ainda pelo uso bastante generalizado do presente do indicativo, com valor aspectual intemporal (ou aspecto ‘gnómico’; Mateus *et al.* 1989: 93), assim como se observa em:

*Quem tudo quer tudo perde*

*Quem te avisa teu amigo é*

*Em Abril, águas mil*

*A cavalo dado não se olha o dente*

*De noite todos os gatos são pardos*

c) têm um modo próprio de inserção no discurso, com um valor de citação; frequentemente os provérbios inserem-se nas frases por meio de fórmulas como:

*Lá (diz + reza) o ditado...*

*Como diz o (provérbio + ditado)...*

*(Lá + Como + Bem) diz o povo...*

*Já dizia a minha avó...*

Deste modo, o texto proverbial insere-se no discurso como um processo retórico que visa a confirmação ou reforço das proposições do sujeito de enunciação, por recurso ao discurso reportado, investido de autoridade.

Não obstante estes aspectos, a diversidade formal tanto das frases fixas como dos provérbios não torna uma tarefa fácil distingui-los e é provável que alguma hesitação leve a classificar ora como frase fixa ora como provérbio expressões que, nos dicionários de expressões idiomáticas, se encontram muitas vezes reunidas de forma não diferenciada.

Neste estudo, não tratamos expressões proverbiais, que deverão ser objecto de uma descrição autónoma.

Tomamos como critérios orientadores da distinção entre estes dois grandes tipos de expressões (além das características gerais acima enunciadas):

- a natureza livre do sujeito e/ ou complementos;
- a possibilidade de variação em tempo e modo do verbo principal;
- a sua inserção no discurso sem o recurso ao mecanismo retórico da citação.

### **1.3. RECENSEAMENTO**

As frases fixas deste estudo foram obtidas a partir de várias fontes e foram posteriormente organizadas em classes, com base na sua estrutura formal.

Estas frases foram recolhidas essencialmente a partir de dicionários especializados em expressões idiomáticas (ver bibliografia), recorrendo ainda a livros, jornais e revistas, bem como à nossa competência de falante. Os dicionários de língua correntes, apesar de apresentarem lacunas a vários níveis, são instrumentos úteis quando se procura fazer uma descrição em extensão de vários fenómenos lexicais. Por isso, usaram-se os dicionários de língua geral e corrente (ver bibliografia) de forma a abranger um maior número de expressões do Português Europeu. Desta forma, procurámos construir um léxico-gramática tendo como critério uma preocupação de exaustividade (M. Gross 1988c).

Construímos as nossas listas compulsando de A a Z os dicionários e verificando se cada expressão idiomática ali assinalada poderia ser classificada como frase fixa.

Consultámos ainda Vale (2001), que nos serviu para complementar as frases já registadas e do qual seleccionámos apenas as frases fixas comuns ao Português Europeu, uma vez que o Autor apenas se debruça sobre as “expressões cristalizadas”<sup>21</sup> do Português do Brasil. De facto, é possível encontrar várias expressões comuns a ambas as variantes, por exemplo:

*O Mário foi à (casa de banho + casinha)*

ou expressões que, embora empregando os mesmos elementos lexicais, apresentam pequenas diferenças morfossintácticas:

---

<sup>21</sup> Termo empregue pelo Autor.

*O Mário vive de sonho (Português do Brasil)*

*O Mário vive de sonhos (Português Europeu)*

Pudemos verificar, no entanto, que a maioria das expressões cristalizadas registadas pelo Autor, não tem emprego corrente na variante europeia do Português.

Com base nestes critérios de selecção, foi possível constituir, sobretudo a partir de Santos (1990), mas com recurso a todas as fontes acima referidas, uma listagem<sup>22</sup> na qual somente constam as frases verbais fixas intransitivas e que acrescentámos às construções já recenseadas a partir dos dicionários de língua.

No entanto, dada a natureza combinatória dos métodos que empregámos para descrever o comportamento sintáctico das expressões linguísticas, não seria adequado integrar nas listas todas as expressões encontradas, já que não só ignorávamos o seu significado como desconhecíamos as condições sintácticas a que o seu emprego obedece. Por isso, procurámos seleccionar apenas frases fixas cujo significado e construção sintáctica fossem do nosso conhecimento, de modo a não pôr em causa a reprodutibilidade da análise. Só conhecendo uma expressão e a forma como a empregamos é possível determinar as propriedades sintácticas e assim integrá-las adequadamente numa gramática formal.

---

<sup>22</sup> Parte do recenseamento das frases fixas foi inicialmente desenvolvida em equipa no âmbito do Curso de Mestrado em Linguística (2002/2004) na Universidade do Algarve.

Por exemplo, para as frases:

<i>Pagar chapetonada</i> <sup>23</sup>	(‘ser ludibriado, pagando preço elevado ou comprando coisa errada’)
<i>Fazer charqueada</i>	(‘ganhar todo o dinheiro do adversário, ao jogo; abafar a banca; levar a banca à glória; levar à glória’)

embora dispuséssemos da sua definição e até parecesse ser possível descrever o seu sujeito (exclusivamente humano, muito provavelmente), não nos era possível determinar o seu funcionamento sintáctico. Por exemplo, se *pagar* toma habitualmente um complemento dativo (‘pagar alguma coisa a alguém’), não é certo que a expressão idiomática ali dicionarizada aceite essa construção. Por outro lado, apesar da referência ao adversário e à banca, na expressão *fazer charqueada*, ignora-se se estes poderiam aparecer expressos nesta construção e que forma tomariam tais complementos. Ignoramos se é possível aplicar a passiva, apesar de ambas terem complemento de directo (ainda que o dicionário nos indique um determinante zero):

?/?\* *A chapetonada foi paga por N (E + a N)*

?/?\* *A charqueada foi feita por N (E + a N)*

Não sabemos se é possível variar o determinante dos nomes *chapetonada* e *charqueada* e/ou inserir um modificador livre de C:

?/?\* *O Zé pagou (uma + duas + várias + essas) valente(s) chapetonada(s)*

?/?\* *O Zé fez (uma + duas + várias + essas) valente(s) charqueada(s)*

---

<sup>23</sup> Exemplos e definições retirados de Santos (1990).

Na medida em que a definição é insuficiente para uma descrição do comportamento sintáctico destas expressões, e não conhecendo o seu uso, não as considerámos neste estudo. Assim procedemos com todas as expressões que levantam as mesmas dificuldades.

A fim de atestar algumas construções, verificar a sua distribuição e/ou, mesmo, construir exemplos mais naturais, usámos as ferramentas de acesso a *corpora* do site da Linguateca<sup>24</sup> e em particular o *corpus* do *CETEMPÚBLICO*. Recorremos ainda a diversos motores de busca na Internet (*google*, *yahoo*, *altavista*, *tumba*<sup>25</sup>) sempre que tal se nos afigurou necessário.

Muitas das expressões que recenseámos são usadas sobretudo (ou exclusivamente) num registo discursivo coloquial, pertencendo mais ao domínio da oralidade do que ao da expressão escrita. Algumas das frases apresentadas, não tendo sido atestadas nas fontes acima referidas, são, contudo, do nosso conhecimento enquanto falante nativa da língua portuguesa. Não obstante, foram todas cuidadosamente verificadas junto de outros falantes, quando não pudemos encontrar abonações.

O extenso material recolhido levou-nos ainda a delimitar melhor o conjunto de expressões que viria a constituir o nosso objecto de estudo. Neste

---

<sup>24</sup> [www.linguateca.pt](http://www.linguateca.pt).

<sup>25</sup> [www.google.pt](http://www.google.pt), [www.yahoo.com](http://www.yahoo.com), [www.altavista.com](http://www.altavista.com), [www.tumba.pt](http://www.tumba.pt). Restringimos a pesquisa ou ao domínio *pt* ou a “páginas em escritas português” sempre que tais opções estavam disponíveis.

sentido, decidimos não integrar frases fixas com uma construção transitiva directa <sup>26</sup>:

<i>O Mário bateu as botas</i>	[C1]
<i>O Mário seguiu as passadas da Maria</i>	[CDN]
<i>O Mário abriu o coração à/da Maria</i>	[CAN]
<i>O Mário comeu gato por lebre</i>	[C1P2]
<i>O Mário chamou a Maria à pedra</i>	[CNP2]
<i>O Mário trocou as voltas à Maria</i>	[C1PN]
<i>O Zé apanhou o Pedro com a boca na botija</i>	[CPPN]

uma vez que as mesmas estão a ser objecto de um estudo autónomo (Correia, em preparação).

Excluimos também do estudo as construções com sujeito fixo, bem como as construções completivas:

<i>Deu-lhe na veneta ir ao cinema hoje</i>	[C0]
<i>Fazer isso não lembra ao Diabo</i>	[C5]
<i>O Mário disse para consigo que não faria isso</i>	[C6]

Na próxima secção, será feita uma apresentação sucinta do quadro geral de classificação das frases fixas proposto por M. Gross (1982a, 1989) e, em seguida, apresentamos os critérios de classificação das construções preposicionais com um ou dois complementos.

---

<sup>26</sup> Os códigos indicados à direita referem-se às classes constituídas por Correia (em preparação) e baseiam-se na classificação formal proposta por M. Gross (1982, 1989, 1996).

#### 1.4. A CLASSIFICAÇÃO DAS FRASES FIXAS

A classificação das frases fixas é feita com base no número e tipo de complementos que as constituem. De um modo geral, as frases fixas deste estudo apresentam uma estrutura interna que pode ser representada pela fórmula:

$$N_0 V Prep C_1 W$$

ou seja, as construções verbais com sujeito distribucionalmente livre e um ou mais complementos preposicionais fixos (sem complemento directo).

Na sua maior parte, as construções aqui estudadas apresentam apenas um complemento preposicional (CP1) eventualmente contendo um complemento determinativo distribucionalmente livre (CPN). Um pequeno número apresenta complementos preposicionais (CPP).

De seguida, apresentamos de forma mais pormenorizada estas 3 classes.

##### 1.4.1. FRASES FIXAS COM UM COMPLEMENTO PREPOSICIONAL

As frases com um complemento preposicional apresentam uma estrutura interna que pode ser formalizada por:

$$N_0 V Prep C_1$$

=: *A Ana cantou de galo*

As frases com esta construção constituem a classe CP1.

O complemento fixo pode ser constituído por um grupo nominal simples - com um único nome - ou apresentar uma estrutura mais complexa, nomeadamente, um grupo determinativo. Este complemento determinativo pode ser fixo:

$N_0 V \text{ Prep } (C \text{ de } C)_1$

=: *A Ana meteu-se debaixo das saias da mãe*

ou livre:

$N_0 V \text{ Prep } (C \text{ de } N)_1$

=: *O Mário foi na conversa da Ana*

Nos casos em que o complemento determinativo é livre, é frequente observar-se a transformação chamada Reestruturação Dativa [*Rdat*] (Lèclere 1995):

$N_0 V \text{ Prep } (C \text{ de } N)_1$

=: *A Ana puxou pela língua do Mário*

[*Rdat*]=  $N_0 V \text{ Prep } C_1 \text{ a } N_2$

=: *A Ana puxou pela língua ao Mário*

operação de que falaremos mais adiante [§2.4.2]. As construções que permitem esta operação foram classificadas em CPN.

#### 1.4.2. FRASES FIXAS COM DOIS COMPLEMENTOS PREPOSICIONAIS

A estrutura destas construções pode ser representada do seguinte modo:

$N_0 V \text{ Prep } (C + N)_1 \text{ Prep } (N + C)_2$ <sup>27</sup>

ou seja, expressões com dois complementos preposicionais em que pelo menos um deles é fixo com o verbo. Nestas construções, distinguimos ainda:

a) as frases em que, apenas, um complemento é fixo com o verbo:

$N_0 V \text{ Prep } C_1 \text{ Prep } N_2$

=: *O Mário chegou à fala com a Ana*

---

<sup>27</sup> Excluindo, obviamente, o caso com dois complementos livres.

b) e as frases em que ambos os complementos são fixos com o verbo:

$N_0 V Prep C_1 Prep C_2$

=: *A Maria deu com a língua nos dentes*

No primeiro caso, o complemento livre e o complemento fixo podem, em geral, permutar entre si, pelo que é arbitrário considerar-se eventuais subclasses com base no critério da posição relativa dos complementos livre e fixo. Em vez disso, e por convenção, descrevemos sempre o constituinte fixo na posição de primeiro complemento. A possibilidade de permuta dos complementos é indicada nas propriedades da matriz <sup>28</sup>.

Também não distinguimos nesta classe os casos com dois complementos fixos, mantendo-os todos em CPP. Tal deve-se, sobretudo, ao reduzido número de frases fixas encontradas nesta classe.

A tabela seguinte (Tabela 1) resume as construções recenseadas até ao momento. Nela se representa: o código convencional que indica a classe formal das frases fixas; a estrutura sintáctica das frases fixas; com um exemplo ilustrativo; e, finalmente, o número actual de efectivos da classe:

**Tabela 1.**

Classificação das frases fixas com complementos preposicionais do Português Europeu

Classe	Estrutura	Exemplo	Efectivos
<b>CP1</b>	$N_0 V Prep C_1$	<i>O Mário escapou de boa</i>	<b>624</b>
<b>CPN</b>	$N_0 V Prep (C de N)_1$	<i>O Mário não chega aos calcanhares da Ana</i>	<b>90</b>
<b>CPP</b>	$N_0 V Prep C_1 Prep C_2$	<i>O Mário deu com os burrinhos na água</i>	<b>199</b>
Total			<b>913</b>

<sup>28</sup> De resto, também M. Gross (1982, 1989) não estabeleceu tal subclassificação para as frases fixas da classe CPP do Francês, provavelmente pelo número relativamente reduzido de frases encontradas.

Após a recolha e classificação das frases fixas, observou-se que as construções com um complemento preposicional representam cerca de 80% das frases registadas, 69% em CP1 e 11% em CPN. Os restantes 20% são construções com dois complementos das quais 60% apresentam ambos complementos fixos.

### 1.5. PROBLEMAS DE CLASSIFICAÇÃO E REPRESENTAÇÃO

Os critérios de classificação, acima enunciados de forma sumária, são, no entanto, insuficientes para dar conta da diversidade formal de fenómenos encontrados, os quais colocam às vezes problemas de representação difíceis de resolver. Nesta secção apresentamos mais pormenorizadamente alguns destes aspectos. Por uma questão de clareza na apresentação, organizamos esta secção apresentando esses aspectos por referência a cada uma das classes, ainda que alguns deles sejam comuns a mais do que uma classe.

#### 1.5.1. CLASSE CP1

A classe CP1 integra, como já vimos, as construções com um complemento preposicional, ou seja, que apresentam a estrutura:

$$N_0 V Prep C_1$$

como por exemplo:

- (1) *O Mário dorme em pé* [CP1]<sup>29</sup>
- (2) *O Mário não brinca em serviço* [CP1]

<sup>29</sup> A partir deste momento, indicamos alinhado à direita dos exemplos o código da respectiva classe formal.

A constante lexical é, na maior parte dos casos, preenchida por um grupo nominal simples (formado por um determinante e um nome):

(3) *A Ana não ganha para os alfinetes* [CP1]

(4) *O Mário desapareceu do mapa* [CP1]

O GN pode ser preenchido por um nome próprio:

(5) *O Mário chamou pelo (Gregório + ° António) ('vomitar')* [CP1]

mas que nesta construção idiomática não admite variação distribucional.

Em alguns casos, o nome *C* pode aparecer acompanhado de um modificador adjectival:

(6) *O António voltou à vaca fria* [CP1]

que é fixo com o nome, não apresentando variação distribucional:

(6a) *\*O António voltou à vaca (quente + morna + tépida + gélida + gelada)*

nem pode ser elidido:

(6b) *\*O António voltou à vaca*

Algumas frases, porém, permitem a formação de um pequeno paradigma, geralmente bastante restrito, na posição de modificador adjectival e em que é frequente observar uma oposição (positivo/negativo):

(7) *O Mário bateu à porta (certa + errada)* [CP1]

também aqui modificador fixo é obrigatório:

(7a) *\*O Mário bateu à porta (correcta + exacta + incorrecta)*

(7b) *\*O Mário bateu à porta*

Note-se, como já o referiu M. Gross (1988a) para o Francês, que estes adjectivos em posição de modificador de *C* e que noutros contextos funcionam como

adjectivo predicativo, não resultam, no entanto, da redução de uma relativa nem podem ser associados a frases em que o adjectivo se apresenta construído com o respectivo verbo auxiliar (ou verbo copulativo):

(6c) \**O António voltou à vaca que (era + estava) fria*

(6d) \**O António voltou a uma vaca # a vaca (era + estava) fria*

(7b) \**O Mário bateu à porta que (era + estava) (certa + errada)*

(7c) \**O Mário bateu a uma porta # uma porta que (era + estava)  
(certa + errada)*

Também na frase:

(8) *O Mário foi para o outro mundo*

observamos a presença em  $C_i$  de um nome composto<sup>30</sup> (*outro-mundo*). A definição de nome composto no seio de uma frase fixa implica que a expressão possa ser usada independentemente noutro contexto sem que o seu significado se altere. Tal é aqui o caso:

*O bruxo contactou com o (outro mundo + Além + mundo de Lá +  
+ mundo dos mortos)*

A expressão *ir para outro mundo* ilustrada em (8), porém, apresenta um significado global não composicional ('morrer'); naturalmente uma parte do significado do composto contribui para o significado global da frase fixa. Contudo, na frase fixa, não parece possível observar essa variação:

?*O Mário foi para o (Além + mundo de lá + mundo dos mortos)*

---

<sup>30</sup> Para uma descrição sintáctica dos nomes compostos, veja-se, entre outros, G. Gross (1988, 1989, 1996) e, para o Português Europeu, Baptista (1994).

Pelo contrário, não consideramos como composto a combinação *vaca fria*, já que esta só aparece na combinação com o verbo *voltar*.

A distinção entre, por um lado, nome composto e constituintes fixos prende-se sobretudo com o facto de, no primeiro caso, ser todo o composto que é classificado como *C*, isto é, o composto figura na matriz léxico-sintáctica na coluna reservada ao elemento nuclear do grupo nominal fixo da expressão.

Noutros casos, *C<sub>i</sub>* pode ainda ser acompanhada de um complemento determinativo *de N*, cujo núcleo é fixo:

(9) *A Ana meteu-se na boca do lobo* [CP1]

(10) *O Mário nasceu em berço de ouro* [CP1]

As relações sintáctico-semânticas entre o complemento determinativo e o *C* cabeça do constituinte podem ser de natureza variada; assim por exemplo, no caso de *boca do lobo* encontramos uma relação metonímica (parte/todo) entre os dois nomes do grupo nominal; no caso de *berço de ouro* encontramos um complemento de matéria. Saliente-se, porém, que estes diferentes valores, conquanto possam ter estado na origem da formação da expressão, deixam de ser percebidos individualmente já que a expressão recebe no seu todo uma interpretação idiomática não composicional.

As construções em que o complemento determinativo é constituído por um grupo nominal livre foram, como já vimos, integradas em CPN.

Nos exemplos anteriores, o *GN* fixo apresentava uma estrutura interna regular, como qualquer *GN* ordinário, conquanto fixo com o verbo. Nos casos

seguintes, a constante lexical não apresenta uma estrutura típica de um *GN*. Não obstante, integramos estes casos em CP1, adaptando-os à forma de representação matricial que aqui adoptámos. Considere-se a construção, ilustrada abaixo:

*N<sub>o</sub> dar-se por <achado>*

(11) *O Mário não se deu por achado* [CP1]

A concordância sujeito-adjectivo (e a construção pronominal) parecem indicar tratar-se de uma construção transitiva predicativa, homóloga à que observamos em <sup>31</sup>:

*O Mário deu (o incidente + a tarefa) por (encerrado + terminada)*

Ora, a expressão *não se dar por <achado>* não permite explicitar a relação entre o complemento directo e o predicativo do complemento directo por meio de uma oração autónoma:

(11) *O Mário não se deu por achado*

(11a) *\*O Mário não (era + estava) achado*

Ao contrário do que sucede nas construções livres:

cp. *O Mário deu o incidente por encerrado*

*O incidente estava encerrado*

Este tipo de restrição à distância entre o sujeito e o adjectivo é dificilmente formalizável tanto nas matrizes léxico-sintácticas, como nos transdutores de estados finitos que construímos para análise lexical destas expressões em textos. Tal sucede porque estes métodos de representação (ainda) não realizam propriamente uma análise sintáctica do texto, que permita estabelecer relações

---

<sup>31</sup> Sobre estas reduções veja-se Baptista (1994: 17-40)

sintácticas entre constituintes frásicos, mas apenas delimitam os elementos lexicais das combinatórias que formam as frases fixas<sup>32</sup>.

Vejamos agora outro caso de *GN* fixo. Como se sabe, os pronomes possessivos (*Pos*) estão associados a complementos determinativos *de N* podendo, em condições discursivas adequadas, permitir a redução do *N*, que determinam:

*A Maria detesta estas roupas, mas a Joana gosta das suas (E + roupas)*

Neste exemplo, o nome *roupas* foi reduzido a fim de evitar a sua repetição, uma vez que já ocorreu um momento anterior do discurso (redução anafórica). A oração de *gostar* poderia corresponder à redução de:

*Joana gosta das roupas (dela + \*da Joana)*

(o problema da correferência do *Pos* com outro nome da frase não é agora pertinente para a discussão).

Encontrámos algumas situações em que a constante da frase fixa é preenchida por um *Pos*:

(12) *O Mário fez das suas* [CP1]

Contudo, não é possível reconstituir nenhum nome que o possessivo estivesse a determinar, ainda que pudesse ter ocorrido num momento anterior do discurso:

*A Maria fez muitas diabruras e o Mário também fez das suas*

*(E + \*diabruras)*

---

<sup>32</sup> De momento, limitamo-nos a indicar que estes elementos podem flexionar, indicando-os nas matrizes entre parênteses angulares '< >'. Na medida em que novas ferramentas de análise ficarem disponíveis, esta situação, já devidamente assinalada mas relativamente rara, poderá ser objecto de tratamento computacional adequado.

Algumas das frases fixas deste estudo apresentam uma negação obrigatória <sup>33</sup>, como sucede em:

(13) *O Paulo não foge à regra* [CP1]

(14) *O Mário não sai da cepa torta* [CP1]

Ao ser omitida a negação, aqui expressa pelo advérbio *não*, o significado não composicional desaparece, passando a expressão a ter um valor literal ou passando mesmo a ser inaceitável:

(13a) *\*/?O Paulo foge à regra*

Esta afirmação merece, porém, ser atenuada já que a presença de certos adverbiais pode tornar aceitável a frase na afirmativa:

(14a) *Portugal só sairá da cepa torta quando se aplicarem estas políticas*

Repare-se, porém, na clara inaceitabilidade da frase afirmativa sem este tipo de contexto sintático:

*?\*Portugal saiu da cepa torta*

o que comprova o carácter intrinsecamente negativo da expressão.

Outras construções apresentam um pronome reflexo obrigatório <sup>34</sup>:

(15) *O Paulo fez-se à estrada* [CP1]

(16) *O Mário não se aguenta nas canetas* [CP1]

Nestas construções, o pronome reflexo não pode ser reduzido nem pode ser substituído por um grupo nominal da mesma natureza distribucional mas não correferente ao sujeito:

---

<sup>33</sup> Para uma descrição mais aprofundada desta propriedade, ver adiante §2.3.

<sup>34</sup> Para uma descrição mais aprofundada desta propriedade, ver adiante §2.2 .

(15a) *O Paulo fez (-se + \*E) à estrada*

(15b) *\*O Paulo fez o Pedro à estrada*

(16a) *O Mário não (-se + \*E) aguenta nas canetas*

(16b) *\*O Mário não aguenta o Paulo nas canetas*

pelo que consideramos tratar-se de construções intrinsecamente pronominais (Boons, Guillet e Leclère, 1976a: 120-168). De certo modo, é possível considerar que o pronome reflexo (apesar da sua variação, por forma a concordar com o sujeito da construção) forma com o verbo uma palavra composta.

Os complementos fixos podem ser de natureza sintáctica variada e aparecem introduzidos por diversas preposições:

(17) *O Mário deu **de** frosques* [CP1]

(18) *O Mário fechou-se **em** copas* [CP1]

(19) *O Mário faltou **à** palavra (dada + E)* [CP1]

(20) *O Mário rodou **sobre** os calcanhares* [CP1]

Encontramos alguns casos com preposições compostas (ou locuções preposicionais), embora estas ocorram em muito menor número do que as preposições simples:

(21) *O Mário enfiou-se **debaixo das saias da mãe*** [CP1]

(22) *O Mário foi **até ao fim do mundo*** [CP1]

Neste último caso, observa-se inclusive, a justaposição de duas preposições compostas *até a* e *ao fim de*.

Os determinantes das frases fixas deste estudo são todos fixos e, em geral, não admitem variação. Na posição de determinante do elemento fixo, podemos encontrar diversos tipos de determinante.

A ausência de determinante ou determinante zero (*Det* =:E)<sup>35</sup> observa-se em numerosas frases. Segundo M. Gross (1985: 99-103), a ausência de determinante é habitualmente considerada como um índice de fixidez destas expressões, como se observa na frase:

(23) *O Mário foi a <E> terra* ('desembarcar') [CP1]

Se ocorrer alguma variação, a frase perde o seu significado idiomático:

° *O Mário foi a uma terra <que tinha visto antes>*

ou muda de significado:

(24) *O Mário foi à terra* ('visitar a terra de origem') [CP1]

Neste último exemplo, a presença de um determinante definido altera o significado que a expressão apresenta quando *Det* =:E. Tratam-se, portanto, de frases fixas com significados (idiomáticos) diferentes, tendo sido dadas entradas léxico-sintáticas independentes para cada frase.

Ao contrário do que sucede nas frases livres, em que a presença do artigo definido está, geralmente, relacionada com uma ocorrência do nome que este determina num momento anterior no discurso:

*O Mário estava sentado numa cadeira a dormir. Alguém o empurrou e ele caiu da cadeira.*

---

<sup>35</sup> Embora alguns autores (M. Gross 1989; Fotopoulou 1993; Vale 2001) distingam estas duas posições, tal não foi feito aqui.

o emprego do artigo definido nas construções fixas não tem, porém, um valor referencial (anafórico) já que o conjunto da combinação apresenta um significado global não composicional:

(25) *O Mário caiu da cadeira* ('morrer', 'ser destituído de um cargo') [CP1]

Os determinantes indefinidos fixos têm um comportamento semelhante ao dos determinantes definidos, porque, em geral, também não admitem variações com outros determinantes, como por exemplo:

(26) *O Mário joga com um pau de dois bicos* [CP1]

(26a)\* *O Mário joga com algum pau de dois bicos*

nem aceitam modificadores:

(26b)\* *O Mário joga com um (grande + afiado) pau de dois bicos*

Esta situação, porém, é bastante rara.

De um modo geral, não se observaram casos de determinante livre no grupo nominal fixo.

### 1.5.2. CLASSE CPN

A classe CPN pode ser considerada uma subclasse de CP1, no entanto constitui uma classe autónoma, porque se observa que a constante lexical, que é núcleo do grupo nominal fixo, apresenta um complemento determinativo livre, o que não ocorre na classe CP1, e que pode ser representada pela fórmula:

$$N_0 V Prep (C de N)_I$$

de que é exemplo a frase:

(1) *A Maria chora no ombro do Mário* [CPN]

De um modo geral, verifica-se uma relação metonímica (parte/todo) entre o complemento determinativo livre e o nome *C* núcleo do complemento preposicional. Não obstante, *C* é fixo com o verbo e dificilmente pode variar. De facto, no exemplo acima, apenas este nome parte-do-corpo (*Npc*) pode ocorrer com este verbo nesta construção:

(1a) *A Maria chora em (o ombro + ?\*as costas + ?\*o peito + ?\*o braço +  
+ \*o cotovelo) do Mário*

Aqui, *de Nhum (do Mário)* é o complemento determinativo de *ombro*, nome que é fixo com o verbo (*chorar*). Há uma interpretação locativa em *no ombro de N* na frase com *chorar*. A selecção dos *Npc* para esta posição, numa interpretação literal, presume um *Npc* que possa servir de ‘apoio’, pelo que se observa a quase inaceitabilidade de *cotovelo* e *joelho*. A relativa (in)aceitabilidade de *peito*, nome que semanticamente poderia ter esta interpretação locativa de ‘ponto de apoio’, demonstra o carácter excepcional da combinatória especial entre *chorar* e *ombro*. Por outro lado, a escolha de *costas* desencadeia a interpretação figurada (idiomática) decorrente da ambiguidade da frase com a combinação da construção (livre) de *chorar* com o advérbio composto *nas costas de N* (‘sem conhecimento de alguém’).

O complemento determinativo *de N* do grupo nominal fixo pode sofrer uma reestruturação (Guillet et Leclère 1981), operação que cinde o *GN* em dois constituintes independentes de modo a ligar o *N* do complemento determinativo de forma sintacticamente mais estreita ao verbo. De um modo geral, a reestruturação observada consiste em transformar o complemento determinativo num complemento dativo (reestruturação dativa, Leclère 1995), que pode ser formalizada como:

$$N_0 V Prep (C de N)_1$$

(2) *O Mário não chega aos calcanhares da Ana* [CPN]

$$[Rdat] = N_0 V Prep C_1 a N_2$$

(2a) *O Mário não chega aos calcanhares à Ana*

As frases reestruturadas são frequentemente mais naturais se o complemento dativo ocorrer reduzido a pronome:

(2b) *O Mário não lhe chega aos calcanhares*

Observa-se, a respeito das construções integradas desta classe, alguma hesitação quanto à sua classificação. Para Vale (2001: 162-166) as frases com a estrutura:

$$N_0 V Prep C_1 Prep N_2$$

foram agrupadas numa classe autónoma independentemente da análise do complemento *de N* ser a de um complemento determinativo de *C<sub>1</sub>* ou a de um complemento fixo de verbo. Saliente-se que esta última construção (com dois complementos preposicionais) foi classificada por M. Gross (1982a, 1989, 1996) em CPP.

### 1.5.3. CLASSE CPP

A classe CPP caracteriza-se por ser constituída por dois complementos preposicionais em que, pelo menos, um dos complementos é fixo com o verbo. Quando os dois complementos preposicionais são fixos, a estrutura sintáctica da frase corresponderá a:

$N_0 V Prep C_1 Prep C_2$

(1) *O Mário deu com as trombas na porta* [CPP]

Nos casos em que só o primeiro complemento preposicional é fixo, a sua estrutura é representada pela fórmula:

$N_0 V Prep C_1 Prep N_2$

(2) *O Mário não morre de amores pela Ana* [CPP]

Se só o segundo complemento preposicional for fixo, a representação será:

$N_0 V Prep N_1 Prep C_2$

(3) *O Mário anda com a Ana ao colo* [CPP]

Quando apenas um dos complementos é fixo com o verbo, a ordem linear dos complementos pode, por vezes, ser invertida, por exemplo:

(3a) *O Mário anda ao colo com a Ana*

Tal, porém, não sucede, em geral, quando ambos os complementos são fixos:

(4) *O Mário foi de cavalo para burro* [CPP]

(4a) *\*O Mário foi para burro de cavalo*

(5) *O Mário puxou pelos cordões à bolsa* [CPP]

(5a) *\*O Mário puxou à bolsa pelos cordões*

Nesta permuta não se levam em conta efeitos resultantes do comprimento relativo de cada um dos complementos, uma vez que tal pode dar lugar à operação de *permuta de comprimento* (Harris 1976: 148-149). Assim por exemplo, o complemento livre ocorrerá sempre depois do complemento fixo se formalmente for preenchido por um *GN* relativamente complexo, facto que o torna num constituinte estruturalmente mais ‘pesado’, obrigando à sua permuta para o final da frase:

(3b) *O Mário anda ao colo com todos os funcionários da empresa*

(3c) *?\*O Mário anda com todos os funcionários da empresa ao colo*

Como dissemos, as frases fixas com um complemento livre admitem, em geral, a permuta de complementos, mas observa-se por vezes que uma das duas disposições dos complementos preposicionais é mais natural; neste caso, o complemento fixo aparece imediatamente após o verbo:

(6) *A Maria dá ao badalo com a Ana* [CPP]

(6a) *?A Maria dá com a Ana ao badalo*

A distinção entre construções com apenas um ou ambos os complementos fixos poderia levar ao desdobramento desta classe em duas subclasses<sup>36</sup>. Contudo, dado o reduzido número actual de efectivos desta classe, mantivemos a opção de M. Gross (1989) em que, por convenção, as construções com apenas um complemento fixo são representadas na mesma matriz que as construções com ambos os complementos fixos. Por outro lado, são igualmente indicadas em

---

<sup>36</sup> Como, por exemplo, o faz Vale (2001).

coluna as propriedades estruturais correspondentes à diferente ordenação por que estes complementos podem aparecer dispostos na frase.

Em virtude desta opção, a descrição do segundo complemento é dupla. Regista-se na matriz a possibilidade do grupo nominal ser fixo ( $C_2$ ) ou livre ( $N_2$ ), e explicitando, no primeiro caso, os elementos lexicais que constituem o *GN* fixo e, no segundo caso, as propriedades distribucionais do constituinte livre.

Em relação aos elementos que constituem os complementos preposicionais, em algumas frases, ocorrem dois complementos preposicionais coordenados:

(7) *O Mário agrada a gregos e a troianos* [CPP]

(7b) \*<sup>o</sup> *O Mário agrada a (gregos + troianos)*

mas a preposição do segundo complemento pode reduzir-se:

(7c) *O Mário agrada a gregos e troianos*

Encontrámos também no *corpus* uma ocorrência da construção seguinte:

Ext 1481157 (clt, 92a): Não tente **agradar a Deus e ao Diabo** . [CPP]

Dado o número reduzido de casos, optámos por não representar a possibilidade de redução da segunda preposição ( $Prep_2$ ) em coluna, tendo preferido duplicar a entrada.

Obviamente, dada a natureza destes complementos complexos aparentemente formados pela coordenação de dois complementos preposicionais, a sua representação em CPP não é inteiramente adequada, mas devido ao seu número reduzido, integramo-las provisoriamente nesta classe.

Em alguns casos (poucos), em vez de um complemento preposicional, encontramos um advérbio:

(10) *O Mário bate **mal** da cabeça* [CPP]

(11) *O Mário amarinhou pelas paredes **acima*** [CPP]

Na sequência de M. Gross (1986), que tratou os adverbiais como complementos preposicionais, com base no conceito de *advérbio alargado*, classificámos, de momento, este tipo de frases na classe CPP. Esta relação entre o complemento preposicional e o advérbio já está presente na gramática tradicional desde, pelo menos, a gramática de Port-Royal (Arnauld & Lancelot 1660; ver a este respeito, Harris & Taylor 1997).

## 2. PROPRIEDADES SINTÁCTICAS

Nas secções seguintes, serão descritas as principais propriedades sintáticas das frases fixas em estudo.

### 2.1. PROPRIEDADES DISTRIBUCIONAIS

As propriedades distribucionais dizem respeito às restrições lexicais, sintáticas e semânticas quanto ao preenchimento lexical das posições livres das frases fixas. Estas restrições são definidas da mesma forma como habitualmente caracterizamos as posições argumentais das frases livres (M. Gross 1982a,b; 1989). Para descrever as propriedades distribucionais relativas aos *GN* livres, seguimos a metodologia proposta por M. Gross (1975).

O conceito de nome humano – *Nhum* – (M. Gross 1975: 47) é essencialmente de natureza semântica, mas pode ser associado a propriedades formais. Definimos as restrições distribucionais sobre uma posição sintáctica como *Nhum* quando nela podemos inserir nomes próprios como *Mário*. Pelo contrário, os *N-hum* serão todas as posições sintáticas em que tal não sucede.

O sujeito de todas as frases fixas deste estudo é distribucionalmente livre e pode ser lexicalmente preenchido

a) por um nome humano (notado *Nhum<sub>o</sub>*):

(1) *O Mário faltou à palavra dada* [CP1]

(2) *O Mário bateu com o nariz na porta* [CPP]

b) e por um nome não-humano (*N-hum<sub>o</sub>*):

(3) *O projecto veio por água abaixo* [CPP]

(4) *O barco deu em seco* [CP1]

É interessante verificar que a notação *Nhum* não permite distinguir entre posições sintácticas preenchidas por um nome *estritamente humano* e aquelas em que nela podem ocorrer *extensões* de *nome humano* como, por exemplo, o nome de instituições:

(1a) *(O Mário + a empresa) faltou à palavra dada* [CP1]

(2a) *(O Mário + ?\*a empresa) bateu com o nariz na porta* [CPP]

(5) *(O Mário + !/?\*a empresa) foi desta para melhor* [CPP]

na medida em que se trata de distinções distribucionalmente muito finas, não as levamos em consideração neste momento.

Não encontramos nenhum caso de sujeito preenchido por nome não-restrito (*Nnr*; M. Gross 1975: 50). Esta propriedade não corresponde a uma classe de substantivos, mas especifica que uma posição sintáctica que pode ser preenchida por nomes de qualquer natureza semântica (*humanos* e *não-humanos*, frequentemente *nomes abstractos*) e até completivas (frequentemente factivas, isto é, introduzidas por *o facto de*). Os grupos nominais *Nnr* tem uma interpretação proposicional e à sua posição sintáctica está geralmente associada uma interpretação **causal**.

Existem, no entanto, frases que admitem tanto nomes humanos como nomes não-humanos na posição de sujeito sem que o seu significado se modifique ou sem que a frase se torne agramatical, por exemplo:

(6) *(O Mário + o projecto da Câmara + a Economia) vai de mal a pior* [CPP]

Embora admita uma grande variedade de nomes, esta frase não admite completivas (M. Gross 1975), infinitivas e/ou infinitivas introduzidas por *o facto de* <sup>37</sup>:

(6a) \* (*Que isto aconteça + fazer isto + o facto de a Maria ter feito isso*) *vai de mal a pior*

A natureza distribucional do sujeito pode determinar o significado da construção fixa e levar à necessidade de proceder a desdobramentos lexicais. Tal pode verificar-se no caso de *N<sub>0</sub> falar por si* que pode apresentar duas construções fixas:

- (i) *Nhum<sub>0</sub> falar por si* ('falar por iniciativa própria, sem ter de prestar contas, a mando de ninguém')
- (7) *O Mário fala por si*
- (ii) *N-hum<sub>0</sub> falar por si* ('é evidentemente bom')
- (8) *O currículo da Ana fala por si*

Relativamente às posições livres pós-verbais, um grupo nominal livre também pode ser lexicalmente preenchido por um *Nhum* exclusivamente:

- (9) *A Ana dava à língua com (a Maria + a mãe + o colega)* <sup>38</sup> [CPP]
- (9a) \**A Ana dava à língua com (o telefone + a vida)*

---

<sup>37</sup> Sobre o estatuto de *facto* como nome operador (*Nop*), ver M. Gross (1975: 52-55) e Baptista (2005: 102-108).

<sup>38</sup> Tratando-se de uma construção simétrica (ver adiante §2.4.3) tanto o sujeito como o complemento têm de ter a mesma natureza distribucional, no caso, *Nhum*.

Com certas frases, os complementos livres que são preenchidos por nomes locativos - notados *Nloc* - (Guillet & Leclère 1992: 8-11), isto é, trata-se de complementos locativos, na medida em que respondem adequadamente às interrogativas com (*Prep*) *onde?*:

(10) *O Mário deu com os costados no chão* [CPP]

P: *Onde deu o Zé com os costados?*

R: *No chão.*

Há, pois, que considerar duas construções distintas, provavelmente em relação diacrónica uma com a outra: por um lado, o emprego (fixo) literal de *dar com os costados em Nloc* - ‘cair’, ‘bater com as costas em *Nloc*’; por outro lado, o emprego (igualmente fixo) mas autonomizado do primeiro, em que o segundo complemento apresenta nomes como *prisão*, *hospital*, etc. e que significa ‘ir parar a’.

Não obstante, é possível encontrar alguns destes complementos com um preenchimento lexical relativamente restrito (designando ‘instituições’ e/ou ‘locais’), de que resulta uma interpretação global disfórica não composicional:

(11) *O Mário deu com os costados (no hospital + na prisão)* [CPP]

P: *Onde deu o Mário com os costados?*

R: *(no hospital + na prisão)*

sendo estas frases interpretadas globalmente como ‘O Mário está doente’ ou ‘O Mário está preso’, respectivamente.

Na maioria dos complementos determinativos livres das frases fixas da classe CPN, o preenchimento distribucional é um nome estritamente humano:

(12) *O Pedro deu na cabeça da Rita* [CPN]

e não admitem outras de outra natureza distribucional:

(12a) \**O Zé deu na cabeça (do projecto + da visão do Governo + do banco)*

Em algumas frases desta classe, porém, o complemento determinativo pode ser preenchido tanto por um nome humano:

Ext **566247** (clt, 94a): P. -- Para **cair na armadilha do Borges** [CPN]

como por um nome não-humano:

Ext **305811** (nd, 98b): Na defesa e na política externa está o retrato de um governo que se deixou **cair na armadilha da gestão corrente**. [CPN]

Ext **329760** (pol, 94a): Cabe-nos preparar a nossa participação nessa revisão do Tratado sem precipitações, e sem **cair na armadilha dos debates estereotipados sobre o modelo institucional**». [CPN]

Considerámos que tal oposição não parecia alterar substancialmente o significado global da expressão, pelo que mantivemos ambos os casos sob a mesma entrada.

Em conclusão, como se poderá facilmente observar por uma leitura cursiva das matrizes, nas classes de construções aqui estudadas predominam, do ponto de vista do preenchimento lexical das posições argumentais livres, os grupos nominais do tipo humano; os grupos nominais não-humanos são raros; não se

observam casos de nomes não-restritos; em alguns casos (raros), observamos complementos locativos.

Na secção que se segue, apresentamos as construções (intrinsecamente) pronominais.

## 2.2. CONSTRUÇÕES PRONOMINAIS (*VSE*)

Tal como acontece nas frases livres, observam-se frases fixas em que o verbo apresenta uma construção intrinsecamente pronominal (notada *Vse*):

(1) *O Mário fez-se ao piso à Clara* [CPP]

Trata-se de construções em que o pronome reflexo não pode ser elidido, nem substituído por um grupo nominal da mesma natureza distribucional mas não correferente ao sujeito:

(1a) *\*O Mário fez (E + o João) ao piso à Clara* [CPP]

Repare-se que, como já tivemos ocasião de referir atrás, as construções ‘livres’ intrinsecamente pronominais são já, de algum modo, expressões fixas, podendo considerar-se que o verbo e o pronome reflexo formam uma palavra composta; nesse sentido, retemos a observação de Gaatone (2000: 306):

«(...) todos os verbos ditos “essencialmente pronominais”, isto é, as associações dum verbo e dum pronome clítico reflexo não previsíveis a partir do verbo simples correspondente (...) são EF (=expressões fixas), mas também outras associações dum verbo e dum pronome não reflexo desprovido de fonte (...) são construções ditas “essencialmente impessoais” (...) não previsíveis a partir duma construção pessoal correspondente.» (tradução nossa).

Nos casos como o do exemplo acima apenas sucede que, além da presença do pronome reflexo, há ainda que levar em conta outro complemento fixo com o verbo. Este tipo de construção pode observar-se em todas as classes aqui estudadas:

- (2) *O Pedro pôs-se na alheta* [CP1]  
 (3) *A Maria chegou-se aos bons* [CP1]  
 (4) *O Mário riu-se na cara do Pedro* [CPN]  
 (5) *O Mário meteu-se na vida da Maria* [CPN]  
 (6) *O Pedro está-se nas tintas para a Maria* [CPP]  
 (7) *O Pedro bateu-se em duelo com o Mário* [CPP]

Em alguns casos, a construção intrinsecamente pronominal já se observa nas construções livres do verbo:

- (8) *O Pedro riu-se na cara da Rita* [CPN]  
 cp.(9) *O Pedro riu-se (da Rita + E)* [CPN]

O verbo *rir* é, aliás, um exemplo interessante de conservação da propriedade sintáctica na medida em que constitui um dos raros casos<sup>39</sup> em que, a par da construção pronominal, admitem também a construção sem o pronome reflexo<sup>40</sup>:

- (8)=(10) *O Mário riu(-se) na cara do Pedro*  
 (9)=(10) *O Mário riu(-se) (?do Pedro + E)*

<sup>39</sup> Repare-se a título de exemplo  $N_0$  *casar(-se) com N<sub>1</sub>*.

<sup>40</sup> Apenas a construção não pronominal está atestada no *corpus* (2 ocorrências), mas ambas as construções encontram-se abundantemente atestadas na Internet (Google, 01.02.07) com uma predominância acentuada para a construção não pronominal. Eis alguns exemplos de cada.

O caso de *bater-se em duelo* também constitui uma situação interessante na medida em que, a par da construção pronominal:

(7) *O Pedro bateu-se em duelo com o Mário* [CPP]

encontramos a construção transitiva:

(11) *O Pedro bateu o Mário em duelo* [CNP2]

Trata-se de duas construções distintas na medida em que a construção pronominal não admite a substituição do pronome reflexo por um grupo nominal:

(7a) \**O Pedro bateu (o João + ao João) em duelo com o Mário*

mas a construção transitiva não admite a pronominalização reflexa do complemento directo (pois este nunca pode ser correferente do sujeito):

(11a) \**O Pedro bateu-se (= o Pedro) em duelo* [CNP2]

As construções intrinsecamente pronominais, conquanto não constituam uma situação excepcional na sintaxe do verbo, levantam problemas de formalização interessantes na perspectiva do seu processamento automático.

Na medida em que o pronome reflexo não pode derivar da redução de um *GN*, ele não deve ser levado em conta na representação dos actantes do predicado. Por outro lado, nas condições sintácticas em que se dá a atracção do clítico para a posição pré-verbal (por exemplo, subordinadas, interrogativas parciais, presença de sujeitos indefinidos, certos advérbios quantificadores, etc.) é necessário levar em conta esta permuta do pronome reflexo aquando da identificação da expressão fixa. Veremos estes casos, mais adiante, §3.

## 2.3. CONSTRUÇÕES COM NEGAÇÃO OBRIGATÓRIA (*NEG<sup>O</sup>BRIG*)

### 2.3.1. DIFERENTES EXPRESSÕES DA NEGAÇÃO OBRIGATÓRIA

As frases fixas podem apresentar uma construção com negação obrigatória (*NegObrig*). Como primeira aproximação, podemos definir esta propriedade como consistindo no facto de uma frase só poder existir na negativa, geralmente expressa por um advérbio de negação (*não*), sem o qual a frase perde o seu valor idiomático ou, eventualmente, pode até tornar-se agramatical. Trata-se de frases como:

Ext **1078875** (clt, 95b): Ela **não passa da cepa torta** depois de um álbum não despedido de atractivos como o produzido para a série de televisão «The Celts» . [CP1]

Ext **7612** (soc, 93a): [...] a população do centro histórico da Covilhã **não ganhou para o susto**, [...] [CP1]

Quantitativamente, este fenómeno não é muito significativo nas construções aqui estudadas (representa cerca de 4,5% das frases fixas recolhidas)<sup>41</sup>. Saliente-se, porém, que alguns destes casos podem ser considerados como variantes da mesma expressão idiomática, na medida em que o seu significado global é idêntico, tal como acontece, por exemplo, nas expressões *Neg aguentar-se em (pé + as pernas + as canetas + as canelas)*:

Ext **549590** (soc, 97b): Quatro indivíduos, três homens e uma mulher, que Samuel disse terem todos os sintomas de estarem drogados por não se **aguentarem em pé** . [CP1]

(google, 14.02.06) [...] mas não se **aguenta nas pernas**, e temos novas eleições, decretada por um ... [CP1]

Ext **254593** (clt, 93a): O café não se **aguenta nas canetas** [...] [CP1]

---

<sup>41</sup> Ao todo encontramos 26 frases fixas com *NegObrig* que se distribuem da seguinte forma pelas classes: CP1: 20; CPN: 3; CPP: 3.

(google, 01.02.06) O Silva Pereira tava A ver que se não **aguentava Nas canelas**. [...]. [CP1]

De um modo geral, o advérbio de negação mais frequente é *não*:

Ext **5119** (pol, 95b): Ângelo Correia **não fugiu à regra** mas criticou o PSD de Cavaco e o de Nogueira . [CP1]

Contudo, a negação não se expressa apenas com este advérbio, verificando-se que, em muitos casos, podem ocorrer outros advérbios de negação, como por exemplo, *jamais*, *nem*<sup>42</sup>, *nunca*, entre outros:

(google, 27.01.06): Um Ferrari **jamais chega aos calcanhares** de um Porsche em estradas normais. Existe um que o consegue acompanhar e mesmo supera-lo, caso esteja a chover <sic> ou a ... [CP1]

Ext **1438109** (des, 98a): Ficou a festinha dos adeptos benfiquistas, que podem **nem perder pela demora** . [CP1]

Ext **467893** (pol, 95a): Talvez lhe valha a tradição parlamentar portuguesa no que toca a comissões de inquérito: **nunca dão em nada** e absolvem sempre o Governo . [CP1]

Não obstante a preponderância que observamos no emprego de *Neg* =: *não*, não atribuímos a tal nenhum valor particular. Assim, por exemplo, no caso da frase *Neg passar da cepa torta*, o advérbio *nunca* ocorre com a mesma frequência que o advérbio *não*:

(google, 17.02.06) [...] Será que Portugal **nunca vai passar da cepa torta?** [...] [CP1]

---

<sup>42</sup> *Nem* é considerado como advérbio, em casos como: *O Mário nem gosta de bolos*.



Outra forma de marcação da negação consiste no emprego de um sujeito ‘negativo’, como sucede no caso dos pronomes indefinidos *ninguém* ou *nenhum*:

Ext **28339** (des, 93b): Mas, neste particular, também **ninguém chega aos calcanhares** do ucraniano Sergey Bubka . [CPN]

Ext **625506** (des, 95a): A seguir Caniggia teve três bons lances, mas **nenhum** deles **deu em nada**. [CP1]

Neste caso, o valor restritivo negativo destes pronomes sobre a determinação do sujeito permite a expressão deste tipo de construções na afirmativa. Situação semelhante ocorre quando o sujeito é preenchido por pronomes com valor restritivo, como *único*:

Ext **117271** (pol, 93b): O **único** que **fugiu à regra** foi Jean-Claude Duvalier . [CP1]

Além destas expressões, em que as restrições sobre a determinação do sujeito permitem que a construção se apresente na afirmativa, registamos ainda casos em que o sujeito aparece determinado por um advérbio quantificador com valor restritivo semelhante, como sucede em:

Ext **110476** (soc, 91a): **Apenas** a Sexta-Feira Santa e o Natal **fogem à regra** . [CP1]

O advérbio *apenas*, com um valor determinativo, incide sobre o sujeito da frase, restringindo a sua referência. A frase só é interpretável em contraponto com outros *N* (o conjunto de nomes de <*dias feriados*>, neste caso) que “*não fogem à regra*”.

Do mesmo tipo, embora mais complexa, é a restrição que se observa com *haver* + *negação* da seguinte frase:

Ext **72753** (clt, 95a): «Se a canção é boa, **não há versão** que lhe **chegue aos calcanhares**. " [CP1]

Neste caso, estamos perante a negação (*não*) de uma proposição existencial (*haver*) que opera sobre um *N* (*versão*); este é modificado por uma relativa cujo conteúdo é a construção idiomática (*não chegar aos calcanhares de N*), mas que, pelo facto de o seu sujeito se encontrar negado, pode expressar-se na afirmativa.

De resto, o emprego de uma segunda negação:

*\*Se a canção é boa, não há versão que **não** lhe chegue aos calcanhares*  
implicaria que:

*\*Todas as versões lhe chegam aos calcanhares*

o que, como se verifica, parece resultar numa expressão inaceitável. Confirma-se assim, por um lado, o carácter intrinsecamente negativo da construção e, por outro lado, justifica-se o seu emprego na afirmativa, pelo seu ‘encaixe’ sob a negação da expressão existencial com *haver*.

Nem sempre, porém, é simples determinar as condições em que uma dada expressão, intuitivamente considerada como intrinsecamente negativa, pode aparecer sem a negação expressa. Na frase:

Ext **1336745** (des, 98a): [...] Barbosa **só** tem a **perder pela demora** . [CP1]

a expressão idiomática, na afirmativa, só se consegue interpretar como um jogo de palavras, por referência à forma “canónica” *Neg perder pela demora*.

Mas este tipo de análise poderia levar-nos demasiado longe já que são frágeis as bases formais em que se poderia apoiar. Preferimos, pois, continuar, nas linhas que se seguem, a tentar definir condições formais precisas que permitam determinar em que situações podem ocorrer as expressões intrinsecamente negativas sem a negação expressa.

Neste sentido, observa-se ainda que, quando encaixada sob certas conjunções subordinativas (sobretudo condicionais e temporais) e com o verbo num tempo verbal pretérito, estas construções com negação obrigatória podem aparecer na afirmativa. Contudo, o contexto sintáctico pressupõe a interpretação (implícita) da negação do estado de coisas descrito pela expressão idiomática. Assim, por exemplo, em:

Ext 592614 (des, 97b):      **Enquanto** aquela geração **se aguentou nas pernas**, [...] [CP1]

A subordinada temporal introduzida por *enquanto* e com o verbo no pretérito perfeito implica que, em contraponto:

*Agora aquela geração já não se aguenta nas pernas*

o que parece confirmar a atribuição a esta construção da propriedade *NegObrig*.

Do mesmo modo, outros mecanismos sintácticos ou expressões linguísticas que veiculam este valor restritivo autorizam o emprego da construção na afirmativa ainda que a tenhamos marcado como apresentando a propriedade *NegObrig*. A negação pode, de facto, exprimir-se pelo facto da expressão fixa se encontrar encaixada sob um operador (um predicado) que impõe à frase fixa uma

modalidade ‘irreal’ (não factiva). Por esta razão, torna-se admissível empregar uma ideia intrinsecamente negativa na afirmativa, uma vez que estamos a falar de uma modalidade irreal. É o caso que vemos na frase seguinte:

Ext **467331** (clt, 93a):      As suas famosas conchas, tal como as desenhou, **eram demasiado finas e altas para se aguentarem em pé** .  
[CP1]

em que a construção fixa intrinsecamente negativa, mas que aqui se encontra na afirmativa como uma oração subordinada final, está associada ao quantificador *demasiado* que modifica os adjectivos *finas* e *altas*. Nesta situação, está necessariamente implícita a interpretação de que:

≈      *As conchas não se aguentam em pé*

De um modo semelhante, veja-se ainda a oração subordinada final do exemplo seguinte:

Ext 1103190 (clt, 94a):      [...] enquanto meio mundo se rói para lhe **chegar aos calcanhares** .  
[CPN]

Associada à construção (metafórica) de *roer-se*, a oração final implica um estado de coisas futuro/irreal, que autoriza o emprego na afirmativa da construção *Neg chegar aos calcanhares de N*. À semelhança do caso anterior, o contexto sintáctico em que a expressão fixa se insere autoriza a interpretação:

≈      *Meio mundo não lhe chega aos calcanhares*

O carácter intrinsecamente negativo da construção é confirmado pela inaceitabilidade de:

\*[...] *enquanto meio mundo se rói para não lhe chegar aos calcanhares* <sup>44</sup>

Também no exemplo seguinte:

Ext **555839** (soc, 97b): Mais uma vez deixámos escapar a **possibilidade de fugir**  
**à regra!** [CP1]

a inserção da expressão *não fugir à regra* sob o nome operador (*Nop*) (M. Gross, 1975: 50-55) *possibilidade*, que, justamente, confere à oração uma modalidade epistémica, permite que a construção intrinsecamente negativa se possa construir (superficialmente) na afirmativa. Se a construção for empregue isoladamente tal não é natural:

\*/?\* [Nós] *fugimos à regra*

cp. Nós **não** *fugimos à regra*

Sob o *Nop* a inaceitabilidade da frase negativa parece estar associada à reduzida interpretabilidade da expressão:

?\* *Mais uma vez, deixámos escapar a possibilidade de não fugir à regra*

A inserção de um verbo auxiliar (ou eventualmente, de uma cadeia de auxiliares) sobre o verbo principal da construção fixa, pode não afectar a propriedade *NegObrig*. Assim, no exemplo:

Ext **484626** (eco, 95a): É que advogado, mesmo de mota, **não pode brincar em**  
**serviço** [...]. [CP1]

a posição pré-verbal do advérbio de negação nega todo o predicado e por isso não altera o significado global da expressão. Neste caso, o conjunto do verbo auxiliar (*poder*) e do verbo (*brincar*) da expressão fixa são analisados como

---

<sup>44</sup> Efeitos estilísticos, como a ironia, talvez pudessem fazer com que a expressão fosse aceitável.

sendo um único complexo verbal. O advérbio não deixa de ter escopo sobre o verbo (*V*).

No exemplo seguinte, porém:

Ext **1016797** (nd, 97a): E no Sul exige-se, ainda e sempre, a demissão do Presidente Berisha, num ultimato que expira hoje mas que **pode não dar em nada** . [CP1]

o verbo modal (*poder*) opera sobre toda a expressão (*não dar em nada*) e apresenta uma modalidade distinta (epistémica) da do exemplo anterior. Assim, o auxiliar modifica o significado global da expressão idiomática:

≈ *Existe a possibilidade de que o ultimato dê em nada.*

Após a análise das concordâncias obtidas no CETEMPúblico, verificámos que os verbos auxiliares *ir* e *ter* são os que ocorrem com mais frequência. O verbo auxiliar *ir* ocorre nas frases em baixo ilustradas:

Ext **760564** (eco, 98b): O presidente da APAP referiu ainda que «a cordonação de uma contestação das agências «**não vai dar em nada**, como sempre», já que há empresas que têm medo de ir «para a lista negra ». [CP1]

Ext **263081** (pol, 95b): «A lista da Juventude Social-Democrata sempre foi uma lista fantasma e mais uma vez **não irá fugir à regra**. " [CP1]

Finalmente, podem ainda observar-se outros predicados de ordem superior, que operam sobre a expressão fixa, e cujo significado ‘negativo’ produz o mesmo efeito de ‘enfraquecimento’ do carácter afirmativo da frase fixa encaixada. É o que se observa em:

Ext **636141** (soc, 96b): Com um mercado europeu em franca expansão mas  
**ainda a milhas de chegar aos calcanhares** do colosso  
norte-americano, [...] [CPN]

Neste exemplo, a expressão *estar a milhas de F* (EPCPQ; Ranchhod 1990) ‘nega’, de algum modo, o conteúdo da frase fixa; este significado surge também reforçado pelo emprego do advérbio *ainda*; tal explica que, globalmente, a frase tenha a interpretação:

≈ *O mercado europeu (ainda) não chega aos calcanhares do colosso norte-americano*

Portanto, o significado destas expressões intrinsecamente negativas mas expressas na afirmativa não é composicional e só se deixa interpretar por referência à construção canónica, com a negação obrigatoriamente expressa.

Em síntese, a expressão da negação pode ou não fazer-se explicitamente. Quando está expressa (o que no *corpus* consultado constitui o caso mais geral), a negação é introduzida por diversos processos, entre os quais avulta o emprego dos advérbios de negação (sobretudo *não*), de pronomes indefinidos negativos (*ninguém, nenhum*) ou de determinantes com valor restritivo na posição de sujeito da construção (*apenas, único*); tanto o valor negativo, *stricto sensu*, como o valor restritivo sobre a determinação do sujeito podem ainda manifestar-se em operadores de nível superior (por exemplo, conjunções com valor negativo), o que confirma o carácter intrinsecamente negativo da construção idiomática. Um número residual de casos (ver adiante), em que estas expressões aparecem superficialmente na afirmativa, conquanto sejam mais difíceis de analisar,

resultam da interacção entre o significado dos operadores de ordem superior e a construção idiomática que sob eles se encontra encaixada, o que tem como resultado, para a interpretação global da expressão, um valor negativo.

Para terminar, referimos ainda um caso especial, o da expressão (*Neg*) *dar em nada*, que tanto ocorre na negativa como na afirmativa sem que o seu significado global se altera:

Ext **35122** (eco, 93b): Tornaremos muito claro aos nossos parceiros que, ou o banco central europeu virá para Frankfurt, ou todo este negócio **não dará em nada**» . [CP1]

= *Todo este negócio **dará em nada**.*

Ext **70741** (soc, 94b): Mas há diferenças: enquanto a CGTP pensa que a concertação **dará em nada**, a UGT acredita que, se Cavaco Silva quiser, o negócio far-se-á

= *A concertação **não dará em nada***

Nestes casos, a presença ou ausência do advérbio de negação não altera o significado global da expressão. Tal comprova a não composicionalidade do significado da frase fixa.

### 2.3.3. ASPECTOS QUANTITATIVOS DA NEGAÇÃO OBRIGATÓRIA

Na medida em que estes diferentes factores de ordem sintáctica (ou discursiva) poderiam determinar a atribuição da propriedade *NegObrig* às construções aqui estudadas, pelo menos tal como é entendida na sua definição mais restrita, apresentada no início desta secção, elaborámos o quadro seguinte (Tabela 2) que resume as observações sobre o *corpus* do CETEMPúblico e por

pesquisa na Internet. Nele indicamos o número de ocorrências pertinentes e a forma como se expressa a negação.

**Tabela 2.** Expressões intrinsecamente negativas.

<b>Frase Fixa</b>	<b>CP</b>	<b>G</b>	<b>Tot</b>	<b>não</b>	<b>≠não</b>	<b>Suj</b>	<b>NTot</b>	<b>O</b>	<b>%Neg</b>
Não bater bem da bola	1	49	50	45	1	0	46	4	92.00
Não bater bem da mona	1	20	21	20	0	0	20	1	95.24
Não bater bem da tola	0	43	43	40	1	0	41	2	95.35
Não brincar em serviço	66	-	66	66	0	0	66	0	100.00
Não chegar aos calcanhares	46	-	46	24	12	5	41	5	89.13
Não chegar para as encomendas	54	-	54	35	0	0	35	19	64.81
Não dar em nada	82	-	82	56	1	1	58	24	70.73
Não dar para a cova de um dente	0	4	4	3	0	0	3	1	75.00
Não dar para as encomendas	6	34	40	34	0	0	34	6	85.00
Não dar para os alfinetes	1	3	4	2	1	0	3	1	75.00
Não fugir à regra	376	-	376	319	7	3	329	47	87.50
Não ganhar para o susto	122	-	122	117	1	3	121	1	99.18
Não ir com a cara	1	35	36	28	5	1	34	2	94.44
Não ir em cantigas	16	-	16	14	0	0	14	2	87.50
Não ir em conversas	3	28	31	24	0	0	24	7	77.42
Não passar da cepa torta	4	41	45	25	19	0	44	1	97.78
Não perder pela demora	40	-	40	37	1	0	38	2	95.00
Não regular bem	0	11	11	11	0	0	11	0	100.00
Não sair da cepa torta	37	8	45	20	14	0	34	11	75.56
Não sair da estaca zero	2	1	3	2	0	0	2	1	66.67
Não se aguentar nas canelas	0	8	8	5	1	0	6	2	75.00
Não se aguentar nas canetas	2	32	34	19	3	0	22	11	64.70
Não se aguentar nas pernas	2	15	17	6	5	0	11	4	64.70
Não se dar por achado	13	-	13	12	1	0	13	0	100.00
Não se ter em pé	3	4	7	4	2	0	6	1	85.71
Não vir no mapa	17	-	17	11	3	0	14	3	82.35
Total	895	336	1,231	1,009	78	13	1,070	158	86.92
%	72.7	27.3	100	81.96	6.33	1.05	100	12.83	

**Legenda:** **CP** – número de ocorrências pertinentes no *corpus* do CETEMPúblico ; **G** – número de ocorrências pertinentes obtidos do motor de busca Google; **não** – a negação é feita pelo emprego do advérbio *não*; **≠não** – a negação recorre a outros advérbios de negação diferentes de *não*; **Suj** – a negação expressa-se ao nível do sujeito (v. texto); **NTot** – total de formas com negação expressa; **O** [outros] – outras ocorrências da expressão fixa; **% Neg** – percentagem de formas com negação expressa.

Na coluna *CP* foi colocado o número de ocorrências pertinentes retiradas do *corpus* CETEMPúblico, obtidas por verificação manual a partir dos resultados da pesquisa [lema = “verbo”] seguida dos restantes elementos fixos da expressão. Na coluna *G*, consta o número de ocorrências pertinentes obtidas a partir do motor de busca *google* e posteriormente verificadas manualmente a partir dos

resultados da pesquisa dos elementos fixos da expressão (e.g. “*dar para os alfinetes*”); considerou-se sucessivamente o verbo no infinitivo, no pretérito perfeito, no presente do indicativo e no pretérito imperfeito do indicativo, todos na terceira pessoa do singular, por esta ordem, até perfazer o máximo de 50 ocorrências (v.g., *dar, deu, dá, dava*); adaptou-se este procedimento de pesquisa no motor de busca sempre que o número de ocorrências em CP fosse igual ou inferior a 10.

Perante estas observações, verifica-se uma clara tendência para o emprego predominante do advérbio de negação *não* nestas construções; outros mecanismos de marcação da negação (por exemplo, sujeitos preenchidos por pronomes indefinidos negativos) só pontualmente são efectivamente empregues; os casos em que a negação *não* está expressa mas sim implícita pela subordinação da construção a outros operadores de ordem superior (com valor negativo ou restritivo) são claramente residuais.

Estes dados parecem, por um lado, confirmar a pertinência da propriedade *NegObrig* na descrição do comportamento sintáctico e semântico destas construções. Por outro lado, a predominância do emprego explícito das formas com a negação expressa (maioritariamente *não*: 1,009/1,231: 81.96%; e mais raramente com outros advérbios - 78/1,231: 6.33%) deixa supor que a formalização desta propriedade, tendo em vista o seu reconhecimento automático em textos, não deverá levantar dificuldades inultrapassáveis. De resto, a posição

dos advérbios de negação parece ser suficientemente previsível para assegurar uma taxa de precisão elevada (aproximadamente 90%: 88.29%).

Já a identificação das formas com sujeito negativo (1.05%) ou as construções em que a expressão idiomática se encontra na afirmativa (12.88%), dependente de uma das situações anteriormente descritas; ou quando estão inseridas sob operadores superiores, constitui uma parte importante das expressões restantes (apenas um pouco menos do que 14%). Por implicar uma análise sintáctica e semântica complexa do contexto mais alargado em que a expressão idiomática se insere, o reconhecimento adequado deste tipo de expressões intrinsecamente negativas parece ser uma tarefa não trivial.

#### 2.4. PROPRIEDADES TRANSFORMACIONAIS

As transformações são relações parafrásticas, de equivalência sintáctica e semântica entre frases (Harris 1964, 1991). Considerando o par (1)-(2):

- (1) *O Mário comeu o bolo*  
[Pass.]= (2) *O bolo foi comido pelo Mário*

Dizemos que ambas as frases se encontram transformacionalmente relacionadas através da operação [*Passiva*]<sup>45</sup>. As transformações podem, pois, ser também consideradas como operações formais que ‘deformam’ uma frase produzindo uma outra frase equivalente. No exemplo acima, não se alteraram as restrições distribucionais sobre os argumentos de *comer* / *comido* nem o significado global das frases.

---

<sup>45</sup> A *Passiva* não opera sobre as frases deste estudo, apenas foi referida aqui como ilustração do conceito harrissiano de transformação.

A aplicação das transformações depende de forma crucial dos elementos lexicais presentes nas construções e das relações que se estabelecem entre esses elementos. Assim, é necessária, tanto para as frases livres como para as frases fixas, uma descrição sistemática da forma como se distribuem as transformações pelas diferentes construções registadas no Léxico-Gramática.

As transformações podem ser unárias, ou seja, operam sobre frases elementares podendo modificá-las estruturalmente mas tendo como resultado outra frase elementar (e.g. passiva, pronominalização, permuta de comprimento, reestruturação dativa, extracção, apagamento); ou binárias, quer dizer, operações que combinam duas estruturas elementares para dar origem a uma nova estrutura complexa (e.g. posições, coordenações, subordinações circunstanciais, as relativizações e as subordinações completivas). As frases fixas deste estudo são estruturas elementares e por isso apenas se referirão aqui as transformações unárias que nelas podem ocorrer.

Verificamos que as condições léxico-sintácticas de aplicação de uma transformação são, de modo geral, as mesmas que vêm referidas na literatura relativamente às frases livres.

De um modo geral, as frases fixas apresentam maiores restrições à aplicação de operações transformacionais do que as frases livres. Contudo, o facto de as transformações poderem ocorrer nas construções fixas demonstra que estas operam sobre estruturas sintácticas independentemente do significado dessas construções (M. Gross 1989).

Nas próximas secções, iremos analisar as principais propriedades transformacionais que podem ocorrer nas frases fixas em estudo.

#### 2.4.1. PRONOMINALIZAÇÃO (*PRON*)

A pronominalização (ou redução a pronome) é uma propriedade transformacional muito geral das frases livres e que ocorre igualmente em algumas frases fixas. É a operação que substitui um grupo nominal por um pronome adequado.

As regras de pronominalização aplicam-se de forma regular nas frases fixas quando os termos pronominalizáveis são livres.

As condições discursivas para a redução a pronome (ou Pronominalização: [Pron]) de um constituinte (*GN*) dependem basicamente das relações de correferência entre esse constituinte e um *GN* que ocorra num momento anterior do discurso.

Nesse sentido, apenas os *GN* livres das frases fixas podem ser objecto de pronominalização, já que a não composicionalidade da combinação verbo-constante lexical implica que esta última não tenha valor referencial.

Assim, não faz sentido aplicar a pronominalização a *GN* fixos de construções como:

(1) *O Pedro foi para (os anjinhos + \*eles + \*lá)* [CP1]

(2) *O Pedro pôs-se na (alheta + \*ela + \*isso + °lá)* <sup>46</sup> [CP1]

Mesmo no caso dos complementos em que a cabeça do grupo nominal é fixa com o verbo mas cujo determinante é livre:

(3) *O Pedro sabe de (o, este, esse, aquele) assunto* [CP1] <sup>47</sup>

apesar do aparente ‘valor referencial’ dado pela variação do determinante, estes *GN* fixos não admitem a sua pronominalização:

*O João falou nesse assunto # O Pedro sabe de ( \*ele + ?\*isso)*

Os complementos determinativos livres de *C* podem, naturalmente, pronominalizar-se. Assim, por exemplo, nas frases com a estrutura:

*N<sub>0</sub> V Prep CI de N* [CPN]

de que é exemplo a construção *puxar pela língua de N*:

Ext 5860 (pol, 97a):                   «Estou muito aborrecida consigo, sublinhou, alto e bom som, uma peixeira à passagem de Monteiro, que não se fez rogado e tentou **puxar pela língua da vendedora**, disposto a arriscar. [CPN]

<sup>46</sup> Os complementos com valor locativo podem ser reduzidos a formas adverbiais (*ali, lá*). Naturalmente a frase *°O Pedro pôs-se lá* é aceitável mas não tem valor idiomático (o que é assinalado com ‘°’). Apenas o emprego idiomático aqui exemplificado se encontra atestado no CETEMPúblico: Ext 1539458 (soc, 93a): [...] *é seu desejo porem-se “na alheta” a grande velocidade*. Registe-se ainda as expressões dicionarizadas: *N<sub>0</sub> ir na alheta (?E + ?de N)* - ‘ir no encalço de’ - e a construção *(QueF)<sub>0</sub> dar na alheta a N<sub>2</sub>* ‘ter vontade súbita de fazer qualquer coisa’, mas para a qual não encontramos atestações, mesmo no Google.

<sup>47</sup> A construção *saber de N* (≡ ‘ter conhecimento de’) não admite como complemento um nome como *assunto*; compare-se a expressão acima com *O Pedro soube da vinda da Maria*. Note-se ainda que a interpretação idiomática parece estar associada a um emprego do verbo com tempos verbais durativos / imperfectivo (presente ou imperfeito do indicativo) e é incompatível ou desaparece quando o verbo aparece conjugado no pretérito perfeito [*≠ O Pedro soube de(o + este + esse + aquele) assunto*]. Consideramos, pois, *saber de Det assunto* uma combinação fixa (CP1).

verifica-se que é possível a redução do *GN* livre *da vendedora* a pronome oblíquo:

[Pron. Obl.]= *Monteiro tentou puxar pela língua dela*

Porém, com a expressão *ir ao pelo de N*, que apresenta uma estrutura sintáctica semelhante:

(4) *O Mário foi ao pelo do Pedro* [CPN]

verifica-se que essa pronominalização já não pode ocorrer:

(4a) \**O Mário foi ao pelo dele*

Torna-se, pois, necessário descrever para cada construção o conjunto de pronominalizações que sobre elas podem operar ou, inversamente, que lhes estão interditas. A possibilidade da pronominalização de um *GN* depende de condições formais mas também de factores lexicais, nomeadamente dos elementos lexicais da construção em que este se encontra.

Neste estudo, consideraram-se as seguintes situações de redução a pronome:

- redução de complemento determinativo a pronome possessivo (*de N = Pos*);
- redução de *GN* a pronome oblíquo (*Obl*).

Os complementos dativos resultantes da reestruturação do *GN* (§2.4.2) são sempre pronominalizáveis (pela forma dativa dos pronomes pessoais), razão por que não trataremos deles aqui.



*Nhum<sub>0</sub> puxar pela língua de Nhum<sub>1</sub>*

(6)= *A Maria puxou pela língua da Ana* [CPN]

Na classe CPP, encontramos apenas 4 construções com complementos determinativos livres e que podem ser consideradas variantes da mesma expressão idiomática. Todas admitem a redução a pronome destes complementos.

Trata-se das construções:

*Nhum<sub>0</sub> (bater + dar) com (a porta + os pratos) na cara de Nhum<sub>2</sub>*

Ext **327428** (nd, 91b): **Bateu com a porta na cara de Michel Rocard**, quando se demitiu, em 1990, dizendo publicamente que não podia continuar a participar num governo onde apenas constatava «falta de vontade» . [CPP]

[Pron. Obl.]= *Bateu com a porta na cara dele (...).*

[Pron. Pos.]= *Bateu com a porta n(a sua + a minha) cara (...).*

(7) *O Mário deu com a porta na cara do Paulo* [CPP]

[Pron. Obl.]= *O Mário deu com a porta na cara dele*

[Pron. Pos.]= *O Mário deu com a porta na sua cara*

(8) *O Mário bateu com os pratos na cara da Maria* [CPP]

[Pron. Obl.]= *O Mário bateu com os pratos na cara dela*

[Pron. Pos.]= *O Mário bateu com os pratos na sua cara*

(9) *O Mário deu com os pratos na cara da Maria* [CPP]

[Pron. Obl.]= *O Mário deu com os pratos na cara dela*

[Pron. Pos.]= *O Mário deu com os pratos na sua cara*

De seguida, apresentamos um quadro (Tabela 3) que representa as transformações possíveis na classe CPN e CPP deste estudo:

**Tabela 3.** Pronominalizações de Complementos Determinativos

TRANSFORMAÇÃO	1	2	3	4
[Pron. Obl.]	+	+	-	-
[Pron. Pos.]	+	-	+	-
CLASSE				
CPN (84)	65	8	0	11
CPP ( <i>de N</i> ) (4)	4	0	0	0
Total (88)	69	8	0	11
%	78,4%	9,09%	0%	12,5%

Legenda: O quadro acima deve ler-se do seguinte modo: os números entre parênteses a seguir ao código das classes indicam o conjunto de expressões em que as operações se poderiam aplicar; 1 – as frases admitem ambas as pronominalizações pelas formas oblíquas e possessivas dos pronomes pessoais; 2 – apenas se observa a pronominalização oblíqua; 3 – apenas se verifica a pronominalização pelos possessivos; 4 – nenhuma das pronominalizações se verifica.

De um modo geral, a maior parte das frases fixas com complementos determinativos admitem as pronominalizações oblíqua e possessiva (78,4%). A pronominalização oblíqua, isoladamente, opera apenas em 9,09% de frases fixas que admitem pronominalização, como é o caso de:

(10) *A Maria foi à cara do Zé* [CPN]

[Pron. Obl.]= *A Maria foi à cara dele*

[Pron. Pos.]= *\*A Maria foi à sua cara*

Não existe nenhum caso em que a pronominalização possessiva opere isoladamente. Em cerca de 12,5% das frases fixas estudadas, não se observou a redução dos complementos determinativos pelas pronominalizações oblíqua e/ou possessiva, como é exemplo a frase (11):

(11) *O Mário foi ao canastro do Zé*

[CPN]

[Pron. Obl.]= \* *O Mário foi ao canastro dele*

[Pron. Pos.]= \* *O Mário foi ao seu canastro*

A redução do complemento determinativo a pronome torna a frase inaceitável.

Relativamente ao preenchimento lexical dos complementos determinativos, na maior parte destas frases fixas ocorrem os nomes humanos.

Na classe CPN observámos alguns complementos em que tanto podem ocorrer nomes humanos como nomes não-humanos. Tal é o caso da construção:

*Nhum<sub>0</sub> cair na armadilha de N<sub>1</sub>/-hum<sub>1</sub>*

que encontramos atestada no *corpus*:

Ext 566247 (clt, 94a): P. -- Para **cair na armadilha do Borges** ? [CPN]

Ext 305811 (nd, 98b): Na defesa e na política externa está o retrato de um governo que se deixou **cair na armadilha da gestão corrente** . [CPN]

Ext 329760 (pol, 94a): Cabe-nos preparar a nossa participação nessa revisão do Tratado sem precipitações, e sem **cair na armadilha dos debates estereotipados sobre o modelo institucional**» . [CPN]

Naturalmente, a redução a pronome só ocorre quando o complemento se encontra preenchido por *Nhum*:

[Pron. Obl.]= . -- Para **cair na armadilha dele** ?

[Pron. Pos.]= . -- Para **cair na sua armadilha** ?

já que não é adequado estabelecer qualquer relação anafórica entre estes pronomes e *GN=:N-hum* como os que observámos nos exemplos acima:

[Pron. Obl.]= ?\**Na defesa e na política externa está o retrato de um governo que se deixou cair na armadilha dela .*

[Pron. Pos.]= ?\**Na defesa e na política externa está o retrato de um governo que se deixou cair na sua armadilha .*

[Pron. Obl.]= ?\**Cabe-nos preparar a nossa participação nessa revisão do Tratado sem precipitações, e sem cair na armadilha deles »*

[Pron. Pos.]= ?\**Cabe-nos preparar a nossa participação nessa revisão do Tratado sem precipitações, e sem cair na sua armadilha » .*

Para tal, a língua recorre a pronomes determinativos como o emprego dos demonstrativos:

[Pron. Dem.]= [...] *cair (nessa + naquela + nesta) armadilha # os debates.*

[Pron. Dem.]= [...] *cair (nessa + naquela + nesta) armadilha # a gestão corrente*

Apesar de as pronominalizações só afectarem cerca de 10% das frases fixas deste estudo - essencialmente na classe CPN - é de notar que a grande maioria destas estruturas sintácticas reúne as condições formais para a aplicação das pronominalizações.

#### 2.4.2. REESTRUTURAÇÃO DATIVA (*R<sub>DAT</sub>*)

Outra das transformações que pode operar nas frases fixas deste estudo é a Reestruturação Dativa [*R<sub>dat</sub>*]. A Reestruturação Dativa é uma operação que divide um grupo nominal ( $N_a$  de  $N_b$ )<sub>*i*</sub> em dois constituintes ( $N_a$ )<sub>*i*</sub> a ( $N_b$ )<sub>*j*</sub>, passando o complemento determinativo *de N* a complemento dativo, o qual passa então a

estar sintacticamente ligado de forma mais directa ao verbo (Leclère 1995: 10). Trata-se de uma relação como a que se observa entre as frases exemplificadas abaixo:

(1) *A Maria cortava na casaca do Pedro* [CPN]

[Rdat]= *A Maria cortava na casaca ao Pedro*

Nestas frases, o complemento *na casaca do Pedro* divide-se em dois constituintes, *na casaca* e *ao Pedro*, passando este último constituinte a funcionar como complemento indirecto do verbo (*cortar*). Esta operação tem lugar quando entre  $N_a$  e  $N_b$  se observa uma relação de metonímia<sup>48</sup>. Uma vez reestruturado, é possível a pronominalização pelas formas dativas do pronome pessoal do novo complemento dativo:

*A Maria cortava-lhe na casaca*

De facto, as frases resultantes da aplicação da *Rdat* são frequentemente mais naturais com o complemento indirecto pronominalizado.

De todas as frases recolhidas, *Rdat* opera maioritariamente nas frases fixas da classe CPN e em apenas 3 frases da classe CPP. Tal como foi referido na secção anterior, praticamente apenas na classe CPN é que ocorrem os complementos determinativos sobre os quais pode operar esta transformação.

---

<sup>48</sup> Não obstante termos considerado o constituinte completo ( $Na$  de  $Nb$ )<sub>*i*</sub> a forma de base, tal não significa uma orientação do processo, já que todas as transformações, no quadro teórico harrissiano aqui adoptado, são relações de equivalência (não orientada) entre frases. Tal solução prende-se, também, com o facto de para todas as frases reestruturadas, isto é, com dois constituintes ( $Na$ )<sub>*i*</sub> a ( $Nb$ )<sub>*j*</sub> existir sempre uma construção de base, com um único complemento.

No entanto, nas frases fixas deste estudo, verifica-se que, algumas construções, com uma estrutura sintáctica semelhante à dos exemplos (1) e (2), bloqueiam esta operação, como é o caso da frase:

(3) *O Mário fala nas costas da Maria* [CPN]

O complemento determinativo livre não se pode ‘separar’ do elemento C, núcleo do complemento preposicional:

[Rdat]= \**O Mário fala nas costas à Maria*

[Pron]= \**O Mário fala-lhe nas costas*

como noutras situações, apenas uma análise *caso-a-caso* permite delimitar adequadamente o domínio de aplicação desta operação formal.

### 2.4.3. CONSTRUÇÕES SIMÉTRICAS (*V<sub>SIM</sub>*)

Outra propriedade transformacional das frases fixas descritas neste trabalho é a *Simetria*<sup>49</sup> (Boons, Guillet e Leclère 1976a: 207-216).

A Simetria é uma propriedade transformacional das construções em que se observa, entre dois constituintes de idêntica natureza distribucional, uma mesma relação semântica com o elemento nuclear do predicado. Por essa razão, tais construções implicam reciprocidade entre os dois constituintes, ditos simétricos, o que faz com que os *GN* que ocupam essas posições estruturais possam permutar entre si e que possam aparecer coordenados numa mesma posição sintáctica sem que, apesar disso, o significado global da frase se altere.

---

<sup>49</sup> Borillo 1971; Boons, Guillet & Leclère 1976b: 207-216 e Tábua 35S; Fonseca 1984; M. Ranchhod, 1990: 383-404; Duarte 2003 (in Mateus *et al.* 2003:309-310); Baptista 2005.

Assim, por exemplo, a frase:

(1a) *O João bateu-se em duelo com o Pedro* [CPP]

é equivalente a:

(1a) = (1b) *O Pedro bateu-se em duelo com o João*

e ambas são equivalentes a:

= (1c) *O Pedro e o João bateram-se em duelo*

= (1d) *O João e o Pedro bateram-se em duelo*

Além disso nas construções com *GN* simétricos coordenados, é possível inserir, facultativamente, uma cópia pronominal (*entre si, um Prep o outro* <sup>50</sup>):

(1c')=(1d') (*O Pedro e o João + O João e o Pedro*) *bateram-se em duelo (E + entre si + um com o outro)*

A escolha da cópia pronominal (*entre si* ou *um com o outro*) parece depender da construção em causa. Assim, por exemplo, na frase:

(2a) *A Maria passou a vias de facto com a Ana* [CPP]

= (2b) *A Ana passou a vias de facto com a Maria*

= (2c) *A Maria e a Ana passaram a vias de facto (\*entre si + uma com a outra)*

= (2d) *A Ana e a Maria passaram a vias de facto (\*entre si + uma com a outra)*

observa-se que a cópia pronominal *entre si* não é aceitável ao contrário do que sucede na construção *bater-se em duelo*.

É possível considerar-se dois tipos de simetria (Borillo 1971; Duarte 2003: 309-310):

(a) simetria de objectos e

---

<sup>50</sup> Geralmente, a preposição que ocorre nas construções simétricas é *Prep =: com*.

(b) simetria sujeito-objecto.

Exemplo de simetria de objectos é a que se observa em (exemplo retirado de Baptista 2005c: 3):

(3a) *O Pedro misturou a farinha com o açúcar*

=(3b) *O Pedro misturou o açúcar com a farinha*

=(3c) *O Pedro misturou a farinha e o açúcar*

=(3d) *O Pedro misturou o açúcar e a farinha*

Este tipo de simetria nunca se observa nas construções aqui estudadas já que se trata de construções intransitivas (sem complemento directo) em que pelo menos um dos complementos é fixo com o verbo. A simetria sujeito-objecto é, justamente, a única que se verifica nas frases deste estudo e de que são exemplo as construções ilustradas acima.

Distribucionalmente, nas frases deste estudo, os constituintes simétricos são sempre de tipo humano, o que não é de estranhar, em função da predominância deste tipo de restrições de selecção quanto às posições livres das construções idiomáticas.

As frases com *GN* coordenados permitem que, por redução da coordenação, possa figurar nessa posição sintáctica um *GN* plural:

*Os alunos passaram a vias de facto*

As construções fixas em que se observa propriedade transformacional descrita nesta secção foram inseridas nas matrizes léxico-sintácticas da classe

CPP. Das 184 frases desta classe, a simetria apenas ocorre em 10 construções, para além das ilustradas nos exemplos (1) e (2), encontrámos ainda:

- (4) *O Zé dá ao badalo com a Ana*
- (5) *A Ana deu à língua com o Paulo*
- (6) *O Zé chegou às boas com a Maria*
- (7) *O Zé veio às boas com o Paulo*
- (8) *O Paulo chegou à fala com a Maria*
- (9) *O Paulo chegou a vias de facto com o Pedro*
- (10) *O Zé foi para a cama com a Maria*

Naturalmente, esta propriedade só se observa na classe CPP.

## **2.5. RELAÇÕES ENTRE CONSTRUÇÕES**

Certas frases fixas podem apresentar relações de natureza diversa com outras frases fixas (quer pertençam à mesma classe quer a classes diferentes).

Algumas construções verbais fixas deste estudo são constituídas por elementos que poderão ser postos em relação com outro tipo de expressões idiomáticas (construções adverbiais, por exemplo). A natureza dessas relações nem sempre é de tipo transformacional. Estas relações mais complexas entre diferentes construções serão descritas nas próximas secções.

### 2.5.1. RELAÇÕES ENTRE CONSTRUÇÕES VERBAIS FIXAS

As frases fixas da mesma classe apresentam estruturas sintácticas semelhantes e por isso são agrupadas no mesmo conjunto, tal como se referiu anteriormente (ver §1.5.3).

A possibilidade de o verbo de uma construção fixa poder formar um pequeno paradigma de variação, sem que as constantes lexicais se alterem, pode levar a que algumas dessas variantes sejam classificadas em diferentes classes formais, na medida em que apresentam construções sintácticas diferentes. Assim, por exemplo, consideremos as variantes de *abrir os cordões à bolsa*:

(1a) *O Mário (abriu + alargou + puxou) os cordões à bolsa* [C1P2]

e as suas variantes antonímicas:

(1b) *O Mário (apertou + fechou) os cordões à bolsa* [C1P2]

Nas construções (1a) e (1b), as constantes lexicais são as mesmas (*cordões e bolsa*). No conjunto das variantes do verbo, é possível determinar uma oposição, de natureza antonímica entre, por um lado, *abrir, alargar e puxar* (1a), e, por outro lado, *apertar e fechar* (1b). Em cada uma destas séries, o significado global da expressão não se altera.

Ora, o verbo *puxar* apresenta não só a construção transitiva directa (C1P2):

Ext 215636 (eco, 93b): Descontentes, as empresas privadas **puxaram os cordões à bolsa** e avançaram com campanhas promocionais. [C1P2]



constituí, pois, uma entrada, independentemente da forma de dar conta de todas as variantes.

Outra forma de capturar essas relações seria, por exemplo, a construção de gramáticas locais (Silberztein 1993: 32-107) que reunissem todas as variantes<sup>52</sup>, tal como ilustramos na figura 1(Fig.1):

*Nhum<sub>0</sub> V (Prep + E) os cordões à bolsa*

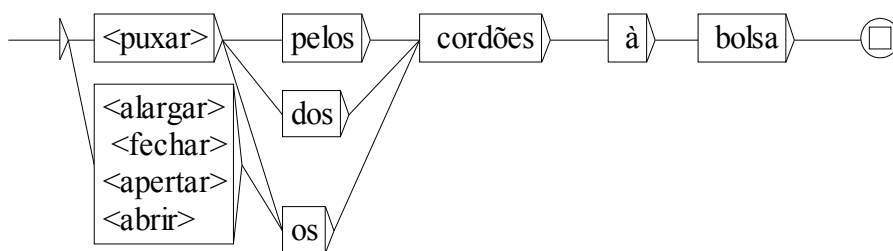


Fig.1. Gramática local das variantes da expressão *N<sub>0</sub> puxar pelos cordões à bolsa*.

Tal abordagem, porém, não foi sistematicamente seguida neste estudo, até porque não dispomos ainda de uma descrição sistemática das construções fixas transitivas directas (Correia, em preparação). Será, no entanto, uma das pistas que poderão ser prosseguidas em estudos posteriores.

Estas construções com dois complementos fixos, em que se observa uma relação metonímica (parte-todo) entre  $C_1$  e  $C_2$ , e em que  $C_2$  é introduzido por  $Prep = a$ , poderiam derivar da aplicação da reestruturação dativa a um hipotético complemento determinativo:

<sup>52</sup> Nas matrizes, cada expressão estaria, então, associada ao grafo que descreve o conjunto de variantes.

$N_0 V Prep C_1 a C_2$

(4)=: *O Mário puxou pelos cordões à bolsa* [CPP]

[Rdat] =  $N_0 V Prep (C_1 de C_2)$

(5)=: *\*/?\***O Mário puxou pelos cordões da bolsa* [CPN]

Verificamos, porém, que não é possível reconstituir um grupo nominal complexo *C de C*, de que derivaria a expressão acima ilustrada. Mantivemo-la, pois, em CPP.

### PSEUDO-CONVERSÃO

As operações sintáticas observadas nas frases fixas também influenciam a sua classificação. Num número reduzido de frases<sup>53</sup>, observa-se uma operação sintática que, como a *Passiva*, permite a permuta de dois dos argumentos livres do verbo, entre si; trata-se da operação semelhante à Conversão (G. Gross 1989; Baptista 1997a,b). Esta forma de *Pseudo-conversão* – assim denominada pela semelhança observada com a transformação que se verifica nas construções (livres) de muitos nomes predicativos com verbo-suporte, opera, não sobre construções transitivas directas, como foi habitualmente descrita, mas sobre construções preposicionais<sup>54</sup>. As frases (11a), (11b) e (12) são ilustrativas desta operação:

(11a) *O João deu no focinho do Pedro* [CPN]

[Rdat]= (11b) *O João deu no focinho ao Pedro*<sup>55</sup>

<sup>53</sup> Trata-se das construções:  $(Nhum)_0$  *dar/apanhar em Artdef cabeça, cachola, cara, coirão, focinho, toutiço, trombas, coco de (Nhum)*<sub>1</sub>.

<sup>54</sup> A Conversão [Conv] opera depois da Reestruturação Dativa [Rdat] ter operado sobre a construção standard (Baptista (1997a,b), Baptista *et al.* (2004)).

<sup>55</sup> A frase resultante da aplicação da [Rdat] é mais natural depois da pronominalização do complemento dativo: *O João deu-lhe (=ao Pedro) no focinho*, fenómeno que já foi observado anteriormente nas construções livres (Leclère (1995), Baptista (1997a,b)).

[Pseudo-C] = (12) *O Pedro apanhou no focinho do João* [CPP]

Em (11), o verbo *dar* confere à frase uma orientação de tipo ‘activo’: o sujeito gramatical (*o João*) é, simultaneamente, o ‘agente’ do processo. Em (12), o verbo *apanhar* confere ao processo uma orientação de tipo ‘passivo’ e o ‘agente’ encontra-se na posição de complemento preposicional. Adoptando a terminologia usada por G. Gross (1989), designámos a construção de tipo ‘activo’, exemplificada em (11), por construção *standard*, e à construção de tipo ‘passivo’, exemplificada em (12), chamamos *construção conversa*. Repare-se que tanto o verbo *dar* como *apanhar* são verbos-suporte quando integram construções com nomes predicativos (Baptista 1997a,b) como, por exemplo:

(13) *O João deu uma bofetada ao Pedro*

[Pseudo-C](14)= *O Pedro apanhou uma bofetada do João*

Contudo, nas frases (11)-(12) não se observa nenhum nome predicativo pelo que não é adequado considerar *dar* e *apanhar* como verbos-suporte. Também não nos parece adequado, porque demasiado *ad hoc*, derivar as construções do exemplo (11)-(12) da redução de um *Npred* na medida em que não é possível prever o conjunto de *Npred* que poderiam ocupar essa posição:

(11) ?*O João deu (uma bofetada + um murro) no focinho do Pedro* [CP1]

(12) ?*O Pedro apanhou (uma bofetada + um murro) no focinho do João* [CPP]

Ainda assim, o significado global destas frases exprime um **acto violento** (Baptista 1997a,b; 2005b) e, nesse sentido, o conjunto de nomes que exprimem esse tipo de predicados (sem envolver **instrumentos**) é relativamente restrito. Por outro lado, note-se que o conjunto de nomes na posição *C* designa, genericamente **nomes-parte-do-corpo** ou são nomes que, nesta construção, adquirem essa

interpretação particular (*cornos, focinho, fuças, trombas*, etc.). Essa distribuição é igualmente a que se observa nas construções com nome predicativo de **actos violentos**. A análise destas expressões por redução de um nome predicativo poderia, pois, encontrar nestes argumentos alguma força.

Contudo, verifica-se que, além destas expressões, encontramos frases do tipo standard sinónimas (ou quase) em que o verbo não é *dar* mas sim *ir*:

(13) *O Pedro foi a (os cornos + o focinho + as fuças + as trombas)*

*(de + a) o João* [CPN]

(Note-se a melhor aceitabilidade do complemento determinativo nestes casos).

Ora, verbo *ir* não é nunca um suporte adequado dos nomes predicativos de **actos violentos**, o que impede de analisar estas últimas expressões por redução de um nome predicativo.

Dadas as diferentes preposições em jogo, as relações da *Pseudo-Conversão* não foram objecto de um tratamento transformacional, tendo sido classificadas separadamente nas matrizes.

### 2.5.2. CONSTRUÇÕES VERBAIS FIXAS E CONSTRUÇÕES VERBAIS LIVRES

Nesta secção, propomo-nos fazer algumas observações sobre as relações entre construções sintácticas que estes mesmos verbos apresentam nas frases fixas e o conjunto de construções livres que determinam.

Frequentemente, as frases fixas apresentam uma estrutura sintáctica idêntica à que os seus verbos exibem nas construções livres em que ocorrem. Assim, por exemplo, a par da construção livre do verbo *acertar*, ilustrada abaixo:

Ext **1020834** (soc, 96a): O primeiro tiro não **acertou na vítima**, mas o segundo foi fatal . [CP1]

e cuja estrutura sintáctica desta construção corresponde a:

*Nhum<sub>0</sub> <acertar> em Loc<sub>1</sub>*

encontramos a frase fixa *acertar na mouche*:

Ext **43752** (eco, 93b): Manuel Agonia terá afinado a pontaria e **acertou na «mouche»**: não só se meteu na política, como escolheu o partido certo para a sua Clipóvoa . [CP1]

que exhibe a estrutura característica da classe CP1:

*Nhum<sub>0</sub> <acertar> Prep Det C<sub>1</sub>*

Pelo menos em relação às construções aqui estudadas, tal sugere que a formação de muitas destas expressões idiomáticas possa ter resultado de um processo de *ruptura distribucional* (G. Gross 1988) que não afecta, em geral, a estrutura da construção básica do verbo.

Noutros casos, porém, observa-se que a frase fixa conserva a construção sintáctica do verbo (livre) mas que este aparece acompanhado de complementos *fixos* que não fazem parte daquela construção. Muitas vezes estes complementos são homólogos de complementos adverbiais (circunstanciais) observáveis na construção livre. Assim, por exemplo, na frase:

(1) *O Zé adormeceu (E + no sofá)*

encontramos o verbo *adormecer* numa construção intransitiva, acompanhado de um complemento locativo ‘cénico’ (Guillet & Lèclere 1992). Ora, também na

seguinte construção fixa parece-nos que se está perante um complemento homólogo ao do complemento locativo de (1):

(2) *O Zé adormeceu na paz do Senhor* [CPN]

A formação de (2) e a fixidez do complemento preposicional poderia, assim, dever-se a processos de cristalização semelhantes aos descritos para *acertar na mouche*, mas que envolveriam um complemento circunstancial.

Na realidade, porém, a análise desta construção poderá ser mais complexa do que, à primeira vista, se poderia pensar. De facto, *na paz do Senhor* tem uma existência autónoma:

(3) *N<sub>0</sub> estar na paz do Senhor* [EPC; Ranchhod 1990]

em que já apresenta o mesmo valor idiomático que temos em (2). Contudo, *adormecer* não é, de forma óbvia, um verbo-suporte e, ainda que ocupe a posição estrutural de *estar*, parece (mesmo que metaforicamente) contribuir para o significado global da expressão. Outra análise possível seria, então, a formação de adverbial a partir da construção com *estar* (Ranchhod 1996: 211-218) e que modificaria a construção de *adormecer*:

*N<sub>0</sub> adormecer # N<sub>0</sub> estar na paz do Senhor*

A ser assim, a forma fixa tem de ser analisada como uma estrutura complexa quanto ao seu processo de formação. Ainda que, sincronicamente, tal não seja possível, esta hipótese deixa em aberto a ideia de que os processos de cristalização que dão origem às frases fixas não intervêm apenas ao nível da frases elementar mas poderão igualmente abarcar os mecanismos de concatenação que dão origem às frases complexas. Esta perspectiva decorre

igualmente de outras observações, relativamente a frases fixas completas, como as que envolvem grupos nominais fixos em que *C* é modificado por uma relativa; também ela fixa:

(4) *O Pedro comeu o pão **que o Diabo amassou***

Efectivamente, neste caso, a oração relativa não pode ser analisada pela concatenação de duas orações independentes <sup>56</sup>:

*O Pedro comeu um pão<sub>i</sub> # o Diabo amassou esse pão<sub>i</sub>*

já que as formas de base não parecem existir autonomamente.

### 2.5.3. COMPLEMENTOS ADVERBIAIS

Numerosas frases fixas apresentam complementos preposicionais fixos com estatuto semelhante ao de um complemento adverbial.

A distinção entre as frases fixas e as construções verbais modificadas por advérbio composto nem sempre é clara e importa definir critérios que permitam distinguir os casos em que uma dada combinação será classificada num ou nouro tipo de expressões.

É critério suficiente para considerar que um complemento preposicional (fixo) forma com um verbo uma frase fixa quando este não pode ser reduzido.

Assim, por exemplo, na construção *Nhum<sub>0</sub> ir de cavalo para burro*:

(google, 17.04.06):

Pode-se dizer que o nosso conterrâneo José Peseiro **vai de cavalo para burro**...ou melhor...para lesma! Mais valia vir treinar o nosso Coruchense! ... [CPP]

---

<sup>56</sup> Os índices ‘*i*’ indicam a correferência de grupos nominais, necessária, como se sabe, para a formação da oração relativa.

nenhum dos complementos preposicionais pode ser reduzido sem que a frase se torne inaceitável:

*\*José Peseiro vai (E + de cavalo + para burro)*

Considera-se, pois, que os complementos preposicionais fazem parte da construção fixa (classe CPP) <sup>57</sup>.

No caso de certos adverbiais, que exprimem uma quantificação ‘no mais alto grau’<sup>58</sup> podem observar-se diferentes comportamentos sintáticos. Assim, por exemplo, na expressão:

(1) *O Pedro riu(-se) às bandeiras despregadas*

consideramos que se trata de uma construção verbal livre modificada por um advérbio composto, *às bandeiras despregadas* (M. Gross 1986: 72; Palma, em preparação) na medida em que a presença do advérbio é facultativa e este se pode reduzir sem que o significado nem a aceitabilidade da construção verbal se altere:

(1a) *O Pedro riu-se (E + às bandeiras despregadas + imenso)*

Por outro lado, o verbo *rir* apresenta, a par desta construção intransitiva ilustrada em (1), uma construção preposicional, exemplificada em (2) <sup>59</sup>:

(2) *O Pedro riu-se (de (isso + a Ana) + E)*

Ora, verifica-se que o advérbio composto apresenta em (2)-(2a) o mesmo comportamento que vimos em (1)-(1a):

(2a) *O Pedro riu(-se) (E + às bandeiras despregadas + imenso)*

---

<sup>57</sup> Na variante, desta construção com o verbo *passar*, a obrigatoriedade dos dois complementos preposicionais parece mais evidente.

<sup>58</sup> M. Gross 1990: 90-102; Buvet 1995; Buvet & G. Gross 1995, 1996: 64-66; Blanco 1996; Baptista 2005: 121.

<sup>59</sup> Não nos pronunciamos aqui sobre a relação que possa eventualmente existir entre (1) e (2), admitindo como provável tratar-se da mesma construção.

(*de (isso + a Ana) + E*)

A relação distribucional entre este advérbio e o verbo, o *único* verbo do léxico sobre o qual opera, é semelhante (homóloga) às restrições que se observam com os argumentos de certos verbos (classe 32R, Boons, Guillet & Leclère 1976b), que apenas admitem um conjunto muito reduzido de nomes em posição de complemento:

*N<sub>0</sub> estrelar <ovo>*

ainda que sob todos os restantes critérios sintáticos (determinação, transformações aplicáveis, etc.) o complemento se comporte como um grupo nominal livre.

Tal como ocorre em *rir às bandeiras despregadas*, certos advérbios compostos apenas modificam um único verbo, apresentando pois uma distribuição extremamente restrita, como por exemplo, *<chover> a cântaros*, *<mentir> com todos os dentes*, entre outras:

Ext **442982** (nd, 97b): o caso Português é um bom exemplo deste problema: em 1990 **choveu a cântaros** [...].

(google, 17.04.06) Pois se o fizesse saberia desde logo que estava a **mentir com todos os dentes** [...]

Contudo, na medida em que se trata de **intensificadores**<sup>60</sup> do verbo, tais advérbios podem ser reduzidos sem que o significado global da expressão verbal se altere:

*O caso português é um bom exemplo deste problema: em 1990 **choveu** [...].*

---

<sup>60</sup> Neste sentido, correspondem àquilo que Melçük (1993: 85; 2003: 28) designa por *função lexical*, concretamente a função *MAGN* (= *magnus*).

*Pois se o fizesse saberia desde logo que estava a mentir.[...].*

Ora, numa frase fixa nem sempre é possível considerar que um complemento adverbial tem esse estatuto de advérbio composto, autónomo da construção verbal com que co-ocorre. A fixidez da combinação verbo-advérbio pode ser tal que nos deve levar a considerar tratar-se não de duas unidades lexico-sintáticas distintas mas de uma só. Assim, por exemplo, na estrutura da construção *N<sub>0</sub> falar pelos cotovelos* o complemento preposicional não pode ser reduzido:

(3) *O Mário falava (\*!/?\* E + pelos cotovelos + imenso)* [CP1]

À semelhança de *rir* (acima), também *falar* admite uma construção com dois complementos preposicionais:

(4) *O Mário falava de (a Ana + isso) (com + à Maria)*

Contudo, nesta construção já não é possível inserir o advérbio *pelos cotovelos*:

(4a) *O Mário falava pelos cotovelos de (E +\*(de (a Ana + isso)  
(E +\*(com + à) Maria) <sup>61</sup>* [CP1]

As estruturas sintáticas das frases (3) e (4) correspondem a:

(3) *Nhum<sub>0</sub> falar pelos cotovelos*

(4) *Nhum<sub>0</sub> falar (de + sobre + acerca de) Nhum<sub>1</sub> (a + com) Nhum<sub>2</sub>*

A construção (3) podia ser derivada de (4) se o advérbio fosse redundante com os complementos (ou vice-versa), o que não sucede. Por tal, pode-se considerar a construção *falar pelos cotovelos* como uma frase fixa.

---

<sup>61</sup> Tal como no exemplo anterior, não nos pronunciamos sobre se se deverá considerar uma única ou mais do que uma construção verbal, nomeadamente em função da variação da *Prep<sub>1</sub>* (=de, sobre, acerca de) quer da *Prep<sub>2</sub>* (=a, com). As restrições à combinação com a expressão *pelos cotovelos* aplicam-se em todos os casos.

Noutro exemplo, na construção *assinar de cruz*, o complemento *de cruz* tem também um valor de adverbial (composto), observando-se uma certa fixidez na sua combinação com o verbo *assinar*:

Ext **203119** (clt-soc, 95b): E, como não são pessoas que se orgulhem de «**assinar de cruz**»,[...]. [CP1]

e não responde adequadamente à interrogativa *como?* que identifica este tipo de constituintes:

*O Pedro assinou a declaração de cruz*

\*/?\* P: *Como é que o Pedro assinou a declaração?*

R: *de cruz*.

A combinação verbo-complemento é única, nenhum outro verbo pode substituir *assinar*:

(6) *O Pedro (assinou + \*rubricou) de cruz* [CP1]

Por outro lado, o significado da expressão *assinar de cruz* já se autonomizou do significado que *assinar* apresenta quando usado independentemente, podendo, inclusive, não implicar a acção descrita pelo verbo (quando empregue separadamente), antes exprimindo aqui uma atitude irreflectida, acrítica ou precipitada, sobretudo se o verbo não apresentar o complemento directo do tipo **texto**:

*O Pedro assinou o documento de cruz*

Concluindo, nem sempre, é simples distinguir os complementos fixos de expressões adverbiais. Tal como se observou, no caso de CP1, considera-se que *Prep C<sub>1</sub>* é obrigatório. Casos em que o verbo mantém globalmente o seu significado quando combinado com o complemento preposicional fixo, não são

muito frequentes, mas com certos advérbios (homólogos aos complementos de modo) tal parece razoável. O que sucede é que parece haver uma mais-valia de significado que não existe com o verbo simples; o advérbio não pode ser usado autonomamente, há fixidez interna do complemento preposicional; e, finalmente, não é possível substituir o verbo por outro com significado semelhante.

## **2.6. A REPRESENTAÇÃO MATRICIAL**

As frases fixas do Português europeu foram agrupadas em classes formais segundo os princípios de classificação propostos por Maurice Gross (1982a, 1989). Esta classificação baseia-se essencialmente na construção sintáctica (número e tipo de complementos e a posição sintáctica dos complementos fixos) e na forma dos complementos (construções completivas/não-completivas).

Para cada classe, construiu-se uma matriz léxico-sintáctica que reúne todas as frases que apresentam a mesma estrutura sintáctica. As diversas matrizes que constituem este léxico-gramática poderiam ser vistas como uma única matriz, com uma elevada redundância, na medida em que, por exemplo, para as frases da classe CP1 todas as colunas dos segundos complementos preposicionais não são pertinentes. O objectivo da classificação é, justamente, o de eliminar essa redundância, juntando, numa mesma tabela, as expressões formalmente idênticas.

Por outro lado, na medida em que as matrizes representam formalmente a informação léxico-sintáctica associada às frases fixas, podem ser vistas como um dicionário electrónico e, mediante programas informáticos adequados, poderão

vir a ser utilizadas em diversas aplicações no âmbito do processamento computacional da língua.

Finalmente, a informação linguística aqui recenseada poderá ser útil em diversos contextos pedagógico-didáticos bem, como para a elaboração de instrumentos lexicográficos.

Nestas matrizes binárias, as linhas correspondem às entradas das frases fixas e nas colunas registam-se as propriedades sintáticas e transformacionais dessas frases que são assinaladas com os símbolos “+” e “-”, consoante uma dada frase presente ou não, respectivamente, a propriedade considerada.

A fim de facilitar a consulta das matrizes, a primeira linha constitui um cabeçalho em que se indicam de forma compacta a propriedade descrita. Em primeiro lugar, dispõem-se os elementos lexicais que formam a frase fixa (*V*, *Prep*, *Det*, *C*, etc.) seguidos das propriedades consideradas pertinentes para a descrição sintáctica das construções.

Todas as contracções de *Prep* + *Det* foram desfeitas figurando cada elemento na respectiva coluna. A constante será registada em *C<sub>1</sub>*.

A ordem natural dos elementos constitutivos da frase fixa é, de um modo geral, respeitada (Silberztein, 2000).

Assinalamos ainda os outros componentes que podem operar sobre as frases da referida classe, como por exemplo, as transformações.

### 3. RECONHECIMENTO DE FRASES FIXAS EM TEXTOS: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

Neste capítulo, descrevemos algumas experiências na aplicação da informação linguística, codificada nas matrizes, à análise de expressões fixas em textos reais e fazemos algumas observações sobre os resultados assim obtidos.

A formalização da informação linguística aqui adoptada baseia-se em transdutores de estados finitos <sup>62</sup> e seguem a proposta inicialmente apresentada por Senellart (1998) e implementada por Silberztein (2000) a partir da versão 3.1 do *software* INTEX, e mais tarde implementada no *software* UNITEX (versão 1.2.; Paumier 2004) <sup>63</sup>.

Dado o número de frases fixas recolhidas, limitamo-nos a fazer algumas observações sobre os resultados obtidos a partir de uma selecção das expressões de uso mais corrente da classe CP1. Naturalmente, a avaliação que fazemos desses resultados visa apenas a identificação das vantagens e/ou limitações aos métodos de representação formal e de aplicação das gramáticas aos textos que aqui adoptámos.

---

<sup>62</sup> A bibliografia sobre grafos de estados finitos aplicada ao processamento computacional de linguagem natural é vasta. Para uma introdução geral veja-se, por exemplo, Roche & Schabes (1997) e para desenvolvimentos mais recentes Lothaire (2005). Tanto os manuais de ambos os *softwares* acima referidos como o volume de Silberztein (1993) dão também uma breve introdução a estes conceitos, razão pela qual não os apresentamos aqui de forma mais desenvolvida.

<sup>63</sup> <http://www/igm.univ-mlv.fr/~unitex>.

### 3.1. MÉTODOS

Para a aplicação a textos da informação linguística codificada nas matrizes léxico-sintáticas, são necessários os seguintes instrumentos:

- as matrizes léxico-sintáticas de cada classe formal <sup>64</sup>;
- recursos linguístico-informáticos (dicionários electrónicos) para processamento de textos em Português;
- um grafo de referência, que descreve a sequência pela qual podem aparecer dispostos nas frases os elementos constitutivos das expressões fixas;
- um *corpus* de texto, para o reconhecimento das expressões fixas pela aplicação das gramáticas.

Nas linhas que seguem, descrevemos sucintamente cada um destes instrumentos.

#### 3.1.1. MATRIZES LÉXICO-SINTÁTICAS E DICIONÁRIOS ELECTRÓNICOS

Relembramos que, nas matrizes, as linhas representam as entradas léxico-sintáticas e as colunas as propriedades linguísticas. As propriedades binárias são descritas pelos símbolos ‘+’ e ‘-’, consoante a propriedade se aplique ou não, respectivamente, à expressão considerada. Para a sua integração com o grafo de referência, as matrizes deverão, no entanto, obedecer a determinados critérios de formalização. Por exemplo, a fim de que possam ser reconhecidas automaticamente todas as formas flexionadas dos elementos lexicais da expressão

---

<sup>64</sup> Para editar as matrizes utilizámos o *software* MS-Excel™.

fixa que apresentam variação, por exemplo o verbo, tais elementos deverão constar nas matrizes entre parênteses angulares, e.g. <dar> à sola. Para não nos alongarmos demasiado, remetemos o leitor para o manual do programa (Paumier 2004).

Para o processamento lexical do texto, utilizámos os recursos linguísticos disponíveis para o Português Europeu (Eleutério *et al.* 1995, Ranchhod *et al.* 1999) desenvolvidos pelo LabEL<sup>65</sup> e distribuídos com o software UNITEX, nomeadamente, o dicionário electrónico das palavras simples flexionadas (DELAF, v. 2).

### 3.1.2. GRAFOS DE REFERÊNCIA

Os grafos de referência (também chamados *grafos-padrão*) fazem referência aos elementos e propriedades constantes das matrizes por meio de variáveis @X, em que X designa a coluna respectiva da matriz, onde tais elementos ou propriedades estão formalizados. O programa, para cada linha da matriz, percorre o *grafo de referência* substituindo cada variável pelo conteúdo da coluna correspondente nessa matriz.

No caso das colunas em que se encontram os elementos lexicais, as variáveis são substituídas por essas palavras ou, eventualmente, o seu lema. No caso das colunas em que constam as propriedades léxico-sintácticas, as variáveis que as designam funcionam como ‘interruptores’ que condicionam a construção

---

<sup>65</sup> LabEL: <http://label.ist.utl.pt>

do grafo: se a propriedade estiver marcada positivamente a linha do grafo respectiva será produzida; caso contrário, a construção do grafo colapsa nesse ponto. É também possível negar uma propriedade binária (!@X), o que tem o efeito inverso.

O sistema constrói um subgrafo para cada linha da matriz. O conjunto dos subgrafos assim gerados é reunido num grafo geral. Este grafo pode, então, ser utilizado para procurar as expressões em textos. Tratando-se de um transdutor é possível utilizá-lo para inserir informação linguística nos textos.

A figura 2 (Fig.2) ilustra de forma simplificada a construção do grafo de referência para a classe CP1.

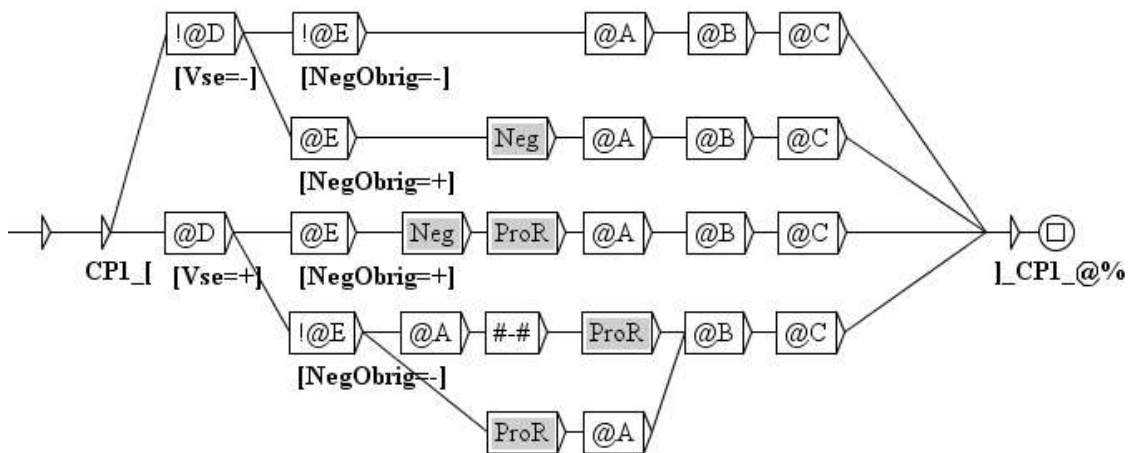


Fig.2. Grafo de referência (simplificado) para a classe CP1

As variáveis @A, @B e @C representam, respectivamente, o verbo, a (eventual contracção de) preposição e o determinante e a constante lexical; as variáveis @D e @E representam as propriedades de construção intrinsecamente pronominal (Vse) e de negação obrigatória (NegObrig)<sup>66</sup>. Aproveitámos para

<sup>66</sup> Por uma questão de simplicidade apenas representámos aqui estas duas propriedades embora outras possam igualmente ser formalizadas.

inserir na transdução deste grafo as balizas ‘CP1\_[]’ antes e ‘[]\_CP1\_’ depois da expressão fixa e usámos a variável @% para indicar o número do subgrafo que identifica a correspondente entrada lexical. Explicitámos ainda a informação relativa às propriedades. Assim, para a notação ‘vse=+’, deverá ler-se que nesta expressão o verbo apresenta uma construção intrinsecamente pronominal.

A primeira linha do grafo deve, pois, interpretar-se da seguinte forma: o grafo reconhece uma sequência constituída pelos elementos lexicais constantes das colunas A, B e C da matriz, representadas pelas variáveis @A, @B e @C, respectivamente, sse as propriedades representadas nas colunas D e E estiverem marcadas negativamente, o que é representado no grafo pela negação das variáveis correspondentes, !@D, !@E.

Na segunda linha, reconhece-se a mesma sequência de elementos lexicais sse precedida de um advérbio de negação. O conjunto dos advérbios de negação aqui considerado está representado no grafo auxiliar *NEG* (marcado a cinzento); trata-se dos advérbios de negação mais frequentes, que, como vimos em §2.3., se resumem aos advérbios *não*, *nunca* e *jamais*.

Na parte inferior do grafo, descrevem-se as construções intrinsecamente pronominais. Na terceira linha, a negação obrigatória obriga à anteposição do pronome reflexo representado pelo subgrafo *PROR* (marcado a cinzento). Na quarta linha, a propriedade *NegObrig* não se verifica, pelo que o clítico aparece, não só na sua posição básica, ligado por hífen<sup>67</sup> ao verbo, mas também a preceder o verbo quando as condições sintácticas assim o determinarem.

---

<sup>67</sup> A fim de evitar o reconhecimento incorrecto de outras sequências de formas, o símbolo # impede a ocorrência de qualquer separador entre o verbo e o hífen e entre este e o clítico.

### 3.1.3. CORPUS DE TRABALHO

Constituímos um *corpus* de trabalho a partir do CETEMPÚBLICO (v. 1.7 anotada) utilizando as concordâncias que resultaram da pesquisa de expressões racionais, constituídas, genericamente, pelo lema do verbo da frase fixa e o complemento preposicional fixo, permitindo uma janela de 5 palavras entre estes elementos. Assim, por exemplo, para a expressão <dar> à sola utilizámos a expressão racional:

```
[lema="dar"] [] {0,5} "à" "sola"
```

Utilizámos esta janela de 5 palavras de forma a permitir a inserção de elementos entre os componentes da expressão fixa. A dimensão da janela segue as indicações de Manning & Schütze (2003: 157-162) de que os elementos que formam uma combinatória fixa não costumam estar a uma distância maior do que 5 palavras.

A título de exemplo, apresentamos abaixo o resultado da pesquisa acima referida. Como se pode verificar nesta concordância, das 8 ocorrências resultantes da pesquisa da expressão racional no CETEMPÚBLICO, todas correspondem ao emprego da expressão fixa, e não se observa nenhuma inserção, não obstante a janela que tínhamos definido.

Este método permite constituir um *corpus* de trabalho em que se encontram presentes as expressões que são objecto deste estudo. Naturalmente, e ao contrário do que sucede no caso acima, nem todas as concordâncias assim

obtidas estão livres de material espúrio (ruído), como teremos ocasião de ver adiante.

```
Resultados da procura
Fri Jan 5 12:27:14 CET 2007
-----
Procura: [lema="dar"][]{}{0,5}"à""sola".
Pedido de uma concordância em contexto
Corpus: CETEMPúblico 1.7 anotado 2.0
8 ocorrências.
-----
Concordância
Procura: [lema="dar"][]{}{0,5}"à""sola".
-----
Ext 679965 (soc, 94a): E o facto de os dois pneus direitos do velho carro que escolheu estarem um pouco carecas, na eventualidade de se ter que dar à sola num dos domínios pré-eleitorais dos homens da espingarda automática AK-47 .
-----
Ext 740390 (opi, 96a): Um partido que há meia dúzia de meses se gabava ser o maior partido português, que se arvorava possuir os melhores e mais bem preparados quadros para governar, que se arrogava deter as melhores soluções para colocar Portugal nos lugares dianteiros da Europa, não consegue, entre tantos iluminados (que não é o mesmo que luminosos) , descortinar ou encontrar ninguém para substituir o seu «ex-capataz», que resolveu abandonar a família e «dar à sola» .
-----
Ext 825518 (nd, 91b): R. -- Mesmo que a guerra fosse justa, dava à sola .
-----
Ext 841573 (opi, 96a): De lenço atado à roda da cabeça, comprimindo rodela de batata, como lhe ensinara a avó, procura libertar-se da macacoa motivada pela intervenção da Dona Rosa, elogiando o corajoso ministro que deu à sola por ter fugido ao fisco .
-----
Ext 882590 (soc, 94a): «Porque na altura via-me muito atormentada, e então perei-me para Leiria, dei à sola», explicou .
-----
Ext 991750 (nd, 95b): E, depois, eu não sou superelegante, não sou nenhum manequim, o pessoal via aquilo e dava à sola, também tenho a noção do ridículo, ah, ah, ah... "
-----
Ext 1466240 (soc, 92b): Entretanto, a culturista sérvia que queria ajuda-lo e, por isso, fora zagaiada e hospitalizada melhorou e, assim que pôde, deu à sola .
-----
Ext 1532008 (pol, 96b): Quero lá saber dos militantes que quando o partido perde são os primeiros a dar à sola... Quem é que pode ter medo? ", desafiou .
-----
```

Fig.3. Resultados da pesquisa no CETEMPÚBLICO da expressão <dar> à sola

### 3.1.4. EXPERIÊNCIA

Uma vez que o objectivo destas experiências é apenas o de demonstrar um método de aplicação do Léxico-Gramática à análise de textos e identificar as suas limitações e/ou vantagens; e dado o elevado número de frases fixas deste estudo; limitámo-nos a seleccionar da classe CP1 as expressões que, intuitivamente, nos pareceram de uso mais corrente. Retirámos do CETEMPÚBLICO, portanto, as

concordâncias de 100 (um pouco mais de 10%) do conjunto de entradas da classe CP1. Como já vimos, a propósito das construções intrinsecamente negativas (§2.3), algumas das construções que representámos nas matrizes não aparecem sequer no *corpus* CETEMPÚBLICO, provavelmente dado o carácter coloquial das expressões e pela natureza jornalística do texto. Embora fosse interessante verificar em que medida estas expressões aparecem expressas em textos de natureza genológica variada (e não apenas texto jornalístico), tal transcenderia o âmbito deste estudo.

Para a concordância de cada expressão racional registamos o número de ocorrências global ( $N$ ) e o número total de ocorrências da expressão fixa ( $A$ ), que foi verificado “manualmente”<sup>68</sup>. Em seguida, aplicamos sobre essa concordância a gramática construída segundo os métodos descritos em §3.1.1. A figura seguinte (Fig. 4) ilustra a concordância obtida pela aplicação da gramática relativa à classe CP1 ao *subcorpus* do texto resultante da pesquisa da expressão racional no CETEMPÚBLICO, que víamos na figura anterior.

```
pneus direitos do velho carro que escolheu estarem um pouco carecas, na eventualidade de se ter que CP1_ [[Vse=-][NegObrig=-]dar à sola]_CP1_0026 num dos domínios pré-eleitorais dos homens da espingard
```

```
rtinar ou encontrar ninguém para substituir o seu «ex-capataz», que resolveu abandonar a família e «CP1_ [[Vse=-][NegObrig=-]dar à sola]_CP1_0026» .
```

```
----- {S}Ext 825518 (nd, 91b):{S} R. -- Mesmo que a guerra fosse justa, CP1_ [[Vse=-][NegObrig=-]dava à sola]_CP1_0026 .
```

<sup>68</sup> Em rigor, o alvo ( $A$ ) foi calculado em duas etapas: em primeiro lugar, verificando manualmente o resultado da aplicação da gramática, cuja precisão elevada permite detectar facilmente o número de casos de falsos positivos ( $fp$ ); seguidamente, extraíram-se as unidades textuais (*grosso modo*, as frases) que não foram capturadas pela gramática; no ficheiro resultante, verificaram-se, então, os casos de falsos negativos ( $fn$ ). Estes ficheiros, por seu turno, constituem material suplementar que poderá ser utilizado para o aperfeiçoamento dos grafos de referência e do léxico-gramática.

ra libertar-se da macacoa motivada pela intervenção da Dona Rosa, elogiando o corajoso ministro que CP1\_[[Vse=-][NegObrig=-]deu à sola]\_CP1\_0026 por ter fugido ao fisco .

{S}Ext 882590 (soc, 94a): «Porque na altura via-me muito atormentada, e então pirei-me para Leiria, CP1\_[[Vse=-][NegObrig=-]dei à sola]\_CP1\_0026», explicou .

(nd, 95b):{S} E, depois, eu não sou superelegante, não sou nenhum manequim, o pessoal via aquilo e CP1\_[[Vse=-][NegObrig=-]dava à sola]\_CP1\_0026, também tenho a noção do ridículo, ah, ah, ah... " ---

a sérvia que queria ajuda-lo e, por isso, fora zagaiada e hospitalizada melhorou e, assim que pôde, CP1\_[[Vse=-][NegObrig=-]deu à sola]\_CP1\_0026 .

1532008 (pol, 96b):{S} Quero lá saber dos militantes que quando o partido perde são os primeiros a CP1\_[[Vse=-][NegObrig=-]dar à sola]\_CP1\_0026.{S}.. Quem é que pode ter medo? ", desafiou . -----

Fig. 4. Concordância da gramática CP1 sobre o *subcorpus*

Registamos o número de casos em que a gramática reconheceu correctamente a expressão fixa (*vp*=verdadeiros positivos) e o número de casos em que a gramática reconheceu uma sequência que não constitui a expressão fixa alvo (*fp*=falsos positivos). Calculamos, então, as medidas de precisão (*P*), cobertura (*R*) e a medida *F* (*F*) para cada caso, bem como os valores globais da experiência <sup>69</sup>.

#### Tabela 4.

Aplicação das gramáticas ao *corpus* . Algumas experiências com a classe CP1.

frases fixas (amostra)	N	A	vp	fp	P	R	F
<aguentar> em pé	13	10	9	0	1,00	0,90	0,95
<aguentar> nas canetas	2	2	2	0	1,00	1,00	1,00
<aguentar> nas pernas	2	2	2	0	1,00	1,00	1,00
<amarinhar> pelas paredes	5	1	1	4	0,20	1,00	0,33
<andar> nos copos	3	3	2	0	1,00	0,67	0,80
<armar> ao pingarelho	12	11	11	1	0,92	1,00	0,96
<armar> ao pingarelho	12	1	1	11	0,08	1,00	0,15
<bater> em retirada	74	74	71	0	1,00	0,96	0,98
<bater> no ceguinho	12	12	9	0	1,00	0,75	0,86
<brincar> com o fogo	87	87	87	0	1,00	1,00	1,00
<brincar> em serviço	68	68	62	1	0,98	0,91	0,95

<sup>69</sup> Para uma definição de *Precisão* (*P*), *Cobertura/Recall* (*R*) e da *Medida-F* (*F*), veja-se Jurafsky e Martin (2000:578). Simplificadamente, a medida de Precisão (*P*) indica a percentagem de ocorrências da expressão fixa correctamente identificadas pela gramática no corpus ( $P=vp/vp+fp$ ); a medida de Cobertura (ou recall) (*R*), consiste no número de ocorrências correctamente identificadas pela gramática de todas as instâncias dessa expressão existentes no corpus (o alvo *A*) ( $R=vp/A$ ;  $A=vp+fn$ ); e, finalmente, a Medida-F (*F*) combina os dois valores anteriores, permitindo atribuir um peso relativo a cada um deles; no caso, a ambas as medidas foi dado igual peso ( $F=2PR/P+R$ ).

<cair> da cadeira	36	21	21	14	0,60	1,00	0,75
<cantar> de galo	14	14	13	0	1,00	0,93	0,96
<chegar> aos bons	1	1	1	0	1,00	1,00	1,00
<chegar> para as encomendas	87	81	71	6	0,92	0,88	0,90
<cingir> aos factos	4	4	2	0	1,00	0,50	0,67
<conversar> com o travesseiro	1	1	1	0	1,00	1,00	1,00
<cortar> nas despesas	55	55	49	0	1,00	0,89	0,94
<dar> à perna	13	11	10	0	1,00	0,91	0,95
<dar> à sola	8	8	8	0	1,00	1,00	1,00
<dar> ao dedo	3	2	2	0	1,00	1,00	1,00
<dar> ao dente	12	12	9	0	1,00	0,75	0,86
<dar> ao slide	1	1	1	0	1,00	1,00	1,00
<dar> com a coisa	1	1	1	0	1,00	1,00	1,00
<dar> com a coisa	1	1	1	0	1,00	1,00	1,00
<dar> de frosques	5	5	4	0	1,00	0,80	0,89
<dar> em nada	84	83	46	0	1,00	0,55	0,71
<dar> nas vistas	771	771	652	0	1,00	0,85	0,92
<dar> para as encomendas	9	6	3	2	0,60	0,50	0,55
<dar> para o torto	109	108	100	0	1,00	0,93	0,96
<dar> para os dois lados	6	6	5	0	1,00	0,83	0,91
<deitar> com as galinhas	3	3	2	0	1,00	0,67	0,80
<desaparecer> do mapa	134	125	116	5	0,96	0,93	0,94
<dormir> sobre o assunto	8	8	7	0	1,00	0,88	0,93
<embandeirar> em arco	90	89	89	0	1,00	1,00	1,00
<emprenhar> pelos ouvidos	4	4	3	0	1,00	0,75	0,86
<engolir> em seco	72	72	72	0	1,00	1,00	1,00
<entender> da poda	1	1	1	0	1,00	1,00	1,00
<entender> do assunto	6	5	5	0	1,00	1,00	1,00
<escapar> de boa	5	5	3	0	1,00	0,60	0,75
<falar> pelos cotovelos	14	14	14	0	1,00	1,00	1,00
<faltar> à verdade	95	94	81	0	1,00	0,86	0,93
<fazer> à vida	165	3	3	0	1,00	1,00	1,00
<fazer> pela vida	109	96	89	2	0,98	0,93	0,95
<fechar> em casa	92	76	19	1	0,95	0,25	0,40
<fechar> em copas	11	9	5	2	0,71	0,56	0,63
<ferver> em pouca água	10	10	10	0	1,00	1,00	1,00
<fugir> à regra	393	393	303	0	1,00	0,77	0,87
<fugir> à verdade	11	11	10	0	1,00	0,91	0,95
<ganhar> para o susto	131	131	104	0	1,00	0,79	0,89
<gritar> por socorro	54	53	52	0	1,00	0,98	0,99
<ir> à faca	8	6	5	2	0,71	0,83	0,77
<ir> a terra	84	16	15	5	0,75	0,94	0,83

<b>frases fixas (amostra)</b>	<b>N</b>	<b>A</b>	<b>vp</b>	<b>fp</b>	<b>P</b>	<b>R</b>	<b>F</b>
<ir> ao mar	133	72	72	3	0,96	1,00	0,98
<ir> aos arames	10	10	9	0	1,00	0,90	0,95
<ir> de carrinho	7	2	2	4	0,33	1,00	0,50
<ir> para a rua	249	201	194	48	0,80	0,97	0,88
<ir> para o galheiro	8	8	7	0	1,00	0,88	0,93
<ir> pelos ares	95	95	82	1	0,99	0,86	0,92
<jogar> pelo seguro	136	136	123	0	1,00	0,90	0,95
<livrar> de boa	2	2	2	0	1,00	1,00	1,00
<lutar> pela vida	30	30	29	0	1,00	0,97	0,98
<malhar> em ferro frio	3	3	3	0	1,00	1,00	1,00
<meter> nos copos	6	6	4	0	1,00	0,67	0,80
<morrer> na praia	40	28	26	8	0,76	0,93	0,84
<morrer> para o mundo	4	2	1	0	1,00	0,50	0,67
<mudar> de ares	42	42	41	0	1,00	0,98	0,99
<nadar> em dinheiro	31	31	30	0	1,00	0,97	0,98
<olhar> a despesas	19	19	16	0	1,00	0,84	0,91
<olhar> a meios	202	201	196	0	1,00	0,98	0,99
<partir> do nada	78	17	14	0	1,00	0,82	0,90
<partir> para outra	59	27	29	23	0,56	1,07	0,73
<passar> à história	274	264	254	7	0,97	0,96	0,97
<passar> da cabeça	25	6	4	0	1,00	0,67	0,80
<passar> dos carretos	4	4	2	0	1,00	0,50	0,67
<passar> dos limites	26	23	21	3	0,88	0,91	0,89
<passar> para o outro lado	84	5	5	0	1,00	1,00	1,00
<passar> pelas brasas	31	30	26	0	1,00	0,87	0,93
<pedir> por socorro	1	1	1	0	1,00	1,00	1,00
<perder> pela demora	42	40	34	0	1,00	0,85	0,92
<pôr> ao fresco	7	7	7	0	1,00	1,00	1,00
<pôr> ao largo	11	3	2	0	1,00	0,67	0,80
<pregar> no deserto	43	43	40	0	1,00	0,93	0,96
<rebentar> pelas costuras	196	195	195	1	0,99	1,00	1,00
<recolher> a penates	3	3	3	0	1,00	1,00	1,00
<regressar> à estrada	31	27	22	4	0,85	0,81	0,83
<regular> da cabeça	11	10	1	0	1,00	0,10	0,18
<regular> da mona	1	1	1	0	1,00	1,00	1,00
<renascer> das cinzas	178	171	150	3	0,98	0,88	0,93
<rodar> sobre os calcanhares	2	2	2	0	1,00	1,00	1,00
<saber> do ofício	25	24	23	0	1,00	0,96	0,98
<sair> da casca	9	8	6	1	0,86	0,75	0,80
<sofrer> da cabeça	4	1	1	0	1,00	1,00	1,00
<subir> ao trono	89	89	87	0	1,00	0,98	0,99
<surgir> do nada	49	48	36	1	0,97	0,75	0,85
<tratar> da vida	55	16	16	14	0,53	1,00	0,70
<usar> da palavra	402	401	380	0	1,00	0,95	0,97
<vencer> na vida	30	27	27	1	0,96	1,00	0,98
<vir> ao mundo	226	105	104	9	0,92	0,99	0,95
<voar> pelos ares	15	10	10	0	1,00	1,00	1,00
<b>Totais/Médias</b>	<b>6.039</b>	<b>5.183</b>	<b>4.605</b>	<b>187</b>	<b>0,94</b>	<b>0,88</b>	<b>0,91</b>

Legenda: N – número global de ocorrências obtidas pela pesquisa numa expressão racional com o lema do verbo e o complemento preposicional fixo, permitindo uma janela de 5 palavras entre ambos, na totalidade do *corpus* do *CETEMPúblico* (180 M palavras); A (alvo) – número total de ocorrências reais da expressão fixa, verificadas manualmente; vp – verdadeiros positivos; fp - falsos positivos; P – precisão; R – cobertura ou *recall*; F – medida-F, combinação de P e R, com igual ponderação:  $2PR/P+R$ .

### 3.2. RESULTADOS

Os resultados encontram-se na tabela 4.

De um modo geral, as expressões para as quais realizámos esta experiência são de uso corrente, como o comprova o número de concordâncias (*N*), extraídas do CetemPúblico, quando comparado com a taxa de acerto (ver adiante). Ainda assim, mais de metade ocorre menos de 25 vezes, num *corpus* com 180 milhões de palavras, havendo 33 com 10 ou menos ocorrências, de que 8 constituem *hapax*, isto é, ocorrem uma única vez (por exemplo, *chegar-se aos bons*, *dar ao slide*, *entender da poda*, *Neg regular da mona*).

A expressão que ocorreu com maior frequência (*N*=771), *dar nas vistas*, é justamente uma expressão não ambígua, e todas ocorrências correspondem a instâncias da frase fixa (*N*=Alvo).

A amostra de expressões aqui tratada apresenta uma frequência média no *corpus* de  $3,48^{-7}$ , ou seja, cerca de 0,0193 ocorrências por milhão de palavras. Obviamente, este valor deverá ser considerado um valor por excesso, na medida em que se trata de expressões intuitivamente consideradas como de uso corrente. Já agora, a expressão mais frequente que aqui tratámos (*dar nas vistas*) apresenta uma frequência média de 1,94 por milhão de palavras.

De um modo geral, tanto a média da precisão (0,94) como a cobertura (0,88) são semelhantes e elevadas. Na secção seguinte, apresentamos uma análise mais pormenorizada dos resultados obtidos.

### 3.3. DISCUSSÃO

De um modo geral, pode dizer-se que as principais dificuldades de reconhecimento das frases fixas no *corpus* resultam das inserções de elementos livres entre os elementos constitutivos da expressão fixa, dado que estas inserções não estão previstas no grafo de referência.

Algumas destas inserções são apenas elementos formais, como por exemplo as aspas, que, em textos escritos, frequentemente assinalam o carácter idiomático destas expressões:

Ext 176357 (soc, 95b): [...] Candidatos a bombeiros «**brincaram**» **com o fogo** Dois candidatos a bombeiros voluntários, de 17 e 18 anos de idade, foram detidos segunda-feira pela PJ de – [CP1]

Contudo, outras inserções são elementos lexicais. Assim, por exemplo, observa-se frequentemente a inserção de advérbios de natureza variada entre o verbo e o complemento preposicional fixo:

Ext 1321159 (nd, 94a): Os franceses da recepção e os hóspedes deitaram-nos tais olhares reprovadores, provavelmente lembrando-se dos avisos de Giscard d'Estaing sobre a iminente invasão da França pelos novos bárbaros, **que batemos envergonhadamente em retirada** para os copos do bar, onde afogámos as nossas mágoas e tentámos ficar ainda mais pequenos . [CP1]

Ext 1435163 (des, 92b): Muitos dos mirões aproveitaram então para ganhar fôlego e alguns dos mais congestionados pelo riso **bateram estrategicamente em retirada** . [CP1]

Ext 309547 (des, 96b): Constantemente ameaçados, os madridistas **escaparam ontem de boa**: depois do mau desempenho de sábado à noite em Valladolid, onde empataram a um golo, beneficiaram ontem do empate do Deportivo da Corunha em Gijón . [CP1]

Uma vez que estas inserções não estão descritas no grafo de referência, as frases fixas não são identificadas. Seria fácil adaptar o grafo de forma a admitir essa inserção, mas tal não era nosso objectivo aqui.

Noutros casos, o não reconhecimento da expressão fixa deve-se a fenómenos de coordenação:

Ext 1178536 (eco, 92b): Há uma hora à espera de um aconchego para o estômago, os militantes laranjas trataram de **dar** ao talher e **ao dente** e deixaram cair a mensagem de Macedo .  
[CP1]

Ext 1271901 (nd, 94a): Muito **darão** à língua e **ao dente**, eructando aos microfones a salvação estes mestres do Aviz . [CP1]

Pese embora, no primeiro caso, estarmos perante duas expressões sinónimas, tal não acontece no segundo caso. Este tipo de limitação é perfeitamente natural quando se usam estes métodos de estados finitos, que se baseiam, praticamente, no reconhecimento de cadeias (*strings*) de palavras.

A possibilidade de coordenar os complementos fixos de duas expressões idiomáticas distintas, construídas com o mesmo verbo, leva-nos a considerar que, só no âmbito de uma análise sintáctica das frases em que estas expressões fixas ocorrem (e não por uma mera identificação de cadeias de palavras) será possível identificá-las com rigor e adequação.

Um caso semelhante, embora de natureza sintáctica diferente, ocorre nos casos não identificados pela gramática quando aplicada ao *subcorpus* da expressão *Neg brincar em serviço*:

Ext 38967 (nd, 93a): No Ocidente chamamos-lhe brindes, mas na Geórgia **não se brinca em serviço** . [CP1]

Ext 104676 (pol, 92b): Secretários de Estado, deputados, autarcas e até um presidente de um banco -- Alípio Dias -- provavam que, no Porto, **não se brinca em serviço** .

[CP1]

Nestes exemplos, trata-se do pronome indefinido *–se*, com um valor genérico (‘alguém’, ‘as pessoas em geral’), e que desempenha a função de sujeito de *brincar*. O sistema não reconhece o pronome indefinido *–se*<sup>70</sup>, que acaba por constituir uma inserção entre os elementos componentes da expressão fixa. Uma vez mais, só a análise sintáctica correcta de *–se*, bem como da frase em que este se insere, permitiria a correcta identificação da expressão fixa.

Um caso geral de não reconhecimento ou de reconhecimento incompleto das expressões fixas acontece na situação em que o verbo está acompanhado de um verbo auxiliar :

Ext **635725** (clt, 94a): Diana retorquiu: detesta «junk food» e não apanha muitas tosgas, apesar de na noite anterior **se ter metido nos copos**, porque fazia anos de casada . [CP1]

Note-se que a expressão *<meter>-se nos copos* é reconhecida nos casos em que o

*V* não apresenta auxiliar:

a frustração que só me fazia vontade de [me meter nos copos](#) . -----  
posto com pessoal muito jovem, que não [se mete nos copos](#);{S} é vontade de difamar a»,  
logo os caçadores estão entretidos e não [se metem nos copos](#) . -----  
ebedeiras que libertam a língua -- quem [se meteu nos copos](#), os actores ou as personagen

Ao contrário do que sucede nestas concordâncias, o não reconhecimento do extracto acima (Ext 635725), resulta da presença do auxiliar *ter* entre a forma do pronome reflexo e o particípio passado de *meter*.

---

<sup>70</sup> O dicionário electrónico utilizado não contempla a possibilidade de análise deste clítico *–se* como um pronome indefinido (invariável) *–se*.

Os auxiliares formam com o verbo principal um complexo verbal (M. Gross 1998), razão por que deveriam ser reconhecidos como parte integrante da expressão fixa. Obviamente, na medida em que não dispomos de um módulo de análise dos verbos auxiliares, o reconhecimento das expressões em que o verbo se encontra nesta situação apenas foi feito parcialmente.

Contudo, no caso das expressões intrinsecamente negativas, considerámos que o advérbio de negação (*Neg*) faz parte da expressão e deveria, por isso, ser reconhecido. Ora, como o verbo auxiliar ocorre entre *Neg* e o verbo principal, situação que não está descrita no grafo de referência, tal impossibilita o reconhecimento da expressão fixa:

Ext 484626 (eco, 95a):      É que advogado, mesmo de mota, **não pode brincar em serviço** e, vai daí, tem a máquina equipada com uma malinha onde cabe tudo o que é necessário para retocar a aparência .      [CP1]

Note-se, porém, que noutros casos, mais difíceis de analisar, se observa uma construção complexa, resultado, provavelmente, da concatenação de duas construções distintas:

Ext 124905 (nd, 96b):      Deviam perseguir e **bater** o inimigo **em retirada** ao longo da estrada, até Belchite .      [CP1]

Estes casos não são capturados pela gramática e a sua análise também não é clara: por um lado, *bater* parece apresentar uma construção transitiva directa, o que deixa a expressão *em retirada* com o estatuto de modificador de *inimigo* ou como predicativo do complemento directo; talvez fosse possível derivar, então, *em retirada* de uma frase com verbo-suporte *estar*, através do processo de



o grafo em modo *merge*, isto é, acrescentando ao texto as informações relativas a essas propriedades, que aparecem indicadas entre parênteses rectos [Vse=+] [NegObrig=-], como se pode ver no exemplo abaixo:

{S}Ext 200434 (pol, 97b): {S} Que ele tem muitos apoiantes que são queques e que os queques normalmente **CP1\_[[Vse=+] [NegObrig=-] se armam ao pingarelho]\_CP1\_0007** -- que é uma expressão que eu não uso, nem nunca me ninguém me ouviu usar -- é verdade [CP1]

Aliás, neste caso particular, a construção predominante atestada no *corpus* é a forma não pronominal, embora no Google ocorram ambas com a mesma frequência:

(Google, 28.01.07) O "Orelhas" já não sugiro, porque **armou-se ao pingarelho** (demasiadas citações na imprensa...) e agora os preços... UPA UPA ! ... [CP1]

(Google, 28.01.07) Um beto da Católica a **armar-se ao pingarelho** pensa com aquilo que mostra, os pintelhos. 10:27 AM; Lionheart said... "...horrorosa "associação portuguesa das ... [CP1]

(Google, 28.01.07) Aí tiro-te o chapéu..consegues andar na corda bamba sem nunca invectivar o teu lado mais sensível a críticas ("o alvim **arma-se ao pingarelho**"). ... [CP1]

Por essa razão, na leitura dos resultados obtidos, consideramos que o alvo de cada entrada (a que o sistema atribui números diferentes), é distinto, ainda que o *subcorpus* de teste (e logo *N*) seja o mesmo, já que os elementos lexicais em jogo são também os mesmos.

Embora não seja frequente, algumas das expressões constantes das matrizes apresentam um determinado grau de polissemia / ambiguidade, o que nos levou, nuns casos, a desdobrar lexicalmente essas entradas lexicais – sempre

que o significado das construções era suficientemente distinto e se fazia acompanhar de diferenças formais apreciáveis no seu comportamento sintáctico – enquanto, noutros casos, julgámos preferível manter sob uma única entrada expressões que apenas apresentam subtis diferenças de interpretação em função do emprego.

Assim, por exemplo, considerámos necessário desdobrar *N<sub>o</sub> sair para rua* em, pelo menos, duas entradas distintas, correspondendo cada uma às interpretações ‘ser despedido’ (no primeiro exemplo) e ‘fazer uma manifestação’ (no segundo exemplo):

Ext **325227** (pol, 94a): Por causa de uma graça parecida, seguramente não mais cruel, Borrego **foi para a rua** . [CP1]

Ext **594967** (soc, 96b): Caso isso não aconteça «num prazo decente», os lavradores estão dispostos a «**ir para a rua** protestar, até que a empresa faça o que deve para deixar de os prejudicar», disse à Agência Lusa o presidente da FADL, António Ferraria . [CP1]

Em ambos os casos, o sujeito é sempre um nome humano. Porém, no segundo caso, não é tão natural observar-se um sujeito estritamente singular:

?\*/? (*um + este*) *lavrador está disposto a ir para a rua protestar*

No exemplo abaixo, *Coimbra* designa, obviamente um colectivo<sup>72</sup>, como o que podemos observar em frases como:

Ext **219238** (soc, 97b): «é mais do que claro que Coimbra tem de **ir para a rua** ». [CP1]

*Os habitantes de Coimbra têm de ir para a rua*

Compare-se:

---

<sup>72</sup> Esta restrição distribucional corresponde à propriedade ‘nome plural’ (*Npl* ; M. Gross 1975), que, por ora, não se encontra ainda sistematicamente tratada nas nossas matrizes.

\* (*Um + este*) *habitante de Coimbra tem de ir para a rua*

Já no caso de *N0 bater em retirada*, procedemos de modo inverso. Apesar de ser possível considerar que há uma diferença subtil de significado entre vários empregos observados no *corpus*, mantivemos uma única entrada na matriz. Assim, a expressão, originalmente de natureza técnica, aparece no *corpus* com sujeitos do universo militar (e.g. *tropas, forças, guerrilheiros*):

, desmoralizadas, as tropas do Reich [baterem em retirada](#), deixando no campo de batalha 24  
rseguição às tropas estrangeiras que [baterem em retirada](#) . -----  
a): «As forças nortistas começaram a [bater em retirada](#)», disse um porta-voz militar . -  
ol, 92a):{S} Forças ARMÊNIAS estão a [bater em retirada](#) no enclave de Nagorno-Karabakh,  
ue os guerrilheiros khmer, maoístas, [bateram em retirada](#) para uma posição montanhosa de

Contudo, esta mesma expressão já é hoje empregue de forma generalizada como sinónimo de ‘fugir’, sem que apareça associada a qualquer sujeito particular desse universo discursivo a que aludimos acima.

s mercados mais poderosos, Juan Luis [bate em retirada](#) para o Terceiro Mundo de onde pro  
gora, parece que Bill Clinton está a [bater em retirada](#), embora continue a fazer promess  
úblico deveria ter tido a coragem de [bater em retirada](#) . -----  
, 97a):{S} Kohl teve, no entanto, de [bater em retirada](#) e o Bundesbank, embora aceitando  
Ao intervalo, um deles decidiu mesmo [bater em retirada](#) -- o resultado já era de 2-0 a f  
S)Ext 48308 (nd, 91a):{S} Mitterrand [bateu em retirada](#), mas uma lição se tirou disto tu  
no da transparência, Manuel Monteiro [bateu em retirada](#) quando o tema saltou para o deba  
epois de os governadores civis terem [batido em retirada](#) é, no mínimo, incongruente . --

Considerámos, pois, não haver uma diferença formal significativa entre as duas interpretações que permitisse distingui-las claramente nas matrizes.

Em alguns casos, o grafo reconhece correctamente a sequência-alvo mas esta faz parte de uma expressão mais longa. Na medida em que esta sequência maior não consta da matriz, poderia considerar-se que os resultados do processo de identificação da expressão fixa apenas foram alcançados parcialmente. É o caso da expressão *N0 cortar nas despesas*, em que se verifica que o elemento *C*

*despesas* pode surgir acompanhado de diversos modificadores, formando até nomes compostos com alguns destes. Eis alguns exemplos da concordância:

entes, se aumentam os impostos ou se [corta nas despesas](#) de investimento» . -----  
fe do próximo Governo vai perseguir, [cortando nas despesas](#) públicas e aumentando as tax  
Legenda:{S} Os consumidores estão a [cortar nas despesas](#) de supermercado De qualquer ma  
de austeridade levaram os governos a [cortar nas despesas](#) sociais e a despedir trabalhad  
{S}Ext 1436433 (opi, 98b):{S} Resta [cortar nas despesas](#) correntes . -----  
a moeda única, a palavra de ordem é [cortar nas despesas](#) do Orçamento comunitário . ---  
{S}Ext 758441 (pol, 95b):{S} Além de [cortar nas despesas](#) de segurança social e no funci  
Pública, onde é clara a intenção de [cortar nas despesas](#) correntes (pessoal e serviços)  
, 96b):{S} Dizia-me ele: ` Se querem [cortar nas despesas](#) do Estado, comecem pelo que nã  
dade de aumentar os impostos, de não [cortar nas despesas](#) salariais, se mantivesse a sub  
evenção suficiente, para poder estar [cortar nas despesas](#) com os meios aéreos» . -----  
te já percebeu que este Governo quer [cortar nas despesas](#) com a Educação . -----  
rios que Braga de Macedo «obrigou» a [cortarem nas despesas](#) de funcionamento) será uma á  
ira os jornais da sua ira, e que ele [cortou nas despesas](#) orçamentais . -----

Como se pode verificar, algumas destas combinações, tais como: *despesas de investimento, despesas públicas, despesas sociais, despesas correntes, despesas salariais, despesas de funcionamento, despesas orçamentais* são muito provavelmente termos compostos (da economia em geral ou de contabilidade pública) <sup>73</sup>.

Outras combinações (*despesas de supermercado, despesas com os meios aéreos*) relevam da sintaxe particular do nome predicativo *despesas*. Ambas as situações apontam no sentido de, nesta expressão, apenas a cabeça do grupo nominal (*despesas*) ser fixa com o verbo (*cortar*), podendo o elemento *C* fazer parte de (ser o elemento nuclear de) nomes compostos ou apresentar complementos próprios das construções predicativas que determina. Naturalmente, tais situações implicam a análise sintáctica do contexto alargado em que a expressão se insere, o que está para além dos objectivos a que aqui nos propusemos.

---

<sup>73</sup> Para uma definição e discussão do conceito de nome composto que aqui empregamos, veja-se com referência ao Francês, entre outros, G. Gross (1988, 1989 e 1996) e, para o Português Europeu, Baptista (1994).



### 3.4. CONCLUSÃO

Os resultados preliminares já obtidos permitem avançar, ainda que provisoriamente, com algumas conclusões. Em primeiro lugar, verifica-se que para a maioria das expressões idiomáticas que aqui estudámos não se levantam dificuldades de maior ao seu reconhecimento automático por meio de métodos de estados finitos como os que aqui empregámos, na medida em que, pela sua elevada fixidez interna, os elementos por que são formadas aparecem em sequência contíguas, não interrompidas por quaisquer inserções. São justamente essas inserções de elementos livres, externos à construção fixa e em que predominam os adverbiais, o principal factor responsável pelo erros de reconhecimento.

Naturalmente, beneficiámos do facto de, nestas expressões, não se observarem transformações como pronominalizações, permutas, etc. A extensão do estudo a estas situações deverá permitir aferir melhor a adequação dos métodos de representação/reconhecimento automático aqui utilizados. Dado os objectivos iniciais deste estudo, tal ficará para um outro momento.

Finalmente, constituem também um resultado deste trabalho os fragmentos do corpus com os extractos em que se encontram as expressões que não foram capturadas pela gramática. Tal poderá servir, num momento futuro, como corpus de teste para desenvolver gramáticas mais adequadas ao processamento computacional deste tipo de expressões.

#### 4. CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS FUTURAS

O objectivo principal deste estudo, nomeadamente, o recenseamento sistemático, a classificação formal e a descrição das propriedades sintácticas das construções verbais fixas intransitivas (sem complemento directo) do Português Europeu foi, quanto nós, satisfatoriamente atingido. Restringimo-nos, neste estudo, às expressões registadas nos principais dicionários de uso e dicionários especializados em expressões fixas, completando essas informações outras fontes e com a nossa competência de falante nativa. Retivemos apenas as expressões que nos pareceram de uso corrente, o que confirmámos pela consulta de um *corpus* de grandes dimensões, pontualmente complementada pela pesquisa na Internet.

Foi possível recensear um número considerável de expressões (cerca de 900), número que, porém, deverá estar longe de corresponder às dimensões reais do fenómeno, se se tiver conta os dados já disponíveis para outras línguas (incluindo a variante do Português do Brasil). Ainda assim, julgamos que a sistematicidade e o cuidado posto na selecção deste léxico permite, desde já, constituir uma base empírica satisfatória para um estudo mais aprofundado deste tipo de expressões em Português.

Verificámos que a proposta de classificação das frases fixas apresentada por M. Gross (1982a, 1989) é perfeitamente adequada para estruturar a classificação destas expressões em Português, não tendo visto necessidade de introduzir (sub)classes específicas para o Português Europeu. Também por essa

razão, mantivemos os mesmos códigos identificadores das classes, propostos por aquele autor, a fim de facilitar a comparação de dados entre diferentes línguas.

Descrevemos as principais propriedades distribucionais, estruturais e transformacionais observadas, tendo verificado a pertinência da metodologia do Léxico-Gramática quando preconiza um estudo sistemático da forma como estas propriedades se manifestam no léxico. De facto, ainda que seja possível encontrar grandes regularidades, verificam-se restrições idiossincráticas dependentes do material lexical presente numa dada expressão fixa; tal obriga a uma descrição *caso-a-caso* das propriedades das frases fixas, método que não é distinto do que se verificou necessário adoptar para a descrição das frases ‘livres’ (M. Gross 1975). Entre as propriedades que analisámos, salientamos, por exemplo, a Pronominalização (§2.4.1) ou a Reestruturação Dativa (§2.4.2) dos complementos determinativos livres. Nestas transformações, de carácter muito geral, é possível encontrar restrições que não são dedutíveis nem da estrutura formal nem do significado global da expressão fixa.

A aplicação das matrizes a um *corpus* de textos reais demonstrou, entre outras coisas, que os métodos de estados finitos que permitem o reconhecimento de cadeias de palavras podem constituir um método eficaz para a identificação de boa parte das instâncias das expressões fixas nos textos, mas revelam-se pouco adequados para processar certos aspectos linguísticos do discurso concatenado, nomeadamente, por exemplo: o tratamento dos auxiliares do verbo da frase fixa; as inserções, em geral, e a presença de advérbios, de forma mais notória; as construções com pronome indefinido *se*; fenómenos de coordenação de frases

fixas, com redução de material lexical repetido. Apesar destas limitações, foi possível verificar, para uma amostra do conjunto de expressões aqui estudadas a adequação da descrição linguística produzida. Ressalve-se apenas, neste aspecto, alguma hesitação, observável no *corpus*, entre o emprego de construção intrinsecamente pronominal e emprego não pronominal de algumas frases fixas.

Uma dissertação não é, quanto a nós, o fim de um estudo, mas um momento de um percurso. Estamos persuadida de que muito ficou por fazer. Nas linhas que se seguem indicamos alguns dos aspectos que gostaríamos de aprofundar, no futuro e que, por limitações várias, não pudemos realizar neste trabalho.

Em primeiro lugar, pretendemos aplicar integralmente as gramáticas e os grafos de referência, construídos para as classes intransitivas, à totalidade do *corpus* do CETEMPúblico. Pretendemos assim alargar a experiência descrita no capítulo §3 e assim determinar outros problemas de análise, bem como aferir a dimensão real que toma, neste tipo de *corpus*, o fenómeno das frases fixas.

Tendo em vista um estudo comparativo com outras línguas (essencialmente línguas românicas) para as quais já estão disponíveis léxico-gramáticas de frases fixas, desenvolvidos com os mesmos standards teóricos e metodológicos, pretendemos enriquecer as matrizes de uma tradução *palavra-a-palavra* e de uma tradução aproximativa de cada expressão (essencialmente em inglês, francês e espanhol), a fim de, num primeiro momento, detectar os *falsos-amigos* e, depois, estabelecer relações de semelhança,

equivalência (ou outras) entre as expressões de cada língua, na linha dos trabalhos de Camugli-Gallardo (2005a,b) <sup>74</sup>.

Outra dimensão a aprofundar seria a tentativa de, a partir dos dados recolhidos, tanto lexicais como textuais, confirmar a adequação de métodos estatísticos, como os que propõem, entre outros, Manning & Schütze (2003: 151-189) para a identificação automática de expressões idiomáticas. Finalmente, julgamos que seria importante, face ao volume de dados recolhidos, contribuir para sensibilizar a comunidade ligada ao ensino da língua (tanto como língua estrangeira, mas sobretudo de língua materna) da importância e da diversidade que as expressões idiomáticas, em particular das frases fixas, assumem no quadro geral da gramática da língua.

---

<sup>74</sup> Julgamos que, neste sentido, poderia ser possível, com a colaboração de especialistas de outras línguas (e algum apoio informático), aplicar a metodologia proposta por Baptista (2006).

## BIBLIOGRAFIA

- Baptista, J. 1994. *Estabelecimento e Formalização de Classes de Nomes Compostos*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Baptista, J. 1997a. *Sermão, tarefa e facada: Uma classificação das construções conversas dar-levar*. *Seminário de Linguística* 1: 5-37. Faro: Universidade do Algarve – UCEH.
- Baptista, J. 1997b. Conversão nomes parte-do-corpo e reestruturação dativa. in Castro, I. (ed.). *Actas XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Braga/Guimarães, Setembro 1996). Vol. I, pp. 51-59. Lisboa: APL/Colibri.
- Baptista, J. 2004. Frozen vs. Compositional Sequences. in Laporte, E. & Ting-an Cheng (eds.). *Journal of Applied Linguistics. Special Issue on Lexicon-Grammar. Papers presented at the Lexicon-Grammar Workshop*, Pequim, Outubro de 2004. pp. 81-94 (em Chinês; versão original em Inglês, policopiada).
- Baptista, J. 2005a. *Sintaxe dos Predicados Nominais construídos com o verbo-suporte SER DE*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Baptista, J. 2005b. Instrument nouns and fusion. Predicative nouns designating violent actions. in Leclère, Ch.; Laporte, E.; Piot, M.; Silberztein, M. (eds.). *Lexique, Syntaxe et Lexique-Grammaire. Papers in honour of Maurice Gross. Linguisticae Investigationes Supplementa* 24: 31-40. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Pub-Co.
- Baptista, J. 2005c. Construções Simétricas: complementos e argumentos. in Rio-Torto, M. G.; Figueiredo, O., & Silva, F. (org.). *Estudos de Homenagem ao Prof. Doutor Mário Vilela*. Vol.1: 353-367. Porto: FLUP.
- Baptista, J. 2006. Phrases de la mer intérieur: dictionnaires électroniques de phrases figées et le défis de la comparaison de langues. (comunicação apresentada nas Jornadas *La Fraseología como vehículo del pensamiento en el ámbito del Mediterráneo*. Alicante. Dezembro de 2006).
- Baptista, J., Correia, A. & Fernandes, G. 2004. Frozen Sentences of Portuguese: Formal Descriptions for NLP. Workshop on *Multiword Expressions: Integrating Processing, International Conference of the European Chapter of the Association for Computational Linguistics*: 72-79. Barcelona (Spain). July 26, Barcelona, ACL.
- Baptista, J., Correia, A. & Fernandes, G. 2005. Léxico-gramática das frases fixas do português europeu. Breve presentación. *Cadernos de Fraseología Galega* 7: 41-53. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- Blanco, X. 1995. Description et traduction d'opérateurs dans la lexicographie bilingue français-espagnol, espagnol-français. in J.Labelle (ed.), *Lexiques-grammaires comparés et traitements automatiques*. Actes du deuxième colloque international LGC: 299-310. Service des Publications, UQAM.
- Blanco, X. 1996. Los complementos de nombre intensivos. Enfoque contrastivo español-francés. *Revista de Filología Francesa* 10. Madrid: Publicaciones Universidad Complutense.
- Boons, J-P., Guillet, A. & Leclère, Ch. 1976a. *La structure des phrases simples en français: constructions intransitives*. Genève: Droz.

- Boons, J-P., Guillet, A., & Leclère, C. 1976b. *La structure des phrases simples en français. Constructions transitives*. Genève: Droz.
- Borillo, A. 1971. Remarques sur les verbes symétriques. *Langue Française* 11: 17-31. Paris: Larousse.
- Brown, K. & Miller, J. (eds.) 1996. *Concise Encyclopaedia of Grammatical Categories*. London: Pergamon/ Elsevier.
- Bussmann, H. 1996. *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*. London: Routledge. (s.v. “idiom”, p. 216).
- Buvet, P-A. 1995. Les compléments de nom intensifs. *Néophilologia* 12. Katowice: Université de Silésie (pre-print).
- Buvet, P-A. & Gross, G. 1995. Comparaison et expression du haut degré dans le groupe nominale. *Faits de langue* 5. Paris: PUF (pre-print).
- Catalá-Guitart, D. 2003. *Les Adverbes Composés. Approches contrastives en linguistique appliquée*. (Tese de Doutoramento). Barcelona: Département de Philologie Française et Romane, Universidade Autònoma de Barcelona.
- Camugli-Gallardo, C. 2005a. Niveaux de langue et variations linguistiques dans la comparaison interlangue de tables du *Lexique-Grammaire*, *Lingvisticae Investigationes* 28-2: 169-188. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Pub. Co.
- Camugli-Gallardo, C. 2005b. Pour une harmonisation des codages dans la comparaison entre tables d’expressions figées du *Lexique-Grammaire*: le problème de l’explication sémantique. (comunicação apresentada ao 24<sup>th</sup> International Colloquium on Compared Lexicon and Grammars, Liverpool, Setembro 2005).
- Chacoto, L. 1994. *Estudo e Formalização das Propriedades Léxico-Sintáticas das Expressões Fixas Proverbiais* (Tese de Mestrado). Lisboa: FLUL.
- Conenna, M. 1988. Sur un lexique-grammaire comparé de proverbes. *Langages* 90: 99-116. Paris: Larousse.
- Correia, A. (em preparação). *Léxico-Gramática das Frases Fixas do Português Europeu - Construções Transitivas*. (Tese de Mestrado). Faro: Universidade do Algarve.
- Crookston, J. 1996. Verbs and Verb Phrases. In Brown, K. & Miller, J. (eds.): 400-406.
- Eleutério, S.; Ranchhod, E.; Freire, H. & Baptista, J. 1995. A system of electronic dictionaries of Portuguese. *Lingvisticae Investigationes* 20-1: 57-82. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co.
- Fernandes, G. & Baptista, J. (no prelo) Frozen Sentences with Obligatory Negation: Linguistic Challenges for Natural Language Processing. (a publicar em *Cadernos de Fraseologia Galega*).
- Fonseca, J. 1984. Verbos simétricos. *Boletim de Filologia* 29: 381-403. Lisboa: INIC/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Fotopoulou, A. 1993. *Une classification des phrases à compléments figés en grec moderne*. (Tese de Doutoramento). Paris: LADL/ Univ. Paris 7.
- Gaatone, D. 2000. À quoi sert la notion d’«expression figées»? *BULAG, Lexique, Syntaxe et Sémantique. Mélanges offerts à Gaston Gross*: pp. 265-308. Besançon: PUFC, Centre Lucien Tesnière.

- Gross, G. 1988. Degré de figement dans les noms composés. *Langages* 90: 57-72. Paris: Larousse.
- Gross, G. 1989. *Les constructions converses du français*. Droz: Genève.
- Gross, G. 1996. *Les expressions figées en français. Noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys.
- Gross, M. 1975. *Méthodes en syntaxe*. Paris: Hermann.
- Gross, M. 1982a. Une classification des phrases "figées" du français. *Revue Québécoise de Linguistique* 11-2: 151-185. Montréal: UQAM.
- Gross, M. 1982b. Simple sentences. *Text Processing, Proceedings of Nobel Symposium* 51: 297-317. Stockholm: Almqvist Wiksell.
- Gross, M. 1985. Sur les déterminants dans les expressions figées. In *Langages* 79. Paris: Larousse.
- Gross, M. 1986. *Grammaire transformationnelle du français. Vol. 3, Syntaxe de l'adverbe*. Paris: ASSTRIL.
- Gross, M. 1988a. Sur les phrases figées complexes du français. *Langue Française* 77: 47-70. Paris: Larousse.
- Gross, M. 1988b. Les limites de la phrase figée. *Langages* 90: 7-22, Paris: Larousse.
- Gross, M. 1988c. Methods and Tactics in the Construction of a Lexicon-Grammar. *Linguistics in the Morning Calm 2, Selected Papers from SICOL 1986*: 177-197. Séoul: Hanshin Pub. Co.
- Gross, M. 1988d. La phrase élémentaire et ses composants. Une discussion de quelques exemples. *Travaux de linguistique* 17: *La prédication seconde* : 13-32. Paris/Gembloux: Duculot.
- Gross, M. 1989. *Les Expressions Figées, Une description des expressions françaises et ses conséquences théoriques*. RT n° 8, PRC-IL. Paris: Université Paris 7 - LADL.
- Gross, M. 1990. Sur la notion harrissienne de transformation et son application au français. *Langages* 99: 39-56. Paris: Larousse.
- Gross, M. 1993. Les phrases figées en français. *L'information grammaticale* 59: 36-41. Paris.
- Gross, M. 1996. Lexicon-Grammar. in Brown, K. & Miller, J. (eds.). *Concise Encyclopaedia of Syntactic Theory*: 224-259. Oxford: Pergamon Press.
- Gross, M. 1998. La fonctipon sémantique des verbes support. *Travaux de Linguistique* 37 : 25-46. Bruxelles: Duculot.
- Gross, M. 2001. Construção de Gramáticas Locais e Autómatos Finitos. In Ranchhod, E. (ed.): 91-130.
- Guillet, A. & Leclère, Ch. 1981. Restructuration du groupe nominal. *Langages* 63. Paris: Larousse.
- Guillet, A. & Leclère, Ch. 1992. *La structure des phrases simples en français 2: les constructions transitives locatives*. Genève: Droz.
- Harris, Z. S. 1951. *Structural Linguistics*. Chicago & London: The University of Chicago Press.

- Harris, Z. S. 1964. The Elementary Transformations (= *Transformations and Discourse Analysis Papers*, No.54.) Philadelphia: University of Pennsylvania, in Harris 1981: 211-235.
- Harris, Z. S. 1976. *Notes du cours de syntaxe*. trad. M. Gross, Paris: Le Seuil.
- Harris, Z. S. 1988. *Language and Information*. New York: Columbia University Press.
- Harris, Z.S. 1981. *Papers on Syntax*. Hiz, H. (ed.). Dordrecht/ Boston/ London: D. Reidel Pub. Co.
- Harris, Z. S. 1991. *A Theory of Language and Information. A Mathematical Approach*. Oxford: Clarendon Press.
- Jorge, G. 1991. *As expressões idiomáticas. Da língua materna à língua estrangeira. Uma Análise comparativa*. (Tese de Mestrado). Lisboa: FLUL.
- Jorge, G. 1993. Um dicionário bilingue de expressões idiomáticas: alguns elementos para a sua construção". *Actas do 3º Encontro sobre o Ensino das Línguas Vivas na Universidade*. Coimbra, 22 e 23 de Outubro.
- Jorge, G. 2005. Periplo pola fraseoloxía portuguesa: abordaxe lexicográfica. *Cadernos de Fraseoloxía Galega 7*: 119-133. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- Jorge, G. & Jorge, S. 1997. *Dar à Língua, da comunicação às expressões idiomáticas*. Lisboa: Cosmos.
- Jurafsky, D. & Martin, J. H. 2000. *Speech and Language Processing*. New Jersey: Prentice Hall.
- Labelle, J. 1998. Léxiques-grammaires comparés d'un français à l'autre. In Lamiroy, B. (ed.). *Le Lexique-grammaire, Travaux de Linguistique 37* : 47-70. Bruxelles: Duculot.
- Lamiroy, B.; Leclère, Ch.; Klein, J-R.; Labelle, J. 2003. Les expressions verbales figées dans quatre variétés de français: Le projet BFQS. *Cahiers de Lexicologie 83*: 153-172.
- Leclère, Ch. 1995. Restructuration dative. *Language Research 31*:1. Language Research Institute. Seoul: Seoul National University.
- Leclère, Ch. 2002. Organization of the lexicon-grammar of French verbs». *Linguisticae Investigationes 25-1*. USA: John Benjamins Publishing Company.
- Lothaire, M. 2005. *Algebraic Combinatorics on Words*. Encyclopedia of Mathematics & its Applications. Cambridge: Cambridge University Press.
- Manning, Ch. & Schütze, H. 2003. *Foundations of Statistical Natural Language Processing*. London/Cambridge. MA: MIT Press.
- Melcük, I. 1993. La phraseologie et son rôle dans l'enseignement / apprentissage d'une langue étrangère. *ELA*: 82-113. Didier Érudition.
- Melcük, I. 2003. Les collocations: définitions, rôle et utilité. In *Les collocations, analyse et traitement. Série E N°1, Travaux et Recherches en Linguistique Appliquée*: 25-32. Amsterdam: Editions De Werelt.
- Mogorrón-Huerta, P. 1994. *Estudio Contrastivo de las Expresiones Fijas en Ser / Estar + Prep X y Être Prép X en Francés*. (Tese de Doutoramento). Valência: Univ. Valência.

- Mogorrón-Huerta, P. 2002. *La expresividad en las locuciones verbales españolas y francesas*. Alicante: Univ. de Alicante.
- Palma, C. (em preparação) *Estudo contrastivo Português-Espanhol de expressões fixas adverbiais*. (Tese de Mestrado). Faro: Universidade do Algarve.
- Paumier, S. 2004. *Unitex - manuel d'utilisation*. Paris: Univ. Marne-la-Vallée.
- Penadés-Martínez, I. 1999. *La enseñanza de las unidades fraseológicas*. Madrid: Arco/Libros.
- Ranchhod, E. 1990. *Sintaxe dos Predicados Nominais com Estar. Linguística 1-2*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Ranchhod, E. 1996. Analyse d'adverbes par verbes supports. Exemples du Portugais, *LINX 15-16, Lexique, syntaxe et analyse automatique des textes*: 211-218. Paris: Univ. Paris X (Nanterre).
- Ranchhod, E. 1999. O Lugar das Expressões 'Fixas' na Gramática do Português. In Castro, I. & Duarte, I. (org.). *Razões e Emoção. Miscelânea de estudo em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Vol. II, pp. 239-254. Lisboa: INCM.
- Ranchhod, E.; Mota, C. & Baptista, J. 1999. A Computational Lexicon of Portuguese for Automatic Text Processing. in *SIGLEX'99: Standardizing Lexical Resources*. (Maryland, Junho de 1999, Universidade de Maryland). Special Interest Group on the Lexicon, Association for Computational Linguistics: pp. 74-80. Maryland: ACL/ NScF.
- Ranchhod, E. 2001. O uso de dicionários e de autómatos finitos na representação lexical das línguas naturais. in Ranchhod, E. (ed.) 13-47.
- Ranchhod, E. (org.) 2001. *O Tratamento das Línguas por Computador. Um introdução à Linguística Computacional e suas aplicações*. Lisboa: Caminho.
- Roche, E. & Schabes, Y. (eds.). 1997. *Finite-State Language Processing*. Cambridge. Mass./ London: MIT Press.
- Senellart, J. 1998. Reconnaissance automatique des entrées du lexique-grammaire des phrases figées. in Lamiroy, B. (ed.). *Le Lexique-Grammaire. Travaux de Linguistique 37*: 109-125. Bruxelles: Duculot.
- Silberztein, M. 1993. *Dictionnaires électroniques et analyse automatique de textes. Le système Intex*. Paris, Masson.
- Silberztein, M. 2000. *Intex (Manual)*. Paris: ASSTRIL/LADL.
- Harris, R. & Taylor, T. J. 1997. *Landmarks in Linguistic Thought I: The Western Tradition from Socrates to Saussure*. (2<sup>nd</sup> ed). London: Routledge.
- Vale, O. 2001. *Expressões Cristalizadas do Português do Brasil: uma proposta de tipologia*. (Tese de doutoramento). Araraquara: Universidade Estadual Paulista.
- Yli-Jyra, A. (ed). 2006. *Advances in Natural Language Processing*. Proceedings of the 5<sup>th</sup> International Conference on NLP, FinTAL 2006, Turku, Finland, Agosto de 2006. LNAI/LNCS: 4139.

## **Gramáticas**

- Bechara, E. 2001. *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Lucerna

- Cunha, C. & Cintra, L. 1986. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edição João Sá da Costa.
- Mateus *et al.* 2003. (6<sup>a</sup> ed.), *Gramática da Língua Portuguesa*. [2<sup>a</sup> ed., 1898; 3<sup>a</sup> ed., 1992; 4<sup>a</sup> ed., 1994]. Lisboa: Caminho.
- Quirk, R.; Greenbaum, S.; Leech, G.; Svartvik, J. 1991<sup>9</sup>. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London/ New York: Longman.

### **Dicionários**

- Almeida & Henriques.1999. *Dicionário Aberto de Calão e Expressões Idiomáticas*  
<http://natura.di.uminho.pt/jjbin/dac>
- Jorge, G. & Jorge, S. 1997. *Espacidiomático*.  
[www.centroatl.pt/espacidiomatico/index.html](http://www.centroatl.pt/espacidiomatico/index.html)
- Busse, W. (Coord.). 1994. *Dicionário sintático de verbos portugueses*. Almedina: Coimbra.
- Collins Cobuild Dictionary of Idioms*. 2003. Glasgow: Harper Collins.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Verbo.
- Dicionário de Língua Portuguesa*. 1998. Porto: Porto Editora.
- Diciopédia*. 2001. Porto: Porto Editora CD-Rom
- Diciopédia*. 2003. Porto: Porto Editora CD-Rom
- Moura, 1995. *Por Outras Palavras, Dicionário das Frases Idiomáticas mais usadas na Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições Ledo.
- Penadés-Martínez, I. 2002. *Diccionario de Locuciones Verbales para la Enseñanza del Español*. Madrid: Editorial Arco Libros, S. L.
- Penadés-Martínez, I. 2005. *Diccionario de Locuciones Adverbiales para la Enseñanza del Español*. Madrid: Editorial Arco Libros, S. L.
- Santos, A. N. 1990. *Novos Dicionários de expressões idiomáticas*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Schemann, H. & Schemann-Dias, L. (s/d). *Dicionário Idiomático de Português-Alemão*. Livraria Cruz/ Max Hueber Verlag.
- Seco, M.; Andrés, O. & Ramos, G. 2004. *Diccionario Fraseológico Documentado del Español Actual. Locuciones y Modismos Españoles*. Madrid: Aguilar Lexicografía/ Santillana Ediciones Generales.
- Simões, G. A. 1993. *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*. Lisboa: D. Quixote.

# APÊNDICES

## ÍNDICES

### 1. ÍNDICE GERAL: ORDENAÇÃO ALFABÉTICA PELO VERBO

Indica-se entre parênteses o código da classe; as contracções foram desfeitas; os elementos lexicais entre parênteses angulares podem flexionar; simplificaram-se os códigos gramaticais dos pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos e dos determinantes possessivos e demonstrativos; não se indica nesta listagem o pronome reflexo das construções intrinsecamente pronominais nem a negação (*Neg*) das construções intrinsecamente negativas; para estas últimas informações, o leitor deverá referir-se às matrizes léxico-sintácticas; os casos de desdobramento lexical mantiveram-se, pelo que se encontram repetidos nesta listagem.

(CPP) <abrir> de os cordões a a bolsa	(CP1) <andar> sobre rodas
(CPN) <acabar> com a raça	(CPP) <apanhar> em a cabeça de Nhum
(CPN) <acabar> com a vida	(CPP) <apanhar> em a cabeça de Nhum
(CP1) <acertar> em o alvo	(CPP) <apanhar> em a cachola de Nhum
(CP1) <acertar> em a baliza	(CPP) <apanhar> em a cachola de Nhum
(CP1) <acertar> em a barra	(CPP) <apanhar> em a cara de Nhum
(CP1) <acertar> em a barreira	(CPP) <apanhar> em a cara de Nhum
(CP1) <acertar> em a bola	(CPP) <apanhar> em o coco de Nhum
(CP1) <acertar> em a mouche	(CPP) <apanhar> em o coirão de Nhum
(CP1) <acertar> em os postes	(CPP) <apanhar> em os cornos de Nhum
(CPP) <acordar> com os pés de fora	(CPP) <apanhar> em o focinho de Nhum
(CPP) <adorar> a Deus e a o Diabo	(CPP) <apanhar> em as fuças de Nhum
(CP1) <adormecer> em a paz do Senhor	(CPP) <apanhar> em o toutiço de Nhum
(CP1) <adormecer> em o senhor	(CPP) <apanhar> em as trombas de Nhum
(CP1) <aferrar> em o sono	(CP1) <aparecer> em o mapa
(CPP) <afinar> por o mesmo diapasão de Nhum	(CP1) <armar> em <parvo>
(CP1) <agir> em a sombra	(CP1) <armar> em <tio>
(CPP) <agradar> a Deus e a o Diabo	(CP1) <armar> em <vedeta>
(CPP) <agradar> a gregos e troianos	(CP1) <armar> a os cágados
(CPP) <agradar> a gregos e a troianos	(CP1) <armar> em carapau de corrida
(CP1) <aguardar> por Pos:fs hora	(CP1) <armar> a os cucos
(CP1) <aguentar> em as canelas	(CP1) <armar> em Lucas
(CP1) <aguentar> em as canelas	(CP1) <armar> a o pingarelho
(CP1) <aguentar> em as canetas	(CP1) <armar> a o pingarelho
(CP1) <aguentar> em as canetas	(CP1) <ascender> a o trono
(CP1) <aguentar> em pé	(CP1) <atirar> a o ar
(CP1) <aguentar> em pé	(CPN) <atirar> para os braços
(CP1) <aguentar> em as pernas	(CPN) <atirar> a as canelas
(CP1) <aguentar> em as pernas	(CP1) <atirar> de a janela
(CP1) <amandar> a o ar	(CP1) <atirar> para todos os lados
(CP1) <amarinhar> por as paredes	(CP1) <atirar> para todos os lados
(CPP) <amarinhar> por as paredes acima	(CPN) <atirar> a os pés
(CPP) <andar> com a cabeça a a razão de juros	(CP1) <avançar> por Pos:mp próprios pés
(CPP) <andar> com a carinha em a água	(CP1) <avançar> em o sinal
(CPP) <andar> com a casa a as costas	(CP1) <avançar> em o sinal vermelho
(CPP) <andar> de cavalo para burro	(CP1) <baixar> a a cova
(CPP) <andar> a o colo com Nhum	(CP1) <baixar> a a sepultura
(CP1) <andar> em os copos	(CP1) <banhar> em águas de rosa
(CP1) <andar> em os cornos do touro	(CPP) <bater> bem de a bola
(CP1) <andar> de costas direitas	(CPP) <bater> bem de a cachimónia
(CPP) <andar> de Herodes para Pilatos	(CPP) <bater> bem de o juízo
(CP1) <andar> por Pos:mp próprios pés	(CPP) <bater> bem de a mona
(CP1) <andar> em a puta da brincadeira	(CPP) <bater> bem de a tola

(CPP) <bater> com a cabeça em a parede  
 (CPP) <bater> com a cabeça em as paredes  
 (CPP) <bater> com a cabeça em a porta  
 (CPP) <bater> com os calcanhares em o cú  
 (CP1) <bater> em o ceguinho  
 (CPP) <bater> com os costados em prisão  
 (CPP) <bater> em duelo com Nhum  
 (CP1) <bater> em ferro frio  
 (CPP) <bater> com o focinho em a porta  
 (CP1) <bater> em o fundo  
 (CP1) <bater> em o fundo do poço  
 (CP1) <bater> em a madeira  
 (CPP) <bater> mal de a bola  
 (CPP) <bater> mal de a cabeça  
 (CPP) <bater> mal de a cachola  
 (CPP) <bater> mal de a pinha  
 (CPP) <bater> com a mão em a mesa  
 (CPP) <bater> com a mão em a testa  
 (CPP) <bater> com o nariz em a porta  
 (CP1) <bater> em o peito  
 (CP1) <bater> a porta  
 (CP1) <bater> a a porta errada  
 (CP1) <bater> a a porta certa  
 (CPP) <bater> com a porta a Nhum  
 (CPP) <bater> com a porta de a cara  
 (CPP) <bater> com os pratos em a cara  
 (CP1) <bater> em retirada  
 (CP1) <bater> em Dem:ms tecla  
 (CPP) <bater> com as trombas em a porta  
 (CPP) <beber> por o mesmo copo de Nhum  
 (CP1) <beber> por a medida grande  
 (CP1) <brincar> com coisas sérias  
 (CP1) <brincar> com o fogo  
 (CPP) <brincar> a os mamãs e a as papás  
 (CPP) <brincar> a os papás e a as mamãs  
 (CP1) <brincar> com a pólvora  
 (CP1) <brincar> em serviço  
 (CP1) <caber> em a cova de um dente  
 (CP1) <caber> em uma mão fechada  
 (CP1) <caber> em uma mão só  
 (CP1) <caber> em uma mão  
 (CP1) <cair> de o ar  
 (CP1) <cair> em uma armadilha  
 (CPN) <cair> em a armadilha  
 (CP1) <cair> em a boca do lobo  
 (CP1) <cair> a os bocados  
 (CPN) <cair> em os braços  
 (CP1) <cair> de a cadeira  
 (CP1) <cair> em cesta rota  
 (CP1) <cair> em cesto roto  
 (CP1) <cair> de o céu  
 (CP1) <cair> em o conto do vigário  
 (CP1) <cair> com os quatro costados  
 (CP1) <cair> de cú  
 (CP1) <cair> em uma estrangeirinha  
 (CPN) <cair> em a estrangeirinha  
 (CPN) <cair> em as garras  
 (CPN) <cair> em o laço  
 (CPN) <cair> em as malhas  
 (CPN) <cair> em as mãos  
 (CPP) <cair> de a panela para a frigideira  
 (CP1) <cair> a os pedaços  
 (CP1) <cair> de Pos:ms pedestal  
 (CPN) <cair> a os pés  
 (CP1) <cair> de podre  
 (CP1) <cair> de o poleiro  
 (CPP) <cair> de quatro por Nhum  
 (CP1) <cair> em uma ratoeira  
 (CPN) <cair> em a ratoeira  
 (CPN) <cair> em a rede  
 (CP1) <cair> em tentação  
 (CP1) <cair> por terra  
 (CPN) <cair> em as unhas  
 (CPP) <calhar> em a rifa em Nhum  
 (CPP) <cantar> de as boas a Nhum  
 (CP1) <cantar> de galo  
 (CP1) <cantar> de poleiro  
 (CP1) <carregar> em o acelerador  
 (CP1) <carregar> em as cores  
 (CPN) <carregar> com as culpas  
 (CP1) <carregar> em o prego  
 (CP1) <carregar> em as tintas  
 (CP1) <chamar> por o Gregório  
 (CP1) <chegar> para os alfinetes  
 (CPP) <chegar> a as boas com Nhum  
 (CP1) <chegar> a bom porto  
 (CP1) <chegar> a os bons  
 (CPN) <chegar> a os calcanhares  
 (CP1) <chegar> a o céu  
 (CP1) <chegar> para a cova de um dente  
 (CP1) <chegar> para as encomendas  
 (CPP) <chegar> a a fala com Nhum  
 (CP1) <chegar> a o fim  
 (CP1) <chegar> a o fundo  
 (CP1) <chegar> a o fundo da questão  
 (CP1) <chegar> a o fundo do poço  
 (CPN) <chegar> a as mãos  
 (CP1) <chegar> para o susto  
 (CP1) <chegar> para o tabaco  
 (CPP) <chegar> a vias de facto com Nhum  
 (CP1) <cheirar> a chamusco  
 (CP1) <cheirar> a esturro  
 (CP1) <cheirar> a fogo  
 (CP1) <chorar> sobre o leite derramado  
 (CPN) <chorar> em o ombro  
 (CP1) <chover> em o molhado  
 (CP1) <chuchar> em o dedo  
 (CP1) <cingir> a os factos  
 (CP1) <cismar> com a morte da bezerra  
 (CP1) <cismar> em a morte da bezerra  
 (CP1) <começar> de a estaca zero  
 (CP1) <começar> com a ladainha  
 (CP1) <começar> de o nada  
 (CP1) <começar> de o ponto zero  
 (CP1) <começar> de o zero  
 (CPP) <comer> em a cabeça Nhum  
 (CPP) <comer> em a cachola Nhum  
 (CPP) <comer> em a cara Nhum  
 (CP1) <comer> de o coco  
 (CP1) <comer> em o coco  
 (CPP) <comer> em o coirão Nhum  
 (CPP) <comer> em o focinho Nhum  
 (CPP) <comer> de a mesma gamela com Nhum  
 (CP1) <comer> por a medida grande  
 (CPP) <comer> de o mesmo prato de Nhum  
 (CPP) <comer> em o mesmo tacho de Nhum  
 (CPP) <comer> em o toutiço Nhum

(CP1) <comer> em as trombas  
 (CPP) <comer> em as trombas Nhum  
 (CPP) <contar> com o ovo em o cú da galinha  
 (CP1) <contar> sapatos de defunto  
 (CPP) <contentar> a gregos e troianos  
 (CPP) <contentar> a gregos e a troianos  
 (CP1) <conversar> com os botões  
 (CP1) <conversar> com Pos:mp botões  
 (CP1) <conversar> com Pos:mp próprios botões  
 (CP1) <conversar> com a garrafa  
 (CP1) <conversar> com o travesseiro  
 (CP1) <correr> para a cabeça do touro  
 (CP1) <correr> para a cornos do boi  
 (CP1) <correr> para os cornos do touro  
 (CPP) <correr> de Herodes para Pilatos  
 (CP1) <correr> para o torto  
 (CPN) <cortar> em a casaca  
 (CP1) <cortar> em as despesas  
 (CPN) <crecer> a os olhos  
 (CP1) <cumprir> com Pos:fs palavra  
 (CP1) <cumprir> com a palavra dada  
 (CPN) <cuspir> em a cara  
 (CP1) <dar> por <achado>  
 (CP1) <dar> com ela  
 (CP1) <dar> em <fina>  
 (CP1) <dar> de Obl  
 (CP1) <dar> por Obl  
 (CP1) <dar> por <vencido>  
 (CP1) <dar> para os alfinetes  
 (CPP) <dar> a o badalo com Nhum  
 (CP1) <dar> a as botas  
 (CPP) <dar> com os burrinhos em a água  
 (CPP) <dar> com os burros em a água  
 (CP1) <dar> a os butes  
 (CPN) <dar> em a cabeça  
 (CPP) <dar> com a cabeça em as paredes  
 (CPN) <dar> em a cachola  
 (CP1) <dar> a os calcanhares  
 (CPP) <dar> com os calcanhares em o cú  
 (CP1) <dar> a as canelas  
 (CP1) <dar> a as canetas  
 (CPN) <dar> em a cara  
 (CPP) <dar> com a cara em a porta  
 (CPN) <dar> em o coirão  
 (CP1) <dar> com a coisa  
 (CPP) <dar> com os cornos em a parede  
 (CP1) <dar> a a costa  
 (CPP) <dar> com os costados em a NLoc  
 (CP1) <dar> para a cova de um dente  
 (CP1) <dar> a o dedo  
 (CP1) <dar> a o dente  
 (CP1) <dar> por ela  
 (CP1) <dar> para as encomendas  
 (CPP) <dar> com a focinha em a porta  
 (CPN) <dar> em o focinho  
 (CPP) <dar> com o focinho em a porta  
 (CP1) <dar> de frosques  
 (CP1) <dar> para os gastos  
 (CP1) <dar> por isso  
 (CP1) <dar> para os dois lados  
 (CP1) <dar> a a língua  
 (CPP) <dar> a a língua com Nhum  
 (CPP) <dar> com a língua em os dentes  
 (CP1) <dar> em nada  
 (CPP) <dar> com o nariz em a porta  
 (CPP) <dar> com o nariz em terra  
 (CPP) <dar> com os olhos em Nhum  
 (CP1) <dar> a o pé  
 (CP1) <dar> a a perna  
 (CPP) <dar> com os pés a o Nhum  
 (CPP) <dar> com a porta em a cara  
 (CPP) <dar> com os pratos em a cara  
 (CP1) <dar> a o queixo  
 (CP1) <dar> a os queixos  
 (CP1) <dar> a o rabo  
 (CP1) <dar> em seco  
 (CP1) <dar> a o slide  
 (CP1) <dar> a a sola  
 (CP1) <dar> para o susto  
 (CP1) <dar> para o tabaco  
 (CPP) <dar> com uma tampa a Nhum  
 (CP1) <dar> para o torto  
 (CPN) <dar> em o touthço  
 (CPP) <dar> para trás a Nhum  
 (CPN) <dar> em as trombas  
 (CPP) <dar> com as trombas em a porta  
 (CP1) <dar> a a unha  
 (CPP) <dar> com as ventas em o chão  
 (CP1) <dar> em as vistas  
 (CP1) <debulhar> em lágrimas  
 (CP1) <deitar> com as galinhas  
 (CP1) <desaparecer> de o mapa  
 (CPP) <descer> de cavalo para burro  
 (CPN) <descer> em a consideração  
 (CP1) <descer> a a cova  
 (CP1) <descer> de Pos:ms pedestal  
 (CP1) <descer> de o salto  
 (CP1) <descer> a a sepultura  
 (CP1) <descer> a a terra  
 (CP1) <descer> a o túmulo  
 (CPP) <desfazer> em elogios a Nhum  
 (CP1) <desfazer> em fumaça  
 (CP1) <desfazer> em fumo  
 (CP1) <desfazer> em lágrimas  
 (CP1) <desfazer> em um pranto  
 (CP1) <desfazer> em prantos  
 (CP1) <disparar> em todas as direcções  
 (CP1) <disparar> para todos os lados  
 (CPP) <dizer> de as boas a Nhum  
 (CP1) <dobrar> a a evidência  
 (CP1) <dormir> sobre o assunto  
 (CP1) <dormir> com as galinhas  
 (CP1) <dormir> com o inimigo  
 (CP1) <dormir> sobre os louros  
 (CP1) <dormir> em pé  
 (CP1) <dormir> debaixo de a ponte  
 (CP1) <dormir> em a rua  
 (CP1) <embandeirar> em arco  
 (CP1) <embarcar> em altas cavalarias  
 (CP1) <emprenhar> por os ouvidos  
 (CP1) <enfiar> debaixo de as saias da mãe  
 (CP1) <enfiar> sob as saias da mãe  
 (CP1) <engolir> em seco  
 (CP1) <engravidar> por os ouvidos  
 (CP1) <entender> de o assunto  
 (CP1) <entender> de a coisa  
 (CP1) <entender> de o ofício  
 (CP1) <entender> de a poda

(CP1) <entrar> em altas cavalarias  
 (CP1) <entrar> em campo  
 (CP1) <entrar> em cena  
 (CP1) <entrar> para o clube dos casados  
 (CP1) <entrar> para o clube dos divorciados  
 (CP1) <entrar> em a dança  
 (CP1) <entrar> em detalhes  
 (CP1) <entrar> em jogo  
 (CPN) <entrar> em o jogo  
 (CP1) <entrar> por a porta da frente  
 (CP1) <entrar> por a porta de trás  
 (CP1) <entrar> por a porta do cavalo  
 (CP1) <entrar> por a porta dos fundos  
 (CP1) <erguer> de as cinzas  
 (CP1) <errar> em o alvo  
 (CP1) <escapar> de boa  
 (CP1) <espalhar> a o comprido  
 (CP1) <esperar> por Pos:fs hora  
 (CP1) <esperar> por sapatos de defunto  
 (CPP) <estar> bom de a bola  
 (CPP) <estar> bom de a cabeça  
 (CPP) <estar> bom de a cachola  
 (CP1) <estar> em Pos:fp mãos  
 (CPP) <estar> de nariz para o ar  
 (CP1) <estar> entre nós  
 (CPP) <estar> com os pés para a cova  
 (CP1) <estar> a a porta  
 (CPP) <estar> em as tintas para Nhum  
 (CP1) <esvair> em fumaça  
 (CP1) <esvair> em fumo  
 (CP1) <esvanecer> em fumaça  
 (CP1) <esvanecer> em fumo  
 (CP1) <falar> por <ProPes:O>  
 (CP1) <falar> por <ProPes:O>  
 (CPN) <falar> por a boca  
 (CP1) <falar> com Pos:mp botões  
 (CP1) <falar> com Pos:mp próprios botões  
 (CP1) <falar> em o botões  
 (CP1) <falar> para o botões  
 (CP1) <falar> para as botões  
 (CPN) <falar> a o coração  
 (CPN) <falar> em as costas  
 (CP1) <falar> por os cotovelos  
 (CP1) <faltar> a a chamada  
 (CP1) <faltar> a Pos:fs palavra  
 (CP1) <faltar> a a palavra dada  
 (CP1) <faltar> a Pos:fs promessa  
 (CP1) <faltar> a a promessa feita  
 (CP1) <faltar> a a verdade  
 (CP1) <fazer> por Obl  
 (CP1) <fazer> de as Pos:fp  
 (CP1) <fazer> de <rogado>  
 (CP1) <fazer> de <tio>  
 (CP1) <fazer> a o bife  
 (CP1) <fazer> a a estrada  
 (CP1) <fazer> de grande  
 (CP1) <fazer> de Lucas  
 (CP1) <fazer> a o mar  
 (CPP) <fazer> a o piso a Nhum  
 (CP1) <fazer> a a pista  
 (CP1) <fazer> a a vida  
 (CP1) <fazer> por a vida  
 (CP1) <fechar> em Obl<mesmo>  
 (CP1) <fechar> em Obl<próprio>

(CP1) <fechar> em casa  
 (CP1) <fechar> em a concha  
 (CP1) <fechar> em copas  
 (CP1) <ferrar> em o sono  
 (CP1) <ferver> em pouca água  
 (CP1) <ferver> em lume brando  
 (CP1) <ficar> em os cornos do touro  
 (CPP) <ficar> de emenda a a Nhum  
 (CP1) <ficar> para a História  
 (CP1) <fugir> a o assunto  
 (CP1) <fugir> a a conversa  
 (CP1) <fugir> por a porta trás  
 (CPP) <fugir> com o rabo a a seringa  
 (CP1) <fugir> a a regra  
 (CP1) <fugir> a o tema  
 (CP1) <fugir> a a verdade  
 (CP1) <ganhar> para os alfinetes  
 (CP1) <ganhar> para o susto  
 (CP1) <ganhar> para o tabaco  
 (CP1) <ganhar> para o tacho  
 (CP1) <gitar> sobre os calcanhares  
 (CP1) <gostar> de curvas  
 (CP1) <gritar> por socorro  
 (CP1) <insistir> em a mesma tecla  
 (CPP) <ir> por água abaixo  
 (CPN) <ir> a a aldeia  
 (CP1) <ir> para os anjinhos  
 (CP1) <ir> a o ar  
 (CP1) <ir> a o ar  
 (CP1) <ir> a o ar  
 (CP1) <ir> para o ar  
 (CP1) <ir> a os arames  
 (CP1) <ir> por os ares  
 (CP1) <ir> de barco  
 (CP1) <ir> para o beléleu  
 (CP1) <ir> para bom lugar  
 (CP1) <ir> para um bom lugar  
 (CP1) <ir> por Pos:fs cabeça  
 (CP1) <ir> por Pos:fs própria cabeça  
 (CPN) <ir> por a cabeça  
 (CP1) <ir> para a cabeça do touro  
 (CP1) <ir> às do o cabo  
 (CP1) <ir> a o cabo do mundo  
 (CPP) <ir> a o cabo do mundo com Nhum  
 (CPP) <ir> de Caifás para Pilatos  
 (CP1) <ir> para os calabouços  
 (CPP) <ir> para a cama com Nhum  
 (CPN) <ir> a o canastro  
 (CPN) <ir> em a cantiga  
 (CP1) <ir> em cantigas  
 (CP1) <ir> com duas cantigas  
 (CPN) <ir> em a cantilena  
 (CPN) <ir> a a cara  
 (CPN) <ir> com a cara  
 (CP1) <ir> para o caralho  
 (CP1) <ir> de carrinho  
 (CP1) <ir> a a casa de banho  
 (CP1) <ir> a a casinha  
 (CP1) <ir> a o castigo  
 (CPP) <ir> de cavalo para burro  
 (CP1) <ir> para o Céu  
 (CP1) <ir> a o chão  
 (CP1) <ir> para a choldra  
 (CP1) <ir> para a cidade dos pés juntos

(CPN) <ir> a o coirão  
(CP1) <ir> em o conto do vigário  
(CPN) <ir> em a conversa  
(CP1) <ir> em conversas  
(CPN) <ir> a os cornos  
(CP1) <ir> para a cornos do boi  
(CP1) <ir> para os cornos do touro  
(CP1) <ir> contra a corrente  
(CPN) <ir> a o cú  
(CP1) <ir> para as cucuias  
(CPP) <ir> a despacho a Nhum  
(CP1) <ir> para o Diabo  
(CP1) <ir> por diante  
(CPN) <ir> em o encaço  
(CPP) <ir> de esta para melhor  
(CPN) <ir> em a esteira  
(CP1) <ir> a a faca  
(CP1) <ir> de férias  
(CP1) <ir> de fim de semana  
(CP1) <ir> até a o fim do mundo  
(CPN) <ir> em a fita  
(CPN) <ir> a o focinho  
(CP1) <ir> para fora  
(CP1) <ir> em frente  
(CPN) <ir> a a fronha  
(CPN) <ir> a as fuças  
(CP1) <ir> a o fundo  
(CP1) <ir> a o fundo da questão  
(CP1) <ir> a o fundo do poço  
(CP1) <ir> para o galheiro  
(CPP) <ir> de Herodes para Pilatos  
(CP1) <ir> para o jardim das tabuletas  
(CPP) <ir> lá fora  
(CPP) <ir> lá para fora  
(CP1) <ir> a a liça  
(CPN) <ir> de licença de maternidade  
(CPN) <ir> de licença de parto  
(CPN) <ir> de licença de parternidade  
(CP1) <ir> de licença graciosa  
(CP1) <ir> de licença sabática  
(CP1) <ir> a a luta  
(CPP) <ir> de mal a pior  
(CP1) <ir> para o maneta  
(CP1) <ir> a o mar  
(CP1) <ir> contra a maré  
(CP1) <ir> para o matadouro  
(CP1) <ir> a as meninas  
(CP1) <ir> a a merda  
(CP1) <ir> a as nuvens  
(CP1) <ir> em a onda  
(CP1) <ir> para o outro mundo  
(CP1) <ir> a a parede  
(CP1) <ir> por partes  
(CP1) <ir> por Pos:ms próprio pé  
(CPN) <ir> a o pelo  
(CP1) <ir> para a pildra  
(CP1) <ir> para a priza  
(CP1) <ir> a as putas  
(CP1) <ir> para a quinta das tabuletas  
(CP1) <ir> para os quintos dos infernos  
(CPN) <ir> a reboque  
(CP1) <ir> a a rua  
(CP1) <ir> para a rua  
(CP1) <ir> para a rua  
(CP1) <ir> de sabática  
(CPP) <ir> com muita sede a o pote  
(CP1) <ir> para o sétimo céu  
(CP1) <ir> a o tapete  
(CP1) <ir> a terra  
(CP1) <ir> a a terra  
(CPN) <ir> a a terra  
(CP1) <ir> a todas  
(CPN) <ir> a as trombas  
(CPP) <ir> de vento em popa  
(CP1) <ir> a a vida  
(CP1) <ir> a a vida  
(CP1) <ir> às de Vila Diogo  
(CP1) <ir> a a viola  
(CP1) <ir> para o xadrez  
(CP1) <ir> para o xilindró  
(CP1) <jogar> com o baralho todo  
(CP1) <jogar> para os dois lados  
(CP1) <jogar> em língua de palmo  
(CP1) <jogar> em o moinhos de vento  
(CP1) <jogar> com um pau de dois bicos  
(CP1) <jogar> a príncipe encantado  
(CP1) <jogar> a a roleta russa  
(CP1) <jogar> por o seguro  
(CP1) <levantar> de as cinzas  
(CP1) <levantar> com as estrelas  
(CP1) <levantar> com as galinhas  
(CP1) <levantar> com o galo  
(CP1) <levantar> com o sol  
(CP1) <levar> em a bilha  
(CP1) <levar> em o bujão  
(CPP) <levar> em a cabeça de Nhum  
(CPP) <levar> em a cachola de Nhum  
(CP1) <levar> em a cara  
(CPP) <levar> em a cara de Nhum  
(CPP) <levar> em o coirão de Nhum  
(CP1) <levar> em os cornos  
(CPP) <levar> em os cornos de Nhum  
(CP1) <levar> em o cú  
(CP1) <levar> em a focinha  
(CP1) <levar> em o focinho  
(CPP) <levar> em o focinho de Nhum  
(CPP) <levar> em as fuças de Nhum  
(CPP) <levar> por a mesma medida de Nhum  
(CP1) <levar> em as orelhas  
(CPP) <levar> em o toutiço de Nhum  
(CP1) <levar> em as trombas  
(CPP) <levar> em as trombas de Nhum  
(CP1) <livrar> de boa  
(CP1) <lutar> contra a corrente  
(CP1) <lutar> contra a maré  
(CP1) <lutar> com moinhos de vento  
(CP1) <lutar> contra moinhos de vento  
(CP1) <malhar> em centeio verde  
(CP1) <malhar> em ferro frio  
(CPP) <malhar> com os ossos em o chão  
(CPP) <malhar> com os ossos em a choça  
(CP1) <mandar> a o ar  
(CPP) <marinhar> por as paredes acima  
(CP1) <martelar> em a mesma tecla  
(CP1) <meter> em altas cavalarias  
(CP1) <meter> em a boca do lobo  
(CP1) <meter> em os copos  
(CP1) <meter> debaixo de as saias da mãe

(CP1) <meter> sob as saias da mãe  
 (CP1) <meter> em trabalhos  
 (CPN) <meter> em a vida  
 (CPN) <mexer> em a ferida  
 (CPN) <mexer> com a vida  
 (CPP) <morrer> de amor por Nhum  
 (CPP) <morrer> de amores por Nhum  
 (CP1) <morrer> para o mundo  
 (CP1) <morrer> em a praia  
 (CPP) <mudar> de a água para o vinho  
 (CP1) <mudar> de ares  
 (CPP) <mudar> de cavalo para burro  
 (CP1) <mudar> de conversa  
 (CP1) <mudar> de cor  
 (CP1) <mudar> de estado civil  
 (CP1) <mudar> de figura  
 (CP1) <mudar> de mão  
 (CP1) <mudar> de tom  
 (CP1) <mudar> de vida  
 (CP1) <nadar> contra a corrente  
 (CP1) <nadar> em dinheiro  
 (CP1) <nadar> contra a maré  
 (CP1) <nadar> em ouro  
 (CP1) <nadar> em seco  
 (CP1) <nascer> em berço de ouro  
 (CPP) <nascer> com uma estrela em a testa  
 (CP1) <navegar> entre duas águas  
 (CP1) <navegar> em águas  
 (CP1) <navegar> em águas turvas  
 (CP1) <navegar> contra a maré  
 (CP1) <navegar> entre duas marés  
 (CP1) <olhar> para dentro  
 (CP1) <olhar> a despesas  
 (CP1) <olhar> para o dia de amanhã  
 (CP1) <olhar> a meios  
 (CP1) <olhar> para ontem  
 (CP1) <olhar> para trás  
 (CP1) <olhar> para Pos:ms umbigo  
 (CP1) <olhar> para Pos:ms próprio umbigo  
 (CP1) <pagar> com língua de palmo  
 (CPP) <pagar> em a mesma moeda a Nhum  
 (CP1) <pagar> por Pos:mp pecados  
 (CP1) <partir> para os anjinhos  
 (CP1) <partir> de a estaca zero  
 (CP1) <partir> para o outro mundo  
 (CP1) <partir> de o nada  
 (CP1) <partir> para outra  
 (CP1) <partir> de o ponto zero  
 (CP1) <partir> de o zero  
 (CP1) <passar> de a cabeça  
 (CP1) <passar> de os carretos  
 (CPP) <passar> de cavalo para burro  
 (CP1) <passar> de a cepa torta  
 (CP1) <passar> para o clube dos casados  
 (CP1) <passar> para o clube dos divorciados  
 (CP1) <passar> de a conta  
 (CP1) <passar> em o estreito  
 (CP1) <passar> a a história  
 (CP1) <passar> para o outro lado  
 (CP1) <passar> de os limites  
 (CPN) <passar> por as mãos  
 (CP1) <passar> de as marcas  
 (CP1) <passar> de a marmita  
 (CP1) <passar> de as medidas  
 (CP1) <passar> para o outro mundo  
 (CPP) <passar> das as palavras a os actos  
 (CPP) <passar> de pato a ganso  
 (CP1) <passar> a a posteridade  
 (CP1) <passar> de o prazo  
 (CP1) <passar> a a reserva  
 (CP1) <passar> de a tramontana  
 (CPP) <passar> a vias de facto com Nhum  
 (CPP) <passar> de o vinho a o vinagre  
 (CPP) <pedir> a Deus e a o Diabo  
 (CP1) <pedir> a as portas todas  
 (CP1) <pedir> por socorro  
 (CP1) <pegar> em a deixa  
 (CPN) <pegar> em a palavra  
 (CP1) <pegar> em o sono  
 (CPN) <pensar> por a cabeça  
 (CP1) <pensar> em o dia de amanhã  
 (CP1) <pensar> em o futuro  
 (CP1) <pensar> em a morte da bezerra  
 (CP1) <pensar> em Pos:ms umbigo  
 (CP1) <pensar> em Pos:ms próprio umbigo  
 (CP1) <perceber> de o assunto  
 (CP1) <perceber> de a coisa  
 (CP1) <perceber> de o ofício  
 (CP1) <perceber> de a poda  
 (CPP) <perder> a os pontos a Nhum  
 (CP1) <pesar> em a balança  
 (CP1) < pescar> em águas turvas  
 (CPN) <pisar> em os calos  
 (CP1) <pisar> em galho seco  
 (CP1) <pisar> em ramo verde  
 (CP1) <pôr> em a alheta  
 (CP1) <pôr> em bicos de pés  
 (CP1) <pôr> a o fresco  
 (CP1) <pôr> a o largo  
 (CP1) <pôr> debaixo de as saias da mãe  
 (CP1) <pôr> sob as saias da mãe  
 (CP1) <precisar> de uma lição  
 (CP1) <precisar> de óculos  
 (CP1) <precisar> de uns óculos  
 (CP1) <precisar> de uns óculos mais fortes  
 (CP1) <pregar> em o deserto  
 (CP1) <proteger> sob as saias da mãe  
 (CP1) <proteger> sob as saias da mãe  
 (CPN) <puxar> por os cordões da bolsa  
 (CPP) <puxar> por os cordões a a bolsa  
 (CPP) <puxar> de os cordões a a bolsa  
 (CPN) <puxar> por a língua  
 (CP1) <recolher> a penantes  
 (CP1) <recolher> a penates  
 (CP1) <recomeçar> de a estaca zero  
 (CP1) <recomeçar> de o nada  
 (CP1) <recomeçar> de o ponto zero  
 (CP1) <recomeçar> de o zero  
 (CPN) <reger> por a cabeça  
 (CP1) <regressar> a o ar  
 (CP1) <regressar> a a carga  
 (CP1) <regressar> a a estaca zero  
 (CP1) <regressar> a a estrada  
 (CP1) <regressar> a penantes  
 (CP1) <regressar> a penates  
 (CPP) <regular> bem de a bola  
 (CPP) <regular> bem de a cabeça  
 (CPP) <regular> bem de a cachola



(CP1) <ver> a o longe  
(CPP) <ver> mal a o longe  
(CPP) <ver> mal a o perto  
(CP1) <ver> a o perto  
(CP1) <vergar> a a evidência  
(CP1) <vir> a Obl  
(CPP) <vir> por água abaixo  
(CPP) <vir> por aí abaixo  
(CP1) <vir> a a baila  
(CPP) <vir> a as boas com Nhum  
(CPP) <vir> de cavalo para burro  
(CP1) <vir> a a liça  
(CP1) <vir> a lume  
(CP1) <vir> em o mapa  
(CP1) <vir> a o mundo  
(CP1) <vir> de o nada  
(CP1) <vir> em o pacote  
(CP1) <vir> por Pos:ms próprio pé  
(CP1) <vir> a público  
(CP1) <vir> a terreiro  
(CP1) <vir> a terreiro  
(CP1) <viver> de as aparências  
(CP1) <viver> de aparências  
(CP1) <viver> para as aparências  
(CP1) <viver> de o ar  
(CPN) <viver> por conta  
(CPN) <viver> a a custa  
(CP1) <viver> de a graça de Deus

(CP1) <viver> em o melhor dos mundos  
(CP1) <viver> em o mundo da lua  
(CPP) <viver> de papo para o ar  
(CP1) <viver> de os rendimentos  
(CP1) <viver> em a rua  
(CPN) <viver> a a sombra  
(CPN) <viver> em a sombra  
(CPP) <viver> debaixo de o mesmo tecto de Nhum  
(CP1) <voar> por os ares  
(CP1) <voltar> a Obl  
(CP1) <voltar> a o antigamente  
(CP1) <voltar> a o ar  
(CP1) <voltar> a o assunto  
(CP1) <voltar> a a baila  
(CP1) <voltar> a a carga  
(CP1) <voltar> a o castigo  
(CP1) <voltar> a a estaca zero  
(CP1) <voltar> de a estaca zero  
(CP1) <voltar> a a estrada  
(CP1) <voltar> a lume  
(CP1) <voltar> a a luta  
(CPP) <voltar> com a palavra atrás  
(CP1) <voltar> a o tempo da outra senhora  
(CP1) <voltar> a o tempo da vaca fria  
(CP1) <voltar> a o tempo das vacas gordas  
(CP1) <voltar> para trás

## 2. ÍNDICE DE ELEMENTOS C

Ordenação alfabética em primeiro lugar pelo elemento C, depois por V e finalmente pelo código da classe; no caso da classe CPP, as entradas figuram duas vezes, uma vez por cada elemento C e estes são então ordenados alfabeticamente; as entradas em que C não tem elemento lexical expresso foram removidas; as contracções foram desfeitas; os elementos lexicais entre parênteses angulares podem flexionar.

(CP1) <achado>	<dar> por <achado>	(CP1) aparências	<viver> de as aparências
(CP1) <fina>	<dar> em <fina>	(CP1) aparências	<viver> de aparências
(CP1) <parvo>	<armar> em <parvo>	(CP1) aparências	<viver> para as aparências
(CP1) Obl	<dar> de Obl	(CP1) ar	<amandar> a o ar
(CP1) Obl	<dar> por Obl	(CP1) ar	<atirar> a o ar
(CP1) Obl	<falar> por Obl	(CP1) ar	<cair> de o ar
(CP1) Obl	<falar> por Obl	(CPP) ar	<estar> de nariz para o ar
(CP1) Obl	<fazer> por Obl	(CP1) ar	<ir> a o ar
(CP1) Obl	<fechar> em Obl <mesmo>	(CP1) ar	<ir> a o ar
(CP1) Obl	<fechar> em Obl <próprio>	(CP1) ar	<ir> a o ar
(CP1) Obl	<vir> a Obl	(CP1) ar	<ir> para o ar
(CP1) Obl	<voltar> a Obl	(CP1) ar	<mandar> a o ar
(CP1) Pos:fp	<fazer> de as Pos:fp	(CP1) ar	<regressar> a o ar
(CP1) <rogado>	<fazer> de <rogado>	(CP1) ar	<retornar> a o ar
(CP1) <tio>	<armar> em <tio>	(CP1) ar	<viver> de o ar
(CP1) <tio>	<fazer> de <tio>	(CPP) ar	<viver> de papo para o ar
(CP1) <vedeta>	<armar> em <vedeta>	(CP1) ar	<voltar> a o ar
(CP1) <vencido>	<dar> por <vencido>	(CP1) arames	<ir> a os arames
(CPP) abaixo	<ir> por água abaixo	(CP1) arco	<embandeirar> em arco
(CPP) abaixo	<vir> por água abaixo	(CP1) ares	<ir> por os ares
(CPP) abaixo	<vir> por aí abaixo	(CP1) ares	<mudar> de ares
(CP1) acelerador	<carregar> em o acelerador	(CP1) ares	<voar> por os ares
(CPP) acima	<amarinhar> por as paredes acima	(CP1) armadilha	<cair> em uma armadilha
(CPP) acima	<marinhar> por as paredes acima	(CPN) armadilha	<cair> em a armadilha
(CPP) acima	<subir> por as paredes acima	(CP1) armário	<sair> de o armário
(CPP) acima	<trepar> por as paredes acima	(CP1) assunto	<dormir> sobre o assunto
(CPP) actos	<passar> das as palavras a os actos	(CP1) assunto	<entender> de o assunto
(CPP) água	<andar> com a carinha em a água	(CP1) assunto	<fugir> a o assunto
(CPP) água	<dar> com os burrinhos em a água	(CP1) assunto	<perceber> de o assunto
(CPP) água	<dar> com os burros em a água	(CP1) assunto	<saber> de o assunto
(CP1) água	<ferver> em pouca água	(CP1) assunto	<voltar> a o assunto
(CPP) água	<ir> por água abaixo	(CPP) atrás	<voltar> com a palavra atrás
(CPP) água	<mudar> de a água para o vinho	(CPP) badalo	<dar> a o badalo com Nhum
(CPP) água	<vir> por água abaixo	(CP1) baila	<tornar> a a baila
(CP1) águas	<navegar> entre duas águas	(CP1) baila	<vir> a a baila
(CP1) águas	<navegar> em águas	(CP1) baila	<voltar> a a baila
(CP1) águas	<pescar> em águas turvas	(CP1) balança	<pesar> em a balança
(CP1) águas	<navegar> em águas turvas	(CP1) baliza	<acertar> em a baliza
(CP1) águas de rosa	<banhar> em águas de rosa	(CP1) baralho todo	<jogar> com o baralho todo
(CPP) aí	<vir> por aí abaixo	(CP1) barco	<ir> de barco
(CPN) aldeia	<ir> a a aldeia	(CP1) barra	<acertar> em a barra
(CP1) alfinetes	<chegar> para os alfinetes	(CP1) barreira	<acertar> em a barreira
(CP1) alfinetes	<dar> para os alfinetes	(CP1) beléleu	<ir> para o beléleu
(CP1) alfinetes	<ganhar> para os alfinetes	(CPP) bem	<bater> bem de a bola
(CP1) alheta	<pôr> em a alheta	(CPP) bem	<bater> bem de a cachimónia
(CP1) altas cavalarias	<embarcar> em altas cavalarias	(CPP) bem	<bater> bem de o juízo
(CP1) altas cavalarias	<entrar> em altas cavalarias	(CPP) bem	<bater> bem de a mona
(CP1) altas cavalarias	<meter> em altas cavalarias	(CPP) bem	<bater> bem de a tola
(CP1) alvo	<acertar> em o alvo	(CPP) bem	<regular> bem de a bola
(CP1) alvo	<errar> em o alvo	(CPP) bem	<regular> bem de a cabeça
(CPP) amor	<morrer> de amor por Nhum	(CPP) bem	<regular> bem de a cachola
(CPP) amores	<morrer> de amores por Nhum	(CPP) bem	<regular> bem de a caixa dos parafusos
(CP1) anjinhos	<ir> para os anjinhos	(CPP) bem	<regular> bem de a pinha
(CP1) anjinhos	<partir> para os anjinhos	(CPP) bem	<ver> bem a o longe
(CP1) anonimato	<sair> de o anonimato	(CPP) bem	<ver> bem a o perto
(CP1) antigamente	<voltar> a o antigamente	(CP1) berço de ouro	<nascer> em berço de ouro

(CP1) bicos de pés	<pôr> em bicos de pés	(CPP) cabeça	<estar> bom de a cabeça
(CP1) bife	<fazer> a o bife	(CP1) cabeça	<ir> por Pos:fs cabeça
(CP1) bilha	<levar> em a bilha	(CP1) cabeça	<ir> por Pos:fs própria cabeça
(CP1) boa	<escapar> de boa	(CPN) cabeça	<ir> por a cabeça
(CP1) boa	<livrar> de boa	(CPP) cabeça	<levar> em a cabeça de Nhum
(CP1) boa	<safar> de boa	(CP1) cabeça	<passar> de a cabeça
(CPP) boas	<cantar> de as boas a Nhum	(CPN) cabeça	<pensar> por a cabeça
(CPP) boas	<chegar> a as boas com Nhum	(CPN) cabeça	<reger> por a cabeça
(CPP) boas	<dizer> de as boas a Nhum	(CP1) cabeça	<regular> de a cabeça
(CPP) boas	<vir> a as boas com Nhum	(CPP) cabeça	<regular> bem de a cabeça
(CPN) boca	<falar> por a boca	(CPP) cabeça	<regular> mal de a cabeça
(CP1) boca do lobo	<cair> em a boca do lobo	(CP1) cabeça	<sofrer> de a cabeça
(CP1) boca do lobo	<meter> de a boca do lobo	(CPN) cabeça	<subir> a a cabeça
(CP1) bocados	<cair> a os bocados	(CP1) cabeça do touro	<correr> para a cabeça do touro
(CP1) bola	<acertar> em a bola	(CP1) cabeça do touro	<ir> para a cabeça do touro
(CPP) bola	<bater> bem de a bola	(CP1) cabeça do touro	<saltar> para a cabeça do touro
(CPP) bola	<bater> mal de a bola	(CP1) cabo	<ir> às de o cabo
(CPP) bola	<estar> bom de a bola	(CP1) cabo do mundo	<ir> a o cabo do mundo
(CP1) bola	<regular> de a bola	(CPP) cabo do mundo	<ir> a o cabo do mundo com Nhum
(CP1) bola	<regular> de a bola	(CPP) cachimónia	<bater> bem de a cachimónia
(CPP) bola	<regular> bem de a bola	(CP1) cachimónia	<sofrer> de a cachimónia
(CPP) bola	<regular> mal de a bola	(CPP) cachola	<apanhar> em a cachola de Nhum
(CP1) bola	<sofrer> de a bola	(CPP) cachola	<apanhar> em a cachola de Nhum
(CPP) bolsa	<abrir> de os cordões a a bolsa	(CPP) cachola	<bater> mal de a cachola
(CPP) bolsa	<puxar> por os cordões a a bolsa	(CPP) cachola	<comer> em a cachola Nhum
(CPP) bolsa	<puxar> de os cordões a a bolsa	(CPN) cachola	<dar> em a cachola
(CPP) bom	<estar> bom de a bola	(CPP) cachola	<estar> bom de a cachola
(CPP) bom	<estar> bom de a cabeça	(CPP) cachola	<levar> em a cachola de Nhum
(CPP) bom	<estar> bom de a cachola	(CP1) cachola	<regular> de a cachola
(CP1) bom lugar	<ir> para bom lugar	(CPP) cachola	<regular> bem de a cachola
(CP1) bom lugar	<ir> para um bom lugar	(CPP) cachola	<regular> mal de a cachola
(CP1) bom porto	<chegar> a bom porto	(CP1) cachola	<sofrer> de a cachola
(CP1) bons	<chegar> a os bons	(CP1) cadeira	<cair> de a cadeira
(CP1) botas	<dar> a as botas	(CPN) cadeira	<sentar> em a cadeira
(CP1) botões	<conversar> com os botões	(CP1) cágados	<armar> a os cágados
(CP1) botões	<conversar> com Pos:mp botões	(CPP) Caifás	<ir> de Caifás para Pilatos
(CP1) botões	<conversar> com Pos:mp próprios botões	(CPP) caixa dos parafusos	<regular> bem de a caixa dos parafusos
(CP1) botões	<falar> com Pos:mp botões	(CP1) calabouços	<ir> para os calabouços
(CP1) botões	<falar> com Pos:mp próprios botões	(CPP) calcanhares	<bater> com os calcanhares em o cú
(CP1) botões	<falar> em o botões	(CPN) calcanhares	<chegar> a os calcanhares
(CP1) botões	<falar> para o botões	(CP1) calcanhares	<dar> a os calcanhares
(CP1) botões	<falar> para as botões	(CPP) calcanhares	<dar> com os calcanhares em o cú
(CPN) braços	<atirar> para os braços	(CP1) calcanhares	<girar> sobre os calcanhares
(CPN) braços	<cair> em os braços	(CP1) calcanhares	<rodar> sobre os calcanhares
(CP1) bujão	<levar> em o bujão	(CPN) calos	<pisar> em os calos
(CPP) burrinhos	<dar> com os burrinhos em a água	(CPP) cama	<ir> para a cama com Nhum
(CPP) burro	<andar> de cavalo para burro	(CPN) caminho	<sair> de o caminho
(CPP) burro	<descer> de cavalo para burro	(CP1) campo	<entrar> em campo
(CPP) burro	<ir> de cavalo para burro	(CPN) canastro	<ir> a o canastro
(CPP) burro	<mudar> de cavalo para burro	(CP1) canelas	<aguentar> em as canelas
(CPP) burro	<passar> de cavalo para burro	(CP1) canelas	<aguentar> em as canelas
(CPP) burro	<vir> de cavalo para burro	(CPN) canelas	<atirar> a as canelas
(CPP) burros	<dar> com os burros em a água	(CP1) canelas	<dar> a as canelas
(CP1) butes	<dar> a os butes	(CPN) canelas	<saltar> a as canelas
(CPP) cabeça	<andar> com a cabeça a a razão de juro	(CP1) canetas	<aguentar> em as canetas
(CPP) cabeça	<apanhar> em a cabeça de Nhum	(CP1) canetas	<aguentar> em as canetas
(CPP) cabeça	<apanhar> em a cabeça de Nhum	(CP1) canetas	<dar> a as canetas
(CPP) cabeça	<bater> com a cabeça em a parede	(CP1) canetas	<ter> em as canetas
(CPP) cabeça	<bater> com a cabeça em as paredes	(CP1) canetas	<ir> em a cantiga
(CPP) cabeça	<bater> com a cabeça em a porta	(CPN) cantiga	<ir> em cantigas
(CPP) cabeça	<bater> mal de a cabeça	(CP1) cantigas	<ir> com duas cantigas
(CPP) cabeça	<bater> mal de a cabeça	(CP1) cantigas	<ir> em a cantilena
(CPP) cabeça	<comer> em a cabeça Nhum	(CPN) cantilena	<apanhar> em a cara de Nhum
(CPN) cabeça	<dar> em a cabeça	(CPP) cara	<apanhar> em a cara de Nhum
(CPP) cabeça	<dar> com a cabeça em as paredes	(CPP) cara	<apanhar> em a cara de Nhum

(CPP) cara	<bater> com a porta de a cara	(CP1) clube	<passar> para o clube dos casados
(CPP) cara	<bater> com os pratos em a cara	(CP1) clube	<passar> para o clube dos divorciados
(CPP) cara	<comer> em a cara Nhum	(CPP) cobaia	<servir> de cobaia a Nhum
(CPN) cara	<cuspir> em a cara	(CPP) coco	<apanhar> em o coco de Nhum
(CPN) cara	<dar> em a cara	(CP1) coco	<comer> de o coco
(CPP) cara	<dar> com a cara em a porta	(CP1) coco	<comer> em o coco
(CPP) cara	<dar> com a porta em a cara	(CPP) coirão	<apanhar> em o coirão de Nhum
(CPP) cara	<dar> com os pratos em a cara	(CPP) coirão	<apanhar> em o coirão de Nhum
(CPN) cara	<ir> a a cara	(CPP) coirão	<comer> em o coirão Nhum
(CPN) cara	<ir> com a cara	(CPN) coirão	<dar> em o coirão
(CP1) cara	<levar> em a cara	(CPN) coirão	<ir> a o coirão
(CPP) cara	<andar> em a cara de Nhum	(CPP) coirão	<levar> em o coirão de Nhum
(CPN) cara	<rir> em a cara	(CP1) coisa	<dar> com a coisa
(CP1) caralho	<ir> para o caralho	(CP1) coisa	<entender> de a coisa
(CP1) carapau de corrida	<armar> em carapau de corrida	(CP1) coisa	<perceber> de a coisa
(CP1) carga	<regressar> a a carga	(CP1) coisa	<saber> de a coisa
(CP1) carga	<retornar> a a carga	(CP1) coisas	<brincar> com coisas sérias
(CP1) carga	<voltar> a a carga	(CP1) colo	<andar> a o colo com Nhum
(CPP) carinha	<andar> com a carinha em a água	(CP1) comprido	<espalhar> a o comprido
(CP1) carretos	<passar> de os carretos	(CP1) concha	<fechar> em a concha
(CP1) carrinho	<ir> de carrinho	(CP1) concha	<sair> de a concha
(CPP) casa	<andar> com a casa a as costas	(CPN) consideração	<descer> em a consideração
(CP1) casa	<fechar> em casa	(CPN) consideração	<subir> em a consideração
(CPN) casa	<sair> de casa	(CP1) conta	<passar> de a conta
(CP1) casa de banho	<ir> a a casa de banho	(CPN) conta	<viver> por conta
(CPN) casaca	<cortar> em a casaca	(CP1) conto do vigário	<cair> em o conto do vigário
(CP1) casca	<sair> de a casca	(CP1) conto do vigário	<ir> em o conto do vigário
(CP1) casinha	<ir> a a casinha	(CP1) conversa	<fugir> a a conversa
(CP1) castigo	<ir> a o castigo	(CPN) conversa	<ir> em a conversa
(CP1) castigo	<voltar> a o castigo	(CP1) conversa	<mudar> de conversa
(CPP) cavalo	<andar> de cavalo para burro	(CP1) conversas	<ir> em conversas
(CPP) cavalo	<descer> de cavalo para burro	(CP1) copas	<fechar> em copas
(CPP) cavalo	<ir> de cavalo para burro	(CPP) copo	<beber> por o mesmo copo de Nhum
(CPP) cavalo	<mudar> de cavalo para burro	(CP1) copos	<andar> em os copos
(CPP) cavalo	<passar> de cavalo para burro	(CP1) copos	<meter> em os copos
(CPP) cavalo	<vir> de cavalo para burro	(CP1) cor	<mudar> de cor
(CP1) ceguinho	<bater> em o ceguinho	(CPN) coração	<falar> a o coração
(CP1) cena	<entrar> em cena	(CPN) corda sensível	<tocar> em a corda sensível
(CP1) cena	<retirar> de cena	(CPP) cordões	<abrir> de os cordões a a bolsa
(CP1) cena	<sair> de cena	(CPN) cordões	<puxar> por os cordões da bolsa
(CP1) centeio verde	<malhar> em centeio verde	(CPP) cordões	<puxar> por os cordões a a bolsa
(CP1) cepa torta	<passar> de a cepa torta	(CPP) cordões	<puxar> de os cordões a a bolsa
(CP1) cepa torta	<sair> de a cepa torta	(CP1) cores	<carregar> em as cores
(CP1) cesta rota	<cair> em cesta rota	(CPP) cornos	<apanhar> em os cornos de Nhum
(CP1) cesto roto	<cair> em cesto roto	(CPP) cornos	<dar> com os cornos em a parede
(CP1) céu	<cair> de o céu	(CPN) cornos	<ir> a os cornos
(CP1) céu	<chegar> a o céu	(CP1) cornos	<levar> em os cornos
(CP1) Céu	<ir> para o Céu	(CPP) cornos	<levar> em os cornos de Nhum
(CP1) céu	<subir> a o céu	(CP1) cornos do boi	<correr> para a cornos do boi
(CP1) céus	<subir> a os céus	(CP1) cornos do boi	<ir> para a cornos do boi
(CP1) chamada	<faltar> a a chamada	(CP1) cornos do boi	<saltar> para a cornos do boi
(CP1) chamada	<responder> a a chamada	(CP1) cornos do touro	<andar> em os cornos do touro
(CP1) chamusco	<cheirar> a chamusco	(CP1) cornos do touro	<correr> para os cornos do touro
(CPP) chão	<dar> com as ventas em o chão	(CP1) cornos do touro	<ficar> em os cornos do touro
(CP1) chão	<ir> a o chão	(CP1) cornos do touro	<ir> para os cornos do touro
(CPP) chão	<malhar> com os ossos em o chão	(CP1) cornos do touro	<ver> em os cornos do touro
(CPP) choça	<malhar> com os ossos em a choça	(CPN) corpo	<sair> de o corpo
(CP1) choldra	<ir> para a choldra	(CP1) corrente	<ir> contra a corrente
(CP1) cidade dos pés juntos	<ir> para a cidade dos pés juntos	(CP1) corrente	<lutar> contra a corrente
(CP1) cinzas	<erguer> de as cinzas	(CP1) corrente	<nadar> contra a corrente
(CP1) cinzas	<levantar> de as cinzas	(CP1) corrente	<remar> contra a corrente
(CP1) cinzas	<renascer> de as cinzas	(CP1) costa	<dar> a a costa
(CP1) cinzas	<surgir> de as cinzas	(CPP) costados	<bater> com os costados em prisão
(CP1) clube	<entrar> para o clube dos casados	(CP1) costados	<cair> com os quatro costados
(CP1) clube	<entrar> para o clube dos divorciados	(CPP) costados	<dar> com os costados em a NLoc

(CPP) costas	<andar> com a casa a as costas	(CPP) escada	<servir> de escada para Nhum
(CPN) costas	<falar> em as costas	(CPP) esta	<ir> de esta para melhor
(CPN) costas	<rir> em as costas	(CP1) estaca zero	<começar> de a estaca zero
(CP1) costas direitas	<andar> de costas direitas	(CP1) estaca zero	<partir> de a estaca zero
(CP1) cotovelos	<bater> por os cotovelos	(CP1) estaca zero	<recomeçar> de a estaca zero
(CP1) cova	<baixar> a a cova	(CP1) estaca zero	<regressar> a a estaca zero
(CP1) cova	<descer> a a cova	(CP1) estaca zero	<retornar> a a estaca zero
(CPP) cova	<estar> com os pés para a cova	(CP1) estaca zero	<sair> de a estaca zero
(CP1) cova de um dente	<caber> em a cova de um dente	(CP1) estaca zero	<voltar> a a estaca zero
(CP1) cova de um dente	<chegar> para a cova de um dente	(CP1) estaca zero	<voltar> de a estaca zero
(CP1) cova de um dente	<dar> para a cova de um dente	(CP1) estado civil	<mudar> de estado civil
(CPP) cú	<bater> com os calcanhares em o cú	(CPN) esteira	<ir> em a esteira
(CP1) cú	<cair> de cú	(CP1) estrada	<fazer> a a estrada
(CPP) cú	<dar> com os calcanhares em o cú	(CP1) estrada	<regressar> a a estrada
(CPN) cú	<ir> a o cú	(CP1) estrada	<voltar> a a estrada
(CP1) cú	<levar> em o cú	(CP1) estrangeirinha	<cair> em uma estrangeirinha
(CPP) cú da galinha	<contar> com o ovo em o cú da galinha	(CPN) estrangeirinha	<cair> em a estrangeirinha
(CP1) cucos	<armar> a os cucos	(CP1) estreito	<passar> em o estreito
(CP1) cucuias	<ir> para as cucuias	(CPP) estrela	<nascer> com uma estrela em a testa
(CPN) culpas	<carregar> com as culpas	(CP1) estrelas	<levantar> com as estrelas
(CP1) curvas	<gostar> de curvas	(CP1) esturro	<cheirar> a esturro
(CPN) custa	<viver> a a custa	(CP1) evidência	<dobrar> a a evidência
(CP1) dança	<entrar> em a dança	(CP1) evidência	<render> a a evidência
(CP1) dedo	<chuchar> em o dedo	(CP1) evidência	<vergar> a a evidência
(CP1) dedo	<dar> a o dedo	(CPP) exemplo	<servir> de exemplo a Nhum
(CPP) degrau	<servir> de degrau a Nhum	(CP1) faca	<ir> a a faca
(CPP) degrau	<servir> de degrau para Nhum	(CP1) factos	<cingir> a os factos
(CP1) deixa	<pegar> em a deixa	(CPP) fala	<chegar> a a fala com Nhum
(CP1) dente	<dar> a o dente	(CPP) farol	<servir> de farol a Nhum
(CPP) dentes	<dar> com a língua em os dentes	(CPP) farol	<servir> de farol para Nhum
(CP1) dentes	<rir> com todos os dentes	(CP1) férias	<ir> de férias
(CP1) dentro	<olhar> para dentro	(CPN) ferida	<mexer> em a ferida
(CP1) deserto	<pregar> em o deserto	(CPN) ferida	<tocar> em a ferida
(CPP) despacho	<ir> a despacho a Nhum	(CP1) ferro frio	<bater> em ferro frio
(CP1) despesas	<cortar> em as despesas	(CP1) ferro frio	<malhar> em ferro frio
(CP1) despesas	<olhar> a despesas	(CP1) figura	<mudar> de figura
(CP1) detalhes	<entrar> em detalhes	(CP1) fim	<chegar> a o fim
(CPP) Deus	<adorar> a Deus e a o Diabo	(CP1) fim de semana	<ir> de fim de semana
(CPP) Deus	<agradar> a Deus e a o Diabo	(CP1) fim do mundo	<ir> até a o fim do mundo
(CPP) Deus	<pedir> a Deus e a o Diabo	(CPN) fita	<ir> em a fita
(CPP) Deus	<servir> a Deus e a o Diabo	(CPP) focinha	<dar> com a focinha em a porta
(CPP) Deus	<servir> a Deus e a o Diabo	(CP1) focinha	<levar> em a focinha
(CP1) dia de amanhã	<olhar> para o dia de amanhã	(CPP) focinho	<apanhar> em o focinho de Nhum
(CP1) dia de amanhã	<pensar> em o dia de amanhã	(CPP) focinho	<apanhar> em o focinho de Nhum
(CPP) Diabo	<adorar> a Deus e a o Diabo	(CPP) focinho	<bater> com o focinho em a porta
(CPP) Diabo	<agradar> a Deus e a o Diabo	(CPP) focinho	<comer> em o focinho Nhum
(CP1) Diabo	<ir> para o Diabo	(CPN) focinho	<dar> em o focinho
(CPP) Diabo	<pedir> a Deus e a o Diabo	(CPP) focinho	<dar> com o focinho em a porta
(CPP) Diabo	<servir> a Deus e a o Diabo	(CPN) focinho	<ir> a o focinho
(CPP) Diabo	<servir> a Deus e a o Diabo	(CP1) focinho	<levar> em o focinho
(CP1) diante	<ir> por diante	(CPP) focinho	<levar> em o focinho de Nhum
(CPP) diapasão	<afinar> por o mesmo diapasão de Nhum	(CPN) focinho	<rir> em o focinho
(CP1) dinheiro	<nadar> em dinheiro	(CP1) fogo	<brincar> com o fogo
(CP1) direcções	<disparar> em todas as direcções	(CP1) fogo	<cheirar> a fogo
(CPP) duelo	<bater> em duelo com Nhum	(CP1) fogo	<tocar> a fogo
(CP1) ela	<dar> com ela	(CPP) fora	<acordar> com os pés de fora
(CP1) ela	<dar> por ela	(CP1) fora	<ir> para fora
(CP1) elástico	<saltar> a o elástico	(CPP) fora	<ir> lá fora
(CPP) elogios	<desfazer> em elogios a Nhum	(CPP) fora	<ir> lá para fora
(CPP) emenda	<ficar> de emenda a a Nhum	(CP1) frente	<ir> em frente
(CPP) emenda	<servir> de emenda a Nhum	(CPN) frente	<sair> de a frente
(CPN) encaço	<ir> em o encaço	(CP1) fresco	<pôr> a o fresco
(CP1) encomendas	<chegar> para as encomendas	(CPP) frigideira	<cair> de a panela para a frigideira
(CP1) encomendas	<dar> para as encomendas	(CPP) frigideira	<sair> de a panela para a frigideira
(CPP) escada	<servir> de escada a Nhum	(CPN) fronha	<ir> a a fronha

(CP1) frosques	<dar> de frosques	(CP1) largo	<pôr> a o largo
(CPP) fuças	<apanhar> em as fuças de Nhum	(CP1) leite	<chorar> sobre o leite derramado
(CPN) fuças	<ir> a as fuças	(CP1) liça	<ir> a a liça
(CPP) fuças	<levar> em as fuças de Nhum	(CP1) liça	<vir> a a liça
(CP1) fumaça	<desfazer> em fumaça	(CP1) lição	<precisar> de uma lição
(CP1) fumaça	<esvair> em fumaça	(CPN) licença	<ir> de licença de maternidade
(CP1) fumaça	<esvanecer> em fumaça	(CPN) licença	<ir> de licença de parto
(CP1) fumo	<desfazer> em fumo	(CPN) licença	<ir> de licença de parternidade
(CP1) fumo	<esvair> em fumo	(CP1) licença graciosa	<ir> de licença graciosa
(CP1) fumo	<esvanecer> em fumo	(CP1) licença sabática	ir> de licença sabática
(CP1) fundo	<bater> em o fundo	(CP1) limites	<passar> de os limites
(CP1) fundo	<chegar> a o fundo	(CP1) língua	<dar> a a língua
(CP1) fundo	<ir> a o fundo	(CPP) língua	<dar> a a língua com Nhum
(CP1) fundo da questão	<chegar> a o fundo da questão	(CPP) língua	<dar> com a língua em os dentes
(CP1) fundo da questão	<ir> a o fundo da questão	(CPN) língua	<puxar> por a língua
(CP1) fundo do poço	<bater> em o fundo do poço	(CP1) língua de palmo	jogar> em língua de palmo
(CP1) fundo do poço	<chegar> a o fundo do poço	(CP1) língua de palmo	pagar> com língua de palmo
(CP1) fundo do poço	<ir> a o fundo do poço	(CPN) lombo	<sair> de o lombo
(CP1) futuro	<pensar> em o futuro	(CP1) longe	<ver> a o longe
(CP1) galheiro	<ir> para o galheiro	(CPP) longe	<ver> bem a o longe
(CP1) galho	<pisar> em galho seco	(CPP) longe	<ver> mal a o longe
(CP1) galinhas	<deitar> com as galinhas	(CP1) louros	<dormir> sobre os louros
(CP1) galinhas	<dormir> com as galinhas	(CP1) Lucas	<armar> em Lucas
(CP1) galinhas	<levantar> com as galinhas	(CP1) Lucas	<fazer> de Lucas
(CP1) galo	<cantar> de galo	(CP1) lume	<sair> a lume
(CP1) galo	<levantar> com o galo	(CP1) lume	<vir> a lume
(CPP) gamela	<comer> de a mesma gamela com Nhum	(CP1) lume	<voltar> a lume
(CPP) ganso	<passar> de pato a ganso	(CP1) lume brando	<ferver> em lume brando
(CP1) garrafa	<conversar> com a garrafa	(CP1) luta	<ir> a a luta
(CPN) garras	<cair> em as garras	(CP1) luta	<voltar> a a luta
(CP1) gastos	<dar> para os gastos	(CP1) má fé	<usar> de má fé
(CP1) graça de Deus	<viver> de a graça de Deus	(CP1) madeira	<bater> em a madeira
(CP1) grande	<fazer> de grande	(CPP) mal	<bater> mal de a bola
(CP1) Gregório	<chamar> por o Gregório	(CPP) mal	<bater> mal de a cabeça
(CPP) gregos	<agradar> a gregos e troianos	(CPP) mal	<bater> mal de a cabeça
(CPP) gregos	<agradar> a gregos e a troianos	(CPP) mal	<bater> mal de a cachola
(CPP) gregos	<contentar> a gregos e troianos	(CPP) mal	<bater> mal de a pinha
(CPP) gregos	<contentar> a gregos e a troianos	(CPP) mal	<ir> de mal a pior
(CPP) Herodes	<andar> de Herodes para Pilatos	(CPP) mal	<regular> mal de a bola
(CPP) Herodes	<correr> de Herodes para Pilatos	(CPP) mal	<regular> mal de a cabeça
(CPP) Herodes	<ir> de Herodes para Pilatos	(CPP) mal	<regular> mal de a cachola
(CP1) História	<ficar> para a História	(CPP) mal	<regular> mal de a pinha
(CP1) história	<passar> a a história	(CPP) mal	<ver> mal a o longe
(CP1) hora	<aguardar> por Pos:fs hora	(CPP) mal	<ver> mal a o perto
(CP1) hora	<esperar> por Pos:fs hora	(CPN) malhas	<cair> em as malhas
(CP1) inimigo	<dormir> com o inimigo	(CPP) mamãs	<brincar> a os mamãs e a as papás
(CP1) isso	<dar> por isso	(CPP) mamãs	<brincar> a os papás e a as mamãs
(CP1) janela	<atirar> de a janela	(CP1) maneta	<ir> para o maneta
(CP1) jardim das tabuletas	<ir> para o jardim das tabuletas	(CP1) mão	<caber> em uma mão fechada
(CP1) jogo	<entrar> em jogo	(CP1) mão	<caber> em uma mão só
(CPN) jogo	<entrar> em o jogo	(CP1) mão	<caber> em uma mão
(CPP) juízo	<bater> bem de o juízo	(CP1) mão	<mudar> de mão
(CP1) juízo	<sofrer> de o juízo	(CPP) mão	<bater> com a mão em a mesa
(CPP) lá	<ir> lá fora	(CPP) mão	<bater> com a mão em a testa
(CPP) lá	<ir> lá para fora	(CPN) mãos	<cair> em as mãos
(CPN) laço	<cair> em o laço	(CPN) mãos	<chegar> a as mãos
(CP1) ladainha	<começar> com a ladainha	(CP1) mãos	<estar> em Pos:fp mãos
(CP1) lado	<passar> para o outro lado	(CPN) mãos	<passar> por as mãos
(CP1) lados	<atirar> para todos os lados	(CP1) mapa	<aparecer> em o mapa
(CP1) lados	<atirar> para todos os lados	(CP1) mapa	<desaparecer> de o mapa
(CP1) lados	<dar> para os dois lados	(CP1) mapa	<sumir> de o mapa
(CP1) lados	<disparar> para todos os lados	(CP1) mapa	<vir> em o mapa
(CP1) lados	<jogar> para os dois lados	(CP1) mar	<fazer> a o mar
(CP1) lágrimas	<debulhar> em lágrimas	(CP1) mar	<ir> a o mar
(CP1) lágrimas	<desfazer> em lágrimas	(CP1) marcas	<passar> de as marcas

(CP1) maré	<ir> contra a maré	(CP1) ouro	<nadar> em ouro
(CP1) maré	<lutar> contra a maré	(CP1) outra	<partir> para outra
(CP1) maré	<nadar> contra a maré	(CP1) outro mundo	<ir> para o outro mundo
(CP1) maré	<navegar> contra a maré	(CP1) ouvidos	<emprenhar> por os ouvidos
(CP1) maré	<remar> contra a maré	(CP1) ouvidos	<engravidar> por os ouvidos
(CP1) marés	<navegar> entre duas marés	(CPP) ovo	<contar> com o ovo em o cú da galinha
(CP1) marmita	<passar> de a marmita	(CP1) pacote	<vir> em o pacote
(CP1) matadouro	<ir> para o matadouro	(CP1) palavra	<cumprir> com Pos:fs palavra
(CP1) medida	<beber> por a medida grande	(CP1) palavra	<faltar> a Pos:fs palavra
(CP1) medida	<comer> por a medida grande	(CP1) palavra	<faltar> a a palavra dada
(CPP) medida	<levar> por a mesma medida de Nhum	(CPN) palavra	<pegar> em a palavra
(CP1) medidas	<passar> de as medidas	(CP1) palavra	<usar> de a palavra
(CP1) meios	<olhar> a meios	(CPP) palavra	<voltar> com a palavra atrás
(CPP) melhor	<ir> de esta para melhor	(CP1) palavra	<cumprir> com a palavra dada
(CP1) melhor dos mundos	<viver> em o melhor dos mundos	(CPP) palavras	<passar> das as palavras a os actos
(CP1) meninas	<ir> a as meninas	(CPP) panela	<cair> de a panela para a frigideira
(CP1) merda	<ir> a a merda	(CPP) panela	<sair> de a panela para a frigideira
(CPP) mesa	<bater> com a mão em a mesa	(CPP) papás	<brincar> a os papás e a as mamãs
(CPP) metade	<saber> de a missa a metade	(CPP) papás	<brincar> a os mamãs e a as papás
(CPP) missa	<saber> de a missa a metade	(CPP) papo	<viver> de papo para o ar
(CPP) moeda	<pagar> em a mesma moeda a Nhum	(CPP) parede	<bater> com a cabeça em a parede
(CP1) moinhos de vento	<jogar> em o moinhos de vento	(CPP) parede	<dar> com os cornos em a parede
(CP1) moinhos de vento	<lutar> com moinhos de vento	(CP1) parede	<ir> a a parede
(CP1) moinhos de vento	<lutar> contra moinhos de vento	(CP1) paredes	<amarinhar> por as paredes
(CP1) molhado	<chover> em o molhado	(CPP) paredes	<amarinhar> por as paredes acima
(CPP) mona	<bater> bem de a mona	(CPP) paredes	<bater> com a cabeça em as paredes
(CP1) mona	<regular> de a mona	(CPP) paredes	<dar> com a cabeça em as paredes
(CP1) mona	<regular> de a mona	(CPP) paredes	<marinhar> por as paredes acima
(CP1) mona	<sofrer> de a mona	(CP1) paredes	<subir> a as paredes
(CP1) morte da bezerra	<cismar> com a morte da bezerra	(CPP) paredes	<subir> por as paredes acima
(CP1) morte da bezerra	<cismar> em a morte da bezerra	(CP1) paredes	<trepar> a as paredes
(CP1) morte da bezerra	<pensar> em a morte da bezerra	(CPP) paredes	<trepar> por as paredes acima
(CP1) mouche	<acertar> em a mouche	(CP1) partes	<ir> por partes
(CP1) mundo	<morror> para o mundo	(CPP) pato	<passar> de pato a ganso
(CP1) mundo	<partir> para o outro mundo	(CP1) pau de dois bicos	<jogar> com um pau de dois bicos
(CP1) mundo	<passar> para o outro mundo	(CP1) paz do Senhor	<adormecer> em a paz do Senhor
(CP1) mundo	<vir> a o mundo	(CP1) pé	<aguentar> em pé
(CP1) mundo da lua	<viver> em o mundo da lua	(CP1) pé	<aguentar> em pé
(CP1) nada	<começar> de o nada	(CP1) pé	<dar> a o pé
(CP1) nada	<dar> em nada	(CP1) pé	<dormir> em pé
(CP1) nada	<partir> de o nada	(CP1) pé	<ir> por Pos:ms próprio pé
(CP1) nada	<recomeçar> de o nada	(CP1) pé	<ter> em pé
(CP1) nada	<surgir> de o nada	(CP1) pé	<vir> por Pos:ms próprio pé
(CP1) nada	<vir> de o nada	(CP1) pecados	<pagar> por Pos:mp pecados
(CPP) nariz	<bater> com o nariz em a porta	(CP1) pedaços	<cair> a os pedaços
(CPP) nariz	<dar> com o nariz em a porta	(CP1) pedestal	<cair> de Pos:m> pedestal
(CPP) nariz	<dar> com o nariz em terra	(CP1) pedestal	<descer> de Pos:m> pedestal
(CPP) nariz	<estar> de nariz para o ar	(CPP) pedestal	<servir> de pedestal a Nhum
(CP1) nós	<estar> entre nós	(CPP) pedestal	<servir> de pedestal para Nhum
(CP1) nuvens	<ir> a as nuvens	(CP1) peito	<bater> em o peito
(CP1) óculos	<precisar> de óculos	(CPN) pelo	<ir> a o pelo
(CP1) óculos	<precisar> de uns óculos	(CP1) penantes	<recolher> a penantes
(CP1) óculos	<precisar> de uns óculos mais fortes	(CP1) penantes	<regressar> a penantes
(CP1) ofício	<entender> de o ofício	(CP1) penates	<recolher> a penates
(CP1) ofício	<perceber> de o ofício	(CP1) penates	<regressar> a penates
(CP1) ofício	<saber> de o ofício	(CP1) perna	<dar> a a perna
(CPN) olhos	<crescer> a os olhos	(CP1) pernas	<aguentar> em as pernas
(CPP) olhos	<dar> com os olhos em Nhum	(CP1) pernas	<aguentar> em as pernas
(CPN) ombro	<chorar> em o ombro	(CP1) pernas	<ter> em as pernas
(CP1) onda	<ir> em a onda	(CP1) perto	<ver> a o perto
(CP1) ontem	<olhar> para ontem	(CPP) perto	<ver> bem a o perto
(CP1) orelhas	<levar> em as orelhas	(CPP) perto	<ver> mal a o perto
(CPP) ossos	<malhar> com os ossos em o chão	(CPP) pés	<acordar> com os pés de fora
(CPP) ossos	<malhar> com os ossos em a choça	(CP1) pés	<andar> por Pos:mp próprios pés
		(CPN) pés	<atirar> a os pés

(CP1) pés	<avançar> por Pos:mp próprios pés	(CP1) prego	<carregar> em o prego
(CPN) pés	<cair> a os pés	(CP1) príncipe	<sonhar> com Pos:ms príncipe encantado
(CPP) pés	<dar> com os pés a o Nhum	(CP1) príncipe encantado	<jogar> a príncipe encantado
(CPP) pés	<estar> com os pés para a cova	(CPP) prisão	<bater> com os costados em prisão
(CPP) Pilatos	<andar> de Herodes para Pilatos	(CP1) priza	<ir> para a priza
(CPP) Pilatos	<correr> de Herodes para Pilatos	(CP1) promessa	<faltar> a Pos:fs promessa
(CPP) Pilatos	<ir> de Caifás para Pilatos	(CP1) promessa	<faltar> a a promessa feita
(CPP) Pilatos	<ir> de Herodes para Pilatos	(CP1) público	<vir> a público
(CP1) pildra	<ir> para a pildra	(CP1) puta da brincadeira	<andar> em a puta da brincadeira
(CP1) pingarelho	<armar> a o pingarelho	(CP1) putas	<ir> a as putas
(CP1) pingarelho	<armar> a o pingarelho	(CPP) quatro	<cair> de quatro por Nhum
(CPP) pinha	<bater> mal de a pinha	(CP1) queixo	<dar> a o queixo
(CP1) pinha	<regular> de a pinha	(CP1) queixos	<dar> a os queixos
(CPP) pinha	<regular> bem de a pinha	(CP1) quinta das tabuletas	<ir> para a quinta das tabuletas
(CPP) pinha	<regular> mal de a pinha	(CP1) quintos dos infernos	<ir> para os quintos dos infernos
(CP1) pinha	<sofrer> de a pinha	(CP1) rabo	<dar> a o rabo
(CPP) pior	<ir> de mal a pior	(CPP) rabo	<fugir> com o rabo a a seringa
(CPP) piso	<fazer> a o piso a Nhum	(CPN) raça	<acabar> com a raça
(CP1) pista	<fazer> a a pista	(CP1) ramo verde	<pisar> em ramo verde
(CP1) poda	<entender> de a poda	(CPP) rampa de lançamento	<servir> de rampa de lançamento a Nhum
(CP1) poda	<perceber> de a poda	(CP1) ratoeira	<cair> em uma ratoeira
(CP1) poda	<saber> de a poda	(CPN) ratoeira	<cair> em a ratoeira
(CP1) podre	<cair> de podre	(CPP) razão de juros	<andar> com a cabeça a a razão de juros
(CP1) poleiro	<cair> de o poleiro	(CPN) reboque	<ir> a reboque
(CP1) poleiro	<cantar> de poleiro	(CPN) rede	<cair> em a rede
(CP1) pólvora	<brincar> com a pólvora	(CP1) regra	<fugir> a a regra
(CP1) ponte	<dormir> debaixo de a ponte	(CP1) rendimentos	<viver> de os rendimentos
(CPN) ponto sensível	<tocar> em o ponto sensível	(CP1) reserva	<passar> a a reserva
(CP1) ponto zero	<começar> de o ponto zero	(CP1) retirada	<bater> em retirada
(CP1) ponto zero	<partir> de o ponto zero	(CPP) rifa	<calhar> em a rifa em Nhum
(CP1) ponto zero	<recomeçar> de o ponto zero	(CPP) rifa	<sair> em a rifa a Nhum
(CPP) pontos	<perder> a os pontos a Nhum	(CP1) rodas	<andar> sobre rodas
(CPP) popa	<ir> de vento em popa	(CP1) roleta russa	<jogar> a a roleta russa
(CP1) porta	<bater> a porta	(CP1) roupa do corpo	<sair> com a roupa do corpo
(CP1) porta	<bater> a a porta errada	(CP1) rua	<dormir> em a rua
(CP1) porta	<bater> a a porta certa	(CP1) rua	<ir> a a rua
(CPP) porta	<bater> com a porta a Nhum	(CP1) rua	<ir> para a rua
(CPP) porta	<bater> com a porta de a cara	(CP1) rua	<ir> para a rua
(CPP) porta	<bater> com a cabeça em a porta	(CP1) rua	<sair> a a rua
(CPP) porta	<bater> com o focinho em a porta	(CP1) rua	<sair> a a rua
(CPP) porta	<bater> com o nariz em a porta	(CP1) rua	<viver> em a rua
(CPP) porta	<bater> com as trombas em a porta	(CP1) rua	<viver> em a rua
(CPP) porta	<dar> com a porta em a cara	(CP1) sabática	<ir> de sabática
(CPP) porta	<dar> com a cara em a porta	(CP1) saias da mãe	<enfiar> debaixo de as saias da mãe
(CPP) porta	<dar> com a focinha em a porta	(CP1) saias da mãe	<enfiar> sob as saias da mãe
(CPP) porta	<dar> com o focinho em a porta	(CP1) saias da mãe	<meter> debaixo de as saias da mãe
(CPP) porta	<dar> com o nariz em a porta	(CP1) saias da mãe	<meter> sob as saias da mãe
(CPP) porta	<dar> com as trombas em a porta	(CP1) saias da mãe	<pôr> debaixo de as saias da mãe
(CP1) porta	<entrar> por a porta da frente	(CP1) saias da mãe	<pôr> sob as saias da mãe
(CP1) porta	<entrar> por a porta de trás	(CP1) saias da mãe	<proteger> sob as saias da mãe
(CP1) porta	<entrar> por a porta do cavalo	(CP1) saias da mãe	<proteger> sob as saias da mãe
(CP1) porta	<entrar> por a porta dos fundos	(CP1) salto	<descer> de o salto
(CP1) porta	<estar> a a porta	(CP1) sapatos de defunto	<contar> sapatos de defunto
(CP1) porta	<fugir> por a porta trás	(CP1) sapatos de defunto	<esperar> por sapatos de defunto
(CP1) portas	<pedir> a as portas todas	(CPN) saúde	<tratar> de a saúde
(CP1) posteridade	<passar> a a posteridade	(CP1) seco	<dar> em seco
(CP1) postes	<acertar> em os postes	(CP1) seco	<engolir> em seco
(CPP) pote	<ir> com muita sede a o pote	(CP1) seco	<nadar> em seco
(CP1) praia	<morrer> em a praia	(CPP) sede	<ir> com muita sede a o pote
(CP1) pranto	<desfazer> em um pranto	(CP1) seguro	<jogar> por o seguro
(CP1) prantos	<desfazer> em prantos	(CP1) senhor	<adormecer> em o senhor
(CPP) prato	<comer> de o mesmo prato de Nhum	(CP1) sepultura	<baixar> a a sepultura
(CPP) pratos	<bater> com os pratos em a cara	(CP1) sepultura	<descer> a a sepultura
(CPP) pratos	<dar> com os pratos em a cara	(CPP) seringa	<fugir> com o rabo a a seringa
(CP1) prazo	<passar> de o prazo	(CP1) serviço	<brincar> em serviço

(CP1) sétimo céu	<ir> para o sétimo céu	(CPP) toutiço	<apanhar> em o toutiço de Nhum
(CP1) sétimo céu	<subir> a o sétimo céu	(CPP) toutiço	<comer> em o toutiço Nhum
(CP1) seus	<sair> a os seus	(CPN) toutiço	<dar> em o toutiço
(CP1) sinal	<avançar> em o sinal	(CPP) toutiço	<levar> em o toutiço de Nhum
(CP1) sinal vermelho	<avançar> em o sinal vermelho	(CP1) toutiço	<sofrer> de o toutiço
(CP1) slide	<dar> a o slide	(CP1) trabalhos	<meter> em trabalhos
(CP1) socorro	<gritar> por socorro	(CP1) tramontana	<passar> de a tramontana
(CP1) socorro	<pedir> por socorro	(CPP) trampolim	<servir> de trampolim a Nhum
(CP1) sol	<levantar> com o sol	(CPP) trampolim	<servir> de trampolim para Nhum
(CP1) sola	<dar> a a sola	(CPP) trás	<dar> para trás a Nhum
(CP1) sombra	<agir> em a sombra	(CP1) trás	<olhar> para trás
(CP1) sombra	<trabalhar> em a sombra	(CP1) trás	<voltar> para trás
(CPN) sombra	<viver> a a sombra	(CP1) travesseiro	<conversar> com o travesseiro
(CPN) sombra	<viver> em a sombra	(CPP) troianos	<agradar> a gregos e troianos
(CP1) sono	<aferrar> em o sono	(CPP) troianos	<agradar> a gregos e a troianos
(CP1) sono	<ferrar> em o sono	(CPP) troianos	<contentar> a gregos e troianos
(CP1) sono	<pegar> em o sono	(CPP) troianos	<contentar> a gregos e a troianos
(CP1) susto	<chegar> para o susto	(CPP) trombas	<apanhar> em as trombas de Nhum
(CP1) susto	<dar> para o susto	(CPP) trombas	<apanhar> em as trombas de Nhum
(CP1) susto	<ganhar> para o susto	(CPP) trombas	<bater> com as trombas em a porta
(CP1) tabaco	<chegar> para o tabaco	(CP1) trombas	<comer> em as trombas
(CP1) tabaco	<dar> para o tabaco	(CPP) trombas	<comer> em as trombas Nhum
(CP1) tabaco	<ganhar> para o tabaco	(CPN) trombas	<dar> em as trombas
(CPP) tacho	<comer> em o mesmo tacho de Nhum	(CPP) trombas	<dar> com as trombas em a porta
(CP1) tacho	<ganhar> para o tacho	(CPN) trombas	<ir> a as trombas
(CPP) tampa	<dar> com uma tampa a Nhum	(CP1) trombas	<levar> em as trombas
(CP1) tapete	<ir> a o tapete	(CPP) trombas	<levar> em as trombas de Nhum
(CPP) tapete	<servir> de tapete a Nhum	(CPN) trombas	<rir> em as trombas
(CPP) tapete	<servir> de tapete para Nhum	(CP1) trono	<ascender> a o trono
(CP1) tecla	<bater> em Dem:ms tecla	(CP1) trono	<renunciar> a o trono
(CP1) tecla	<insistir> em a mesma tecla	(CP1) trono	<subir> a o trono
(CP1) tecla	<martelar> em a mesma tecla	(CP1) túmulo	<descer> a o túmulo
(CP1) tecla	<tocar> em a tecla mágica	(CP1) uma	<sair> com cada uma
(CP1) tecla	<tocar> em a mesma tecla	(CP1) umbigo	<olhar> para Pos:ms umbigo
(CPP) tecto	<viver> debaixo de o mesmo tecto de Nhum	(CP1) umbigo	<olhar> para Pos:ms próprio umbigo
(CP1) tema	<fugir> a o tema	(CP1) umbigo	<pensar> em Pos:ms umbigo
(CP1) tempo da outra senhora	<voltar> a o tempo da outra senhora	(CP1) umbigo	<pensar> em Pos:ms próprio umbigo
(CP1) tempo da vaca fria	<voltar> a o tempo da vaca fria	(CP1) unha	<dar> a a unha
(CP1) tempo das vacas gordas	<voltar> a o tempo das vacas gordas	(CPN) unhas	<cair> em as unhas
(CP1) tentação	<cair> em tentação	(CPP) veículo	<servir> de veículo a Nhum
(CP1) terra	<cair> por terra	(CPP) veículo	<servir> de veículo para Nhum
(CPP) terra	<dar> com o nariz em terra	(CPP) vendas	<dar> com as vendas em o chão
(CP1) terra	<descer> a a terra	(CPP) vento	<ir> de vento em popa
(CP1) terra	<ir> a terra	(CP1) verdade	<faltar> a a verdade
(CP1) terra	<ir> a a terra	(CP1) verdade	<fugir> a a verdade
(CPN) terra	<ir> a a terra	(CPP) vias de facto	<chegar> a vias de facto com Nhum
(CP1) terreiro	<sair> a terreiro	(CPP) vias de facto	<passar> a vias de facto com Nhum
(CP1) terreiro	<vir> a terreiro	(CPN) vida	<acabar> com a vida
(CP1) terreiro	<vir> a terreiro	(CP1) vida	<fazer> a a vida
(CPP) testa	<bater> com a mão em a testa	(CP1) vida	<fazer> por a vida
(CPP) testa	<nascer> com uma estrela em a testa	(CP1) vida	<ir> a a vida
(CP1) tintas	<carregar> em as tintas	(CP1) vida	<ir> a a vida
(CPP) tintas	<estar> em as tintas para Nhum	(CPN) vida	<meter> em a vida
(CP1) toca	<sair> de a toca	(CPN) vida	<mexer> com a vida
(CP1) todas	<ir> a todas	(CP1) vida	<mudar> de vida
(CPP) tola	<bater> bem de a tola	(CP1) vida	<sepultar> em vida
(CP1) tola	<regular> de a tola	(CP1) vida	<subir> em a vida
(CP1) tola	<sofrer> de a tola	(CP1) vida	<tratar> de a vida
(CP1) tom	<mudar> de tom	(CP1) vida	<vencer> em a vida
(CP1) torto	<correr> para o torto	(CP1) vida	<tratar> de a vida
(CP1) torto	<dar> para o torto	(CP1) vidinha	<tratar> de a vida
(CPP) toutiço	<apanhar> em o toutiço de Nhum	(CP1) Vila Diogo	<ir> às de Vila Diogo
		(CPP) vinagre	<passar> de o vinho a o vinagre
		(CPP) vinho	<mudar> de a água para o vinho
		(CPP) vinho	<passar> de o vinho a o vinagre
		(CP1) viola	<ir> a a viola

(CP1) vistas <dar> em as vistas  
(CP1) xadrez <ir> para o xadrez  
(CP1) xilindró <ir> para o xilindró

(CP1) zero <começar> de o zero  
(CP1) zero <partir> de o zero  
(CP1) zero <recomeçar> de o zero

MATRIZES  
LÉXICO-SINTÁCTICAS

# ÍNDICE